



# EDUCAÇÃO

## CONTINUADA

**N.5** *EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIAS E SUAS  
TECNOLOGIAS*



Revista Educação Continuada

São Paulo, SP, Educação, Ciências e suas Tecnologias, V.5 n.5, maio 2023.

**CEQ Educacional**

# Revista Educação Continuada

## Educação, Ciência e suas Tecnologias

São Paulo - SP, V.5 n.5, maio 2023

### Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva  
 Prof. Dr. Flávio da Silva  
 Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho  
 Me. André Santana Mattos

### Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva  
 Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho  
 Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos  
 Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier  
 Prof. Dr. André Magalhães Coelho

### Revisão e Editoração

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

### Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe]  
 Prof. Me. Enésio Marinho da Silva - Vol.5, n.5 (maio, 2023) - CEQ  
 Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional,

124p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/article/64773dcda9539566944b9f63>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 31/05/2023

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;  
 I. Título

CDU 37/49  
 CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



**CEQ Educacional**

# SUMÁRIO

p.05 - 11

**A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DE ENSINO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Autor(a): **Cintia Alves Barbosa de Santa Barbara**

---

p.12 – 16

**ALIMENTAÇÃO E EDUCAÇÃO**

Autor(a): **Eduardo Privatelli**

---

p.17 – 21

**IMPACTOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Autor(a): **Eduardo Privatelli**

---

p.22 – 27

**PRÁTICA HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTO JUVENIL**

Autor(a): **Marcia Ramos da Silva**

---

p.28 – 42

**O ENSINO INFANTIL ATRAVÉS DA MUSICA**

Autor(a): **Larissa Amorim Staniscia Gonçalves Serra**

---

p.43 – 48

**A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Autor(a): **Larissa Amorim Staniscia Gonçalves Serra**

---

p.49 – 56

**A INDISCIPLINA ESCOLAR**

Autor(a): **Josefina Karen Muniz da Penha**

---

p.57 – 69

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autor(a): **Camila Conceição Marques**

---

p.70 – 75

**O SUPORTE PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO**

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

---

p.76 – 85

**A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO**

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

---

p.86 – 96

### **A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

---

p.97 – 110

### **O PROCESSO EVOLUCIONAL DA EDUCAÇÃO**

Autor(a): **Sandra Regina Fortuna**

---

p.111 – 117

### **HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADA**

Autor(a): **Andreia Maria Vieira**

---

p.113 – 119

### **A INDISCIPLINA COMO MEDIAÇÃO ESCOLAR**

Autor(a): **Andreia Maria Vieira**

---

p.120 – 130

### **CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA**

Autor(a): **Érika Massu de Oliveira**

---

## A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DE ENSINO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Autor(a): **Cintia Alves Barbosa de Santa Barbara**

### Resumo

A escola, na maioria das vezes, é o primeiro espaço no qual as crianças e adolescentes saem do convívio familiar e passam a fazer parte de outros grupos com percepções e vivências diferentes. Ao longo de todo o caminho escolar, participarão direta ou indiretamente do aprender. Em alguns casos, essa ação não acontece da maneira esperada pela escola ou pela família, sendo necessário investigar quais fatores estão interferindo. O psicopedagogo é um profissional responsável por compreender os problemas de aprendizagem, bem como melhorar e aumentar as potencialidades dos educandos em conjunto com outros profissionais, a escola e a família. Através deste trabalho discutiremos a importância do psicopedagogo na instituição escolar e como esse profissional atua para um melhor desenvolvimento do educando

### INTRODUÇÃO

A Educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, como também cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria muito importante: o conhecimento. Dentro deste contexto, é imprescindível proporcionar aos educandos uma compreensão racional do mundo que o cerca, levando-os a um posicionamento de vida isento de preconceitos ou superstições e a uma postura mais adequada em relação a sua participação e contribuição como indivíduo na sociedade em que vive e do ambiente que ocupa.

Com as mudanças que estão ocorrendo o tempo todo na sociedade, como exemplo a banalização da informação, a era digital, da nova política, da nova economia e dos desequilíbrios familiares, torna-se necessário que o professor faça dos conteúdos habituais de suas disciplinas instrumentos, que além de qualificarem para a vida e para o mundo estimulem

capacidade e competências, com a interação de estimular todas as inteligências de seus alunos. (ANTUNES, 2002, p.47).

O professor deve se reconstruir, fazendo do aluno um ser crítico, auxiliando na formação de sua personalidade. Valorizar a luta pelo seu espaço na sociedade, rompendo barreiras evencendo obstáculos que a vida possa lhe proporcionar.

*Se os docentes têm a intenção de estimular em seus alunos o amor pelo saber e o respeito pela diversidade e criação, com certeza devem buscar o contraste crítico e reflexivo (GÓMEZ, 2001, p.304).*

*Segundo Pombo (2000, p.80), o educador deveria ter por objetivo preparar adultos livres de traumas psicológicos, pessoas que não estivessem intencionadas de tirar dos outros a felicidade que delas próprias foi retirada.*

O mundo está mudando cada vez mais e isso está ocorrendo a uma velocidade muito rápida e sem precedentes na evolução histórica de nossa humanidade. A globalização, o surgimento de novas tecnologias, como o avanço das telecomunicações e da informática, vem contribuindo para que ocorram mudanças, também, na Educação. A interação professor aluno vem se tornando cada vez mais dinâmica nos últimos anos. O professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer cada vez mais como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência construtiva.

O sentido do ensino-aprendizagem dependerá do entusiasmo do educador, da fantasia, de se educar com alegria sem pensar nos problemas em que estão envolvidos sabendo separar a saúde aula do que se passa em sua vida particular. O que torna necessário uma reflexão por parte dos educadores da importância da sua atuação profissional e da necessidade de se tomar conhecimento de si mesmo.

*Dessa forma, Antunes (2002, p.109) complementa afirmando que é essencial todo educador desenvolver a consciência de sua profissão e o sentido de solidariedade e justiça que a mesma expressa.*

Deixando claro o lado humano e cidadão de cada professor, suscetível de crítica e ávido de aprimoramento profissional, envolvido na consciência de um construtor da sociedade.

Partindo deste princípio pode-se considerar o docente como principal agente no processo de ensino, tendo um papel ativo na formação de seus alunos, auxiliando e incitando a reconstrução dos esquemas de pensamento, sentimento e comportamento

de cada indivíduo. Esta concepção inclui tanto despertar a ativa participação intelectual do próprio educando como facilitar o contraste com as formulações alternativas das representações críticas da cultura intelectual (GÓMEZ, 2001, p.300).

Os professores estão muitos presentes na vida de milhares de famílias, que lhes conferem a enorme responsabilidade pela educação de seus filhos, sabendo que, não faltará a sua atribuição e competência. A profissão professor é de suma importância, para a sociedade, pois o profissional trabalha, para formar um estudante, pleno de uma cultura geral e de diversidade, de um conhecimento científico, de raciocínio lógico, capacidade de comunicação e trabalho em grupo, que seja reflexivo e capaz de aprender a aprender, de ser, fazer e conhecer, além é claro de ser criativo habilidoso e competente.

## A PARTICIPAÇÃO E INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

Segundo Fernández:

(...) a transformação histórica do contexto sócio-histórico cultural é o resultado de um constante processo de evolução, ao qual a estrutura familiar vai semoldando e modificando, concomitantemente aos diversos momentos históricos vividos pela humanidade, assumindo características que são peculiares, dependendo do tipo de referência adotada como base para educação dos filhos em determinada época ou período. (FERNANDEZ, 1991, p. 97)

O conceito de família mudou bastante nos últimos tempos, não há mais aquele padrão de família, e sim uma diversidade de padrão familiar, com identidade própria em constante desenvolvimento, em constante mudança. Mas independente de qualquer mudança a família continua sendo o primeiro local de aprendizado das crianças, é através dela que acontece os primeiros contatos sociais e as primeiras experiências educacionais. A família está diretamente ligada as atitudes comportamentais da criança. Na maioria das vezes a influência que os pais exercem sobre seus filhos é inconsciente, pois não tem consciência de que seus comportamentos, sua maneira de ser e de falar, de tratar as pessoas, de enxergar a vida tem enorme influência sobre o desenvolvimento e aprendizagem do seu filho.

Os pais têm um papel importantíssimo no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso, apresentarem tarefas que não extrapolem a capacidade da criança forem coerentes

em suas exigências e aceitarem os fracassos estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de auto confiança e auto estima diante do mundo que a cerca. (Sabini, 1998, p.65)

Nota-se a grande importância dos pais no desenvolvimento cognitivo e evolutivo da criança, sua ausência no ensino aprendizagem dos alunos sem dúvidas podem ocasionar baixo desempenho e até mesmo a repetência escolar. A maioria dos pais vêem a escola como local de depósito de crianças, vão e matriculam seus filhos e só aparecem na escola quando seus filhos estão com problemas, baixo desempenho ou quando a coordenação manda chamá-lo. Sem o comprometimento da família não há como promover uma boa educação. A participação dos pais na vida escolar de seus filhos é fundamental e indispensável para que a criança se sinta amada e motivada a adquirir avanços significativos em sua aprendizagem. Sendo assim a família e a escola precisam andar juntas, ser pioneiras para que os alunos possam realmente ter um maior aproveitamento e desempenho na aprendizagem, não basta apenas à escola se preocupar na aprendizagem, os pais também precisam participar e se preocupar com a vida escolar de seu filho. O conhecimento e o aprendizado não são adquiridos somente na escola, mas também são construídos pela criança em contato com o social e principalmente dentro da família e no mundo que a cerca. A família é o primeiro vínculo da criança e sem dúvidas é a principal responsável por grande parte de sua educação e da sua aprendizagem. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo fazer a intervenção junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, por exemplo, de uma entrevista e de uma anamnese com essa família para tomar conhecimento de todas as informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social. Nessa perspectiva, o psicopedagogo nunca será apenas um mero “resolvedor” de problemas, mas sim um profissional que dentro de suas possibilidades e de sua especificidade, pode ajudar a instituição escolar a remover obstáculos que se interpõem entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos por meio da construção de práticas educativas que favoreçam processos de humanização e reapropriação da capacidade de pensamento crítico.

*As ações realizadas pelo psicopedagogo junto com o sujeito com transtorno procura promover a reelaboração do processo de aprendizagem, sendo assim essa intervenção propicia uma mudança na ação do sujeito em relação à aprendizagem. (Serrat, 2002, p.56)*



Dessa maneira, acredita-se que o trabalho da Psicopedagogia quando encontra consonância e parcerias na escola, pode surtir efeitos muito positivos para a minimização das dificuldades que emergem no contexto escolar, apesar de representar um constante desafio, pois requer o envolvimento de toda a equipe, e um desejo permanente de mudanças, para que as transformações, de fato, surjam, ocorram.

## CONCLUSÃO

A parceria entre família e escola é um dos principais elementos para o sucesso da educação. É comum acreditar que cada um deve cumprir seu papel separadamente. No entanto, os pais e a instituição de ensino devem estar em constante sintonia, tendo como objetivo final o pleno desenvolvimento infantil. Diferentes motivos levam a essa separação. Os pais deixam de se envolver no ambiente escolar e nas atividades e estratégias pedagógicas que envolvem a sua participação. Por outro lado, a família não sente que as suas demandas são acolhidas pelos gestores escolares.

Uma das formas para reverter esse cenário é compreender que a educação não é responsabilidade restrita da escola, assim como não está confinada aos muros da instituição. A sociedade como um todo, a escola, a família e outros ambientes estão envolvidos no desenvolvimento humano. Também é importante que a família permita ao aluno resolver questões relacionadas a socialização com outros colegas no ambiente escolar, sem interferir de maneira direta.

Já a escola deve possuir uma gestão democrática, capaz de incentivar a participação constante dos pais no ambiente escolar. Essa relação deve ir além dos encontros para discussão de questões burocráticas, como reclamações, boletins, reuniões, etc. É importante estar à disposição em horários mais acessíveis e demonstrar que a escola está aberta para o diálogo e novas sugestões.

A sintonia entre família e escola possibilita que o desenvolvimento da criança e o processo de aprendizagem sejam ampliados. Dessa forma, o aluno tem a oportunidade de vivenciar experiências educativas na escola e no convívio familiar. Além disso, também são benefícios da parceria família e escola:

- Aumento do rendimento escolar
- Maior envolvimento familiar na escola
- Acompanhamento constante da criança
- Desenvolvimento cognitivo e social do aluno, entre outros.

Dessa forma, fica mais fácil garantir uma educação de excelência para as crianças.

A formação pessoal e profissional implica a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. S. Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia: análise Crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. *Cadernos de Psicopedagogia*, v.3, n. 6, 70- 71, junh. 2004.
- BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS, Artmed, 2007. BRASIL, \_\_\_\_\_ . **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** São Paulo: Artmed, 2000
- Código de ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia IN [http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/codigo\\_de\\_etica.htm](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/codigo_de_etica.htm) - Reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do biênio 95/96 - acesso em 7/6/2011.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **Contribuições do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional**, -São Paulo: Lemos Editorial, 1997
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean- Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1970.
- Lei nº. 9394 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Acesso em: 28 de Junho de 2016.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais**. *Eccos Revista Científica*, volume 4, no 2. São Paulo: Universidade Nove de Julho, p. 79 a 88, 2002.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SÁNCHEZ-YCANO, Manuel, BONALS, Joan e colaboradores. **Avaliação psicopedagógica**. RS, Artmed, 2008.
- SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. **A psicologia da educação na formação docente**.

Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Nove de Julho - UNINOVE, 2007.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia institucional: controvérsias, possibilidades e limites** In SARGO, Claudete (org). **A práxis psicopedagógica brasileira**. São Paulo: ABPp

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica - uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 13ªed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2008.

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/a-importancia-do-psicopedagogo-na-escola>

## ALIMENTAÇÃO E EDUCAÇÃO

Autor(a): **Eduardo Priviatielli**

### Resumo

O presente artigo busca trazer a tona um dos problemas que a décadas faz parte da realidade de grande parte na sociedade brasileira, muito debatido, mas com uma necessidade de um olhar específico e aprofundado, de seus efeitos e consequências na formação da futura nação brasileira, a alimentação, fator essencial as necessidades básicas do ser humano, e que há muito, vem se transformando em uma das grandes dificuldades em países que apresentam características de subdesenvolvimento, onde o acesso às condições básicas de vida tornaram-se inacessível. A baixa condição econômica e social tornou-se fatores preponderantes para um desenvolvimento pleno das atividades ligadas a áreas do conhecimento, impactando diretamente nos resultados futuros de uma criança, comprometendo todo o desempenho da própria sociedade e os resultados econômicos finais do país, refletindo nos investimentos que levam a melhorias da própria sociedade.

**Palavras-chave:** Alimentação. Educação. Desigualdade Social. Desenvolvimento e Criança.

### INTRODUÇÃO

*“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.*

*Nelson Mandela*

No Brasil os resultados econômicos apresentados nos últimos anos, acrescido de uma pandemia que vitimou milhões de pessoas ao longo do mundo, desacelerou e até mesmo negativou resultados econômicos importantes para o países, diminuindo e eliminando o número de empregos, tal condição acabou por expor uma situação de gravidade que agora, atinge a milhões de pessoas ao longo do Brasil. Devemos observar que não se restringe apenas a questão do não acesso a alimentação, mas também a alimentação de qualidade que atenda

as necessidades da criança e adolescente, contribuindo para o pleno desenvolvimento de suas funções, e assim também para um correto desempenho escolar, uma vez que a má alimentação acarretará em diversos problemas que possam levar ao fraco desempenho e a incompleta formação deste indivíduo, comprometendo seu futuro e também de todo o país, visto o número de pessoas que encontramos nestas condições hoje.

As condições de alimentação, sofrem alterações nas diversas faixas da sociedade brasileira, tendo melhor condição e qualidade na alimentação as famílias que apresentam melhores recursos financeiros, onde podem buscar alimentos mais nutritivos, adequando-os às necessidades da família, tendo três ou mais refeições por dia em melhores condições de preparo, contribuindo para um melhor aproveitamento e desenvolvimento.

Em outra situação encontram-se as famílias que vivem em estado de pobreza ou pobreza extrema, onde alimentar-se não é uma certeza diária e a busca por alimentos alternativos com menor custo, reflete em uma alimentação que não compõem as necessidades diárias nem de um adulto nem tão pouco de uma criança em desenvolvimento.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão (BRASIL, 1988, p. 148)

### **Os impactos da má alimentação para a educação.**

Devemos considerar a educação como uma tarefa árdua, o desenvolvimento e a compreensão do conhecimento, são fatores envoltos em diversas considerações as quais muitas vezes encontram condições adversas ao que se espera, colocando os indivíduos em condições de desigualdades, levando a um coletivo de esforços múltiplos na abrangência de expectativas que às vezes não se consolidam, esta é uma condição que se repete ao longo do mundo, contudo esse leque de adversidades ganha uma redundância muitas vezes mais ampla, quando abordamos países que vivenciam desestruturas sociais, como a desigualdade social. Em um país como o Brasil, maior produtor de grãos no mundo contemporâneo, a fome não poderia ser considerada um fator constante na desigualdade social, porém ele faz parte do dia a dia de milhões de brasileiros, cuja ideia de três refeições balanceadas por dia não está presente.

A produção agrícola brasileira em sua grande parte exercida por grandes agricultores tem como foco a produção internacional, dificilmente contribuindo para o abastecimento do mercado interno, a produção

familiar de pequenas e médias lavouras, buscam suprir esta demanda. O uso e aperfeiçoamento de novas tecnologias embora a longo prazo sejam amenizadas pela capacidade produtiva, em primeiro momento provoca impacto nos preços dos alimentos.

Outro fator relevante ao preço do produto final está no transporte, no Brasil o principal modal de transportes é o sistema rodoviário, delimitada pela baixa capacidade de volume de carga e alto custo de manutenção, o uso de combustível fóssil é de alto impacto ambiental e alternadas variações no preço e oferta do produto, tornam-se também consequência no reajuste de preços.

As mudanças climáticas, vem se tornando primordiais na oferta e procura, uma vez que está interfere na produtividade elevando não apenas os custos de produção mas elevando o preço final do produto, uma vez que tornam-se interferentes na quantidade final do bem produzido.

Em tais condições a população de baixa renda, busca incessantemente por alternativas de substituição de produtos de elevado custo, alterando sua mesa por produtos com menor custo, interferindo diretamente nas necessidades básicas de crianças e adolescentes.

A falta de alimentação provoca em crianças e adolescentes a perda do peso, desnutrição, o surgimento de doenças, dentre outros fatores. A má alimentação é responsável por diversas doenças, como por exemplo, o aparecimento de doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, câncer, osteoporose, além da obesidade, cansaço, fadiga entre outras diversidades, o resultado é notoriamente verificado em sala de aula, na sonolência, irritabilidade, dificuldade de raciocínio, baixa imunidade levando a um considerável número de faltas.

Hoje na atual condição econômica a qual encontramos o país, o número de pessoas que se vem nesta condição ou muito próxima dela supera a ordem de sessenta milhões de brasileiros, incluídos neste grupo os dezessete milhões em situação de extrema pobreza, dados do IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatística 2022), o que corresponde a 29,4%.

“Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (Freire, 1987, p. 58)

Pode se ressaltar ainda que esta população hoje é atendida pelas escolas públicas, onde encontram nesta a realizam suas refeições e buscam orientações para suprir suas necessidades diárias, contudo a concretização de uma educação construtiva muitas vezes encontra, desafios superiores às expectativas da educação, levando a atrasos no processo de formação que impactaram esse indivíduo ao longo de sua vida nesta situação assistimos uma roda onde as questões de uma problemática gerada pela falta de recursos repetindo-se uma vez que estes indivíduos têm retirados de si a oportunidade do pleno desenvolvimento, que impactará em sua formação e

limita sua concorrência em uma condição plena de crescimento e aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pleno desenvolvimento de uma sociedade ampla, que visa o crescimento de todos os seus participantes e tem como foco o respeito ao próximo, é sempre um objetivo a ser alcançado por todos, porém a busca da subsistência nos leva a individualidade e na ampla proteção daqueles que nos rodeiam, uma sociedade justo vê a todos com a mesma igualdade e busca dar as oportunidades necessárias para uma concorrência justa e harmoniosa, cabe a todos, contudo ao estado a busca pelo resgate da dignidade desta sociedade que hoje se sente à margem da sociedade, a criança e adolescente, assim bem como todos os membros da sociedade devem encontrar apoio e condições para desenvolvimento de uma vida plena para que as necessidades futuras do estado, não se tornem mais necessárias.

A desigualdade social não pode tornar-se uma condição cotidiana nas sociedades modernas, a busca pela igualdade deve ser pautada com relevância a fim de suprir desafios como este. A educação se concretiza em ambiente harmoniosos do pensamento livre e motivador, capaz de buscar soluções e superar desafios de um mundo que supere seus obstáculos, contudo a fome tem se tornado um obstáculo enorme a ser superado, contribuindo para o aumento das ausências em sala de aula, das condições de uma educação superficial.

A ação deve ocorrer não apenas no estado, que deve atender a todos, mas também em uma sociedade que seja capaz de compreender suas complexidades e necessidades e ajudar a construir a nação do futuro, onde crianças não padecem pela fome e abandono.

## REFERÊNCIAS

MANDELA, N. Lighting your way to a better future. Planetarium. University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. 16th July 2003. Nota: Trecho do discurso proferido no lançamento do Mindset Network.

BRASIL, 1988. Artigo 148 da Constituição Federal de 1988. Jusbrasil

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.. MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

IBGE. Censo demográfico, 2022. Condições de vida, desigualdade e pobreza.

Painel de Mudanças Climáticas CURITIBA. Documentos. Mudanças climáticas e efeitos na saúde humana.



## IMPACTOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Autor(a): **Eduardo Priviatielli**

### Resumo

O presente artigo, visa ajudar na compreensão das condições encontradas na educação brasileira no mundo pós pandemia, onde fatores preponderantes contribuíram para ampliar a condição de baixa aprendizagem e desenvolvimento educacional, impactando o futuro da educação brasileira e de milhares de crianças e jovens que já se encontravam em situação de vulnerabilidade social.

**Palavras-chave:** Educação. Vulnerabilidade. Aprendizagem. Desenvolvimento. Desigualdade Social.

### INTRODUÇÃO

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”*

*Cora Coralina.*

Este artigo visa contribuir para o desenvolvimento de uma educação plena capaz de atender aos anseios de uma sociedade em desenvolvimento, que impactada, assim bem como todos os povos do nosso planeta no ano de 2019, quando todos foram levados a uma situação de confinamento provocado pela expansão de um vírus até então com alto índice de letalidade o COVID 19. O Brasil assim como muitos países do mundo, vivenciavam uma situação de busca da estabilidade econômica e desenvolvimento a qual se viu cerceada de suas capacidade e a diminuição de sua competitividade econômica e retração de sua economia, gerando impactos em diversas áreas dentre elas a educação.

Deve-se no entanto observar que tais condições são sentidas de maneiras diferentes pela sociedade uma vez que esta subdivide-se em camadas onde os ganhos mensais propiciam condições de vidas diferentes dentro dessa realidade econômica, onde segundos dados estatísticos do IBGE (Instituto brasileiro de Geografia e estatística,

2019) um quarto da população brasileira vive em situação de pobreza ou extrema pobreza, criando assim disparates de uma sociedade com maior ou menor acesso à educação, elevando o quadro de condições intangíveis a parte da sociedade que em situações normais de uma extrema já bastante fragmentada formação acadêmica, encontra-se mais equidistante de uma consolidação de sua estrutura financeira e melhora da qualidade de vida.]

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades humanas (LEONTIEV, 2004, p. 310).

### **Educação como ferramenta de transformação da realidade brasileira**

O Brasil obteve sua independência no ano 1822 onde buscou se estabelecer como uma nova terra, no entanto condições ou elementos de uma velha colonial ainda persistiram em sua história, permeando já desde aquele momento da história a distorções de uma realidade socioeconômica a sua sociedade, ao longo dos anos a busca por alguns em corrigir tais condições, devido a fatores internos e externos não encontram grandes resultados, uma pequena parcela da sociedade detém um grande montante financeira propiciando condições para pleno desenvolvimento das condições educacionais de suas proles, ao quando uma grande massa da sociedade busca pela melhoria diária da qualidade de vida e condições financeiras, esta camada menos favorecida ao longo das condições propiciadas pela pandemia de 2019 na qual se viu restringida do acesso à educação sofreu as consequências de uma educação manca e distante de uma realidade que atendeu as necessidades de poucos.

O período vivenciado como a quarenta, devidamente necessária para a proteção de todas as vidas, obrigou ao isolamento da sociedades, levando a uma necessidade de aulas a distâncias que foram vivenciadas de maneiras diferentes por nossa sociedade, a utilizando de recursos que pudessem vivenciar minimizar esses impactos tornaram primordiais para obtenção de resultados de baixo impacto, contudo a sociedade brasileira não se encontrava devidamente preparada para tal situação, levando a vivência de extremos perigosos em uma sociedade que busca pelo equilíbrio econômico e social, diminuindo as desigualdade.

A utilização de recursos como internet, tablets, notebooks e computadores que pudessem facilitar a inclusão e permanência dos alunos em um ambiente ainda que virtual na sala de aula, tornou-se uma ferramenta acessível a aqueles que naquele momento já eram atendidos por essas situações, extremos de um contingente

que apresentava e ainda apresenta baixos recursos financeiros, não conseguiram atender as demandas necessárias dos filhos, tornando-se a intervenção do estado fator preponderante ao acesso destes alunos.

Segundo dados apurados através dos veículos de comunicação como a rede CNN em maio do ano de 2020, aproximadamente seis meses após o início da quarentena, a arrecadação do estado de São Paulo, importante e maior polo econômico do país, houve uma queda entre 19% e 22% e que tornava inviável a obtenção de recursos capazes de suprir as necessidades básicas do estado, ressaltando que as classes mais simples da sociedade muitas vezes tornam-se os mais dependentes dos recursos arrecadados do estado. Outro dado alarmante que atinge diretamente as classes mais fragilizadas da sociedade é o número de desemprego, tendo atingido a marca de quinze milhões de brasileiros, o maior percentual dos últimos anos, o que pressupõe um maior número de desempregados dentre aqueles que desenvolvem trabalhos mais complexos dentro da sociedade.

Buscando um olhar mais aprofundado dentro destas condições que levaram a uma maior complexibilidade de desenvolvimento e aprimoramento das habilidades educacionais, os reflexos da falta de atendimento e recursos na educação elevam as discrepâncias entre os mais ricos e os mais pobres da sociedade brasileira, aumentando a ponte que separam o acesso a uma educação de qualidade e a diminuição da desigualdade social estabelecida ao longo dos anos deste país.

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, [...] não conseguem encontrar informações numa conta de luz, numa bula de remédio (SOARES, 2006, p. 46)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já em anos anteriores constatou-se um menor acesso da população carente aos níveis superiores ,nestas condições, anteriores a fatores gerados pela pandemia, apenas 1% da população mais carente, completa os estudos na educação superior no Brasil, com a pandemia e seus reflexos esses dados tendem a um exponencial aumento,o que naturalmente levará a uma diminuição sensível nos próximos ,devido aos impactos gerados destas condições, o que transcorre naturalmente ao um aumento da desigualdade social, é um retrocesso significativo dos resultados de crescimento da sociedade, podendo elevar índices como aumento da violência, mortalidade infância, evasão escolar e a busca por empregos de menor qualificação profissional e menor renda.

Ações públicas que possam possibilitar, ainda que não imediatamente, a correção do crescimento social e econômico do país, se fazem eloquentes e necessárias, a fim de diminuir e futuramente eliminar os efeitos destes impactos, compreender as necessidades atuais da sociedade e buscar melhorias na qualidade de vida, no acesso ao conhecimentos são fatores preponderantes para a construção de uma sociedade justa e ética para todos. Fortalecer o aprendizado leva a ganhos materiais e imateriais a sociedade brasileira, recolocando o país rumo ao desenvolvimento econômico e social, os investimentos que se fazem necessários hoje, podem contribuir para o fortalecimento do país na geração de uma sociedade de conhecimentos científicos e tecnológicos, que possam se apropriar de suas riquezas naturais, criando um ambiente novos de perspectivas e desafios para a sociedades futuras.

O homem e somente o homem é capaz de transcender, de discernir, de separar órbitas existenciais diferentes, [...] de travar relações incorpóreas [...] Criando e recriando, integrando-se nas condições de seu contexto, respondendo aos desafios, auto objetivando-se, discernindo, o homem vai se lançando no domínio que lhe é exclusivo, o da história e da cultura. (FREIRE, 2007, p. 63).

Reconstruir a educação, retomando as bases perdidas ao longo deste processo, no ensino fundamental médio e superior, dando acesso e permanência aos estudantes de todas as camadas da sociedade é uma ação que deve se delimitar a todas as entidades públicas, que tem como primazia a melhoria de vida da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

IBGE. Síntese de indicadores sociais. Em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. Estatísticas Sociais, 2020.

HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. pág. 63.

LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. O desenvolvimento do psiquismo.

MELO, Luísa. Com quarentena, arrecadação de SP caiu 22% em abril. CNN, 2020.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

## PRÁTICA HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTO JUVENIL

Autor(a): **Marcia Ramos da Silva**

### Resumo

O caráter normativo dado à literatura atualmente mudou. Hoje, falamos de uma educação formativa. A escola e o livro, bem como a literatura infantil e as relações entre eles e as suas especificidades estão dirigidas à formação de um indivíduo, mesmo que essa seja em conformidade com o pensamento existente. A literatura, através da ficção, reproduz uma realidade vivida pelo leitor no cotidiano, possibilitando um diálogo com ele. A escola, através das diferentes áreas do conhecimento, apresenta a realidade. Nesse sentido, ambas não se identificam apesar de se completarem por terem um fim pedagógico e um único objetivo: o ensino e a aprendizagem. Uma articulação entre escola, literatura e livro indica que eles se entrelaçam. A escola sempre teve a função de reproduzir aspectos sociais que adestrassem os alunos para que eles obedecessem aos padrões ideais. Hoje, ela tem a função de transformar a sociedade, revendo esses valores, padrões e ideais pregados por uma educação normativa. O professor deve estar consciente de que ler histórias para crianças não é só propor uma aprendizagem. É propor que as crianças se tornem leitoras, andando por um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

### INTRODUÇÃO

Ler histórias para crianças é sempre oportunizar que elas possam sorrir e dar gargalhadas com situações vividas pelos personagens, com as ideias de um conto ou com o jeito de escrever do autor, e, então, ser um pouco cúmplice de um momento de humor, brincadeiras e fruição. É também suscitar o imaginário, ter a curiosidade solvida, responder a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões que incomodam o ser humano durante a infância (como os personagens fizeram).

A literatura infanto-juvenil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril, nivelada ao brinquedo ou útil forma de entretenimento. A sua valorização é produto da sua função

formativa com vistas à consciência. Para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões atuais e problemas universais, inerentes ao ser humano.

A literatura infantil talvez seja o gênero que mais guarde proximidade dessas narrativas orais que tanto encantaram os homens, pois segundo Diogo:

É inegável que grande parte da narrativa infantil manifesta ainda aquela “autoridade” do contador que efetivamente possui experiência comunicável e a clareza que dela decorre, por isso esta literatura foi capaz de manter aceso o facho de uma longa tradição milenar de contar histórias nas quais o mito, a lenda, o conto de fadas permanecem vivos tal qual estavam nas narrativas orais dos contadores ancestrais. (DIOGO,1934, p.37).

Depois de terem exercido sua função civilizadora e formadora, as histórias orais, que contêm essas experiências da humanidade, se transformaram em obras imortais da literatura universal quando perpetuadas em livro.

### **A origem da literatura infantil**

O impulso de contar histórias nasceu com o homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros sua experiência, que poderia ter significação para todos, concentrando uma íntima relação entre a literatura e a oralidade.

De acordo com Cademartori:

A origem mesma da literatura infantil como a conhecemos se confunde com o registro escrito dos contos de fadas (pois eles já existiam na cultura oral muito antes disso). Considerado por muitos o primeiro autor a escrever para crianças, no século XVII, o francês Charles Perrault foi o primeiro a coletar e organizar contos de fadas em um livro (CADEMARTORI,1986,p.34).

De acordo com Tavares:

É a literatura essencialmente de natureza lúdica, onírica e mágica, e cujo conteúdo caracteriza-se pela inverossimilhança. Presa ao território do faz de conta da infância é óbvio que reflita o universo maravilhoso em que vive a criança. Nele latejam absorventes os sonhos, a imaginação, o mito, o mistério, envolvendo atividades meramente recreativas. (TAVARES, 1974, p.401).

Foi a partir do século XVIII que a criança passou a ser considerada como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

## Histórias dos contos de fadas

Quem nunca leu ou ouviu contos de fadas como A gata borralheira, A bela adormecida, Chapeuzinho vermelho ou O gato de botas? Quem lê Cinderela não imagina que há registros de que essa história era contada na China durante o século IX d.C. Assim, como tantas outras, ela tem se perpetuado há milênios, atravessando a força e a perenidade do folclore dos povos, sobretudo através da tradição oral.

Pode-se dizer que os contos de fadas na versão literária atualizam ou reinterpretem em suas variantes questões universais como os conflitos de poder e a formação dos valores. Eles misturam realidade e fantasia no clima do “Era uma vez...”. Por lidarem com conteúdos da sabedoria popular e essenciais da condição humana, esses contos de fadas são importantes e perpetuam-se até hoje. Neles, encontram-se o amor, os medos, as dificuldades de serem criança, as carências materiais e afetivas, as descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro. Os contos de fadas caracterizam-se pela presença do elemento fada.

Etimologicamente, a palavra fada vem do latim *fatum*, destino, fatalidade, oráculo.

Elas tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens para auxiliá-los em situações-limite.

Em cada território, os contos enraizaram-se de forma particular. As versões dos contos de fadas criadas e difundidas pelo povo da França representavam o modo de pensar dos seus contadores, os camponeses franceses.

Darnton (1988), historiador das mentalidades, analisou como o pensamento dos camponeses franceses do século XVIII é representado nos contos e como essas histórias sofreram transformações, dando origem a outras versões. O autor deixa claro que as versões francesas dos contos de fadas têm real ação estreita com o contexto social dos camponeses. Elas expressam o modo de viver e encarar o mundo desses criadores, numa época em que a miséria, a peste e a fome sacrificavam a vida dessas pessoas. Por esse motivo, os contos são realistas, grosseiros, libidinosos e cômicos.

*Para ilustrar, Darnton reproduz o conto Chapeuzinho Vermelho, “mais ou menos como era narrado em torno às*



*lareiras, nas cabanas dos camponeses” (DARNTON, 1988, p. 36-39).*

As versões posteriores também foram registradas a partir dos lugares ocupados na escala social pelos primeiros escritores dessas histórias, como Charles Perrault. Ao registrar e disseminar os contos, esse autor modificou as versões orais de acordo com suas visões de mundo, adequando tais histórias aos seus valores sociais.

Perrault, mestre do gênero, realmente recolheu seu material da tradição oral do povo (sua principal fonte, provavelmente, era a babá de seu filho). Mas ele retocou tudo, para atender ao gosto dos sofisticados frequentadores dos salões, prúcieuses e cortesões aos quais ele endereçou a primeira versão publicada de Mamã Ganso.

*[...] Perrault parecia ser a última pessoa que, provavelmente, iria interessar-se por contos populares. Um cortesão “moderne” de maneira autoconsciente, [...] ele não tinha simpatia alguma pelos camponeses e por sua cultura arcaica (DARNTON, 1988, p. 21-22)*

Para o autor, os irmãos Grimm também escreveram suas versões sobre os contos de fadas depois que se enraizaram na Alemanha através da imigração dos huguenotes franceses. E Darnton tece análises sobre as interpretações acerca do conto Chapeuzinho vermelho:

Os Grimm o conseguiram, juntamente com “O gato de botas, Barba Azul” e algumas poucas outras histórias, com Jeannette Hassenpflug, vizinha e amiga íntima deles, em Cassel; ela ouviu as histórias de sua mãe, que descendia de uma família francesa huguenote. Os huguenotes trouxeram seu próprio repertório de contos para a Alemanha, quando fugiram da perseguição de Luís XIV. Mas leram -no em livros escritos por Charles Perrault, Marie Catherine dâ Aulnoy e outros.

*[...] Assim os contos que chegaram aos Grimm através dos Hassenpflug não eram nem muito alemães nem muito representativos da tradição popular (DARNTON, 1988, p. 24).*

As primeiras impressões intelectuais dos irmãos Grimm estão relacionadas à corrente literária romântica que se ocupava em estudar a sociedade medieval como uma “contra reação à racionalidade do iluminismo”, motivação que os levou a se interessarem pelos contos de fadas:

O interesse que dominava os seus estudos era o interesse pelos tempos passados, especialmente pela Idade Média e antes. Para entender isto não como uma dedicação pessoal dos irmãos Grimm, é necessário lembrar a época em que eles viveram. Receberam as primeiras impressões intelectuais durante o romantismo. Dentro desta corrente intelectual e literária existia a tendência de virar-se para trás, à Idade Média, de refletire ocupar-se com aquela época (GUTZAT, 1986, p. 26).

As versões de Charles Perrault e posteriormente as dos irmãos Grimm circularam nas várias camadas sociais junto com aquelas criadas pelos camponeses franceses. Porém, estas foram recolhidas pelos folcloristas do século XIX e hoje estão disponíveis no Museu de Artes e Tradições Populares, em Paris, não se tornando mundialmente conhecidas como as versões dos escritores. Desde que foram inventados, os contos transformaram-se em um costume. De acordo com Thompson, durante a história do homem, os costumes sempre expressaram resistência:

No século XVIII, o costume constituía a retórica de legitimação de quase todo uso, prática, ou direito reclamado.

[...] Longe de exibir a permanência sugerida pela palavra “tradição”, o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual os interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes. Essa é a razão pela qual precisamos ter cuidado quanto a generalizações com cultura popular. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (THOMPSON, 1998, p.16-17).

Ginzburg lembra que o sociólogo Bakhtin também partilha da ideia de que os costumes são formas de resistência criadas pelas camadas populares oprimidas ao longo da história:

No centro da cultura configurada por Bakhtin está o carnaval: mito e rito no qual confluem a exaltação da fertilidade e da abundância, a inversão brincalhona de todos os valores e hierarquias constituídas, o sentido cósmico do fluir destruidor e regenerador do tempo. Segundo Bakhtin, esta visão de mundo elaborada no correr dos séculos pela cultura popular se contrapõe sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e seriedade da cultura das classes dominantes (GINZBURG, 1998, p. 20).

Através desses autores, foram desenvolvidas outras significações para os contos de fadas. Outrora considerados como mera ficção, eles agora são entendidos como criação relacionada à realidade.

## CONCLUSÃO

A escola sempre teve a função de reproduzir aspectos sociais para que os alunos obedecessem aos padrões ideais. Hoje, ela tem a função de transformar a sociedade, revendo esses valores, padrões e ideais

pregados por uma educação normativa. O professor deve estar consciente que ler histórias para crianças não é só propor uma aprendizagem, mas propor que as crianças se tornem leitoras, andando por um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Ler histórias para criança é sempre oportunizar que elas possam sorrir e dar gargalhadas com situações vividas pelos personagens, com ideias de um conto ou com o jeito de escrever do autor, sendo, então, um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeiras e de fruição. É também suscitar o imaginário, ter a curiosidade solvida, responder a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2001.
- \_\_\_\_\_. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Aberto*, Brasília, ano 14, nº. 61, jan/mar.1994.
- BETTELHEM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CADEMAROTI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARUSO, Carla. A importância da literatura na formação da criança. Disponível em: Acesso: 19 julho. 2019.
- CHALITA, Gabriel. Pedagogia de amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX. 4. ed. São Paulo: USP, 1995.
- DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

## O ENSINO INFANTIL ATRAVÉS DA MUSICA

Autor(a): **Larissa Amorim Staniscia Gonçalves Serra**

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a musicalização na educação infantil como mais um instrumento que contribuirá para o desenvolvimento da inteligência e para a integração do educando. Aproveitaremos também, para explicar como a musicalização pode contribuir para o processo de aprendizagem e analisando o papel da música na educação. Sendo que a música é considerada como uma das múltiplas inteligências, possuindo a capacidade de nos influenciar física e mentalmente, contribuindo para a harmonia pessoal, facilitando a integração e a aprendizagem. Nesse trabalho faremos também uma reflexão sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas e sobre a realidade do trabalho de professores não especialistas em música. Utilizaremos neste trabalho a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo realizada em uma Escola da Rede Municipal de Ensino da Zona Leste da Cidade de São Paulo. Conheceremos um pouco da prática desses professores em sala de aula, sendo esta pesquisa de campo de grande importância, pois utilizaremos seus dados para analisar as práticas usadas pelos professores usando a música como auxílio da aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Iniciaremos este trabalho nos orientando pela Lei no. 11.769, que altera a Lei no. 9696 de 1984 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na escola, em todas as etapas. O objetivo da determinação federal é propiciar o desenvolvimento cultural dos alunos também nessa área. Contudo, na aprovação da Lei, que ocorreu em 18 de agosto de 2008, foi vetado o artigo que tratava da formação específica em música para os professores.

Ao abordar alguns motivos pelos quais a música deve ser mais valorizada no currículo escolar, a legislação

considera que esta poderá ser ministrada por profissionais sem formação específica. Assim, fizemos uma pesquisa de campo com professores não especialistas em música, mas que a utilizam em suas aulas.

A pesquisa bibliográfica foi baseada em alguns teóricos como Britto(2010), Paiva e Almeida (2011), Loureiro(2010), Referenciais Curriculares Nacionais - Educação Infantil (1998) e outros.

Esta pesquisa apresentará a utilização da música na educação infantil como mais uma contribuição para o desenvolvimento da inteligência e a integração. A musicalização pode contribuir e muito com a aprendizagem, pois favorece o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e socioafetivo da criança, nos basearemos em experiências com a prática da musicalização com crianças e fundamentaremos nosso trabalho em pesquisas bibliográficas.

A música na educação, funciona como facilitadora do processo de aprendizagem, como instrumento para tornar a escola um lugar mais alegre e receptivo. A música pode e deve ser utilizado em todas as etapas do ensino, afinal, se a música é considerada um bem cultural, seu conhecimento não deve ser privilégio para alguns.

A escola deve oportunizar a convivência com os diferentes gêneros, apresentando todos os estilos, proporcionando momentos de reflexão do que lhe é apresentado, estimulando o aluno para que se torne mais crítico e que possa utilizar a música como um elemento importante para estabelecer a harmonia.

Este trabalho pretende mostrar a importância da observação, do estar atento ao que a criança demonstra nas suas diversas maneiras de expressão. Independentemente de a criança ter um comportamento tímido, ser hiperativa, deficiente que, através de um trabalho bem dirigido de educação musical, não se sinta mais feliz e entusiasmada com suas próprias descobertas em relação às suas potencialidades, sentindo se assim com a autoestima elevada e conseqüentemente mais segura.

A música durante a aula deve ser tratada como um agente formador e facilitador do aprendizado. Iniciaremos o primeiro capítulo desta pesquisa discorrendo sobre os benefícios da música para a criança, benefícios que podem ser comprovados antes mesmo do nascimento, quando a mãe utiliza a música durante a gestação. Quando a gestante utiliza a música, a criança entra em contato com esta música ainda na gestação, pois ainda no útero o bebê já percebe os sons desde a 20ª e 21ª semana de gravidez. Se observarem bem, as mães

podem perceber se o som agradou o seu bebê, percebendo se o bebê se agita ou fica mais tranquilo na sua barriga, de acordo com os sons que ouve.

Percebemos a música presente em quase todas as situações da vida humana. Existe música para ninar, para dançar, enaltecer a Pátria, para rituais religiosos, para expressar sentimentos, para relaxar, para se concentrar, para assustar, para comemorar e muito mais. Presente na vida diária, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios a cada contexto musical. Nessas manifestações, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim aprender e reproduzem suas tradições musicais.

Abordaremos no segundo capítulo o trabalho com música realizado pelo professor não especialista, discorreremos sobre as atividades dos professores que, mesmo não tendo grandes habilidades musicais, podem se aventurar com a sua turma em atividades musicais. Muitos professores preferem não trabalhar com a música por pensarem que não são capazes, ou mesmo por terem uma personalidade mais retraída ou tímida.

## A INFLUÊNCIA DA MÚSICA

Paramuitos a definição perfeita do significado de música está ligado à palavra amor, pois a música é capaz de tocar o coração das pessoas e trazer à tona os mais variados sentimentos como alegria, saudade, tristeza nos dando a sensação de prazer, relaxamento e outras sensações e sentimentos.

Segundo Paiva e Almeida (2011),

*Um estudo realizado em Taiwan, uma República da China, indicou que as gestantes que escutaram trinta minutos de música todos os dias durante duas semanas reduziram, e muito, os sintomas de depressão, estresse e ansiedade em comparação às gestantes que somente fizeram o pré-natal sem a intervenção da música. Pode-se então pensar que a música não só faz bem ao feto como também à gestante porque reduz situações de estresse e estados de ansiedade e depressão. (PAIVA e ALMEIDA, 2011).*

O simples hábito de a gestante ouvir música, tocar algum instrumento ou até mesmo cantarolar uma canção para seu bebê, estará despertando nesta criança, futuramente, o gosto pela música.

*Assimcomo um poderoso sentimento de repulsão existente na mãe em relação à determinada atividade humana será continuado pela criança, toda tendência positiva da mãe despertará na criança a faculdade geral de se entregar à mesma atividade. (HOWARD 1984, p.51)*

A música acompanha as pessoas no seu cotidiano, em todas as regiões do mundo. Para os gregos a música desempenha um importante papel na formação integral do ser humano.

*A palavra música vem do grego mousiké e designava, juntamente com a poesia e a dança, "a arte das musas". O ritmo, denominador comum das três artes, fundia-as numa só. Como nas demais civilizações antigas, os gregos atribuíam aos deuses sua música, definida como uma criação e expressão integral do espírito, um meio de alcançar a perfeição. A música vem desempenhando, ao longo da história, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no moral e no social, contribuindo, para aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício de cidadania. (LOUREIRO, 2010, p.33).*

A música é considerada muito importante no processo de formação do homem, sugerindo um reflexão sobre sua importância na Educação Infantil. A importância da música na idade pré-escolar A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, para dançar, para chorar os mortos, para conclamar o povo a lutar.

Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios a cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais.

A música faz parte da cultura humana, portanto é necessário e muito proveitoso que seja incorporada ao cotidiano escolar infantil. Podemos nos orientar através de alguns trechos do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Brasília / 1998, que diz:

*A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol, etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães, etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores, etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada.*

*Ainda que esses procedimentos venham sendo repensados, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Consta-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de Música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói. (RCN - EI, 1998).*

A música estimula a criança e amplia seu desenvolvimento, apresentando novos conhecimentos. A música possui um poder de estimular e liberar recursos na aprendizagem da criança, pois apresenta uma importante fonte de equilíbrio e felicidade, despertando movimentos e sensações novas.

*“A música possibilita um espaço compartilhado que potencializa o desenvolvimento sócio afetivo e oferece as ferramentas que estruturam as relações da criança com o meio”, explica. “Ela cria, sustenta e amplia a capacidade humana de dividir experiências, valores e significados”. (MAFFIOLETTI, 2010, p.36)*

Ainda segundo Maffioletti (2010) vários são os motivos que justificam a inserção da música no desenvolvimento infantil, principalmente porque a música possibilita à criança uma capacidade de compartilhar seus sentimentos mais significativos.

Segundo o Americano Howard Gardner (2010), pelo simples objetivo de criar vínculos entre as criança a música deveria estar inserida desde o Berçário.



*“A prática pedagógica é baseada em projetos, e o processo de aprendizagem acontece em salas ambiente, pautadas na teoria das inteligências múltiplas.” Para Gardner, a criança possui inteligências múltiplas e a música é uma delas. Quando estimulada pela música, desenvolve sua autoestima e, sendo assim, estará aberta a diversas aprendizagens. (HOWARD GARDNER 2010, p.36)*

Muito importante também, é utilizar as brincadeiras musicais em grupos, pois fazem com que a criança desenvolva seu equilíbrio e ajudam na formação de sua personalidade. As atividades musicais coletivas estimulam a organização, compreensão, participação e cooperação, possibilitando maior expansão dos sentidos.

Quando utilizada na Educação Infantil, a música estimula a criança em suas ações, comportamentos motores e gestuais, seja nos ritmos marcados através de passos, batidas de mãos ou com palavras faladas ritmicamente. Tanto o som quanto o ritmo instigam na criança a disciplina e a concentração.

Podemos perceber a emoção de uma criança através da música, na voz e nos gestos. Quando a criança se solta para cantar e dançar ela desenvolve um forte sentimento de autorealização e conseqüentemente melhora sua autoestima.

Baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, 2001, o ensino da música deve ocorrer de forma global envolvendo as manifestações artísticas da região para que ocorra maior integração entre a escola e a comunidade:

*Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que*

*a música se inscreve no tempo e na história.* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-ARTE, 1997).

Para Chiarelli e Barreto (2005), a educação musical favorece o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo da criança:

- Desenvolvimento cognitivo/ linguístico: a criança adquire conhecimentos por meio das situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Sendo assim, quanto mais estímulos ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, as experiências com a música que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Trabalhando com os sons ela desenvolve sua acuidade auditiva; ao acompanhar com gestos ou dançar trabalha a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons ela está se descobrindo e começa a interagir com o ambiente em que vive.
- Desenvolvimento psicomotor: as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança desenvolva sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura. O ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. A música é ativa e age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões. Atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, fatores essenciais para o processo de aquisição da leitura e da escrita.
- Desenvolvimento sócio afetivo: aos poucos a criança vai formando sua identidade, notando que é diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros.

Nesse processo a autoestima e a autorealização desempenham um papel fundamental. A partir desse desenvolvimento ela aprende a se aceitar como é com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação desenvolvendo, assim, o conceito de grupo. Além disso, através da música, em atividades que lhe proporcione prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de

segurança e autorealização.

*Além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre, a música pode ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividade física e reduzindo a tensão em momentos de avaliação. A música também pode ser usada como um recurso no aprendizado de diversas disciplinas. O educador pode selecionar músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado em sua área, isso vai tornar a aula dinâmica, atrativa, e vai ajudar a recordar as informações. Mas, a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e um bem cultural.”*  
(CHIARELLI e BARRETO, 2005)

A utilização da música na educação infantil favorece o lúdico que é muito importante nesta fase do desenvolvimento, pois através das brincadeiras atinge-se prazerosamente o objetivo planejado, que é a aprendizagem.

## O PROFESSOR E A MÚSICA

Não é necessário que o professor tenha formação musical para utilizar recursos musicais em suas aulas, pois independente de suas habilidades, tanto o professor quanto os alunos só tem a ganhar quando ele se aventura a utilizar os recursos da música com a sua turma.

*“Isso acontece porque ainda é forte a ideia de que é necessário sempre reproduzir modelos.” Para ela, é preciso deixar claro que a Educação Infantil não é uma etapa formativa no que diz respeito a conceitos musicais. “O importante mesmo é que as crianças possam escutar um bom repertório e os sons oriundos de diferentes objetos, além de explorar gestos que produzam som.”* (BRITO, 2010, p.36)

O objetivo nesta fase escolar não é formar músicos, mas ampliar as possibilidades de crianças que estão em fase de alfabetização, estimulando-as a terem desenvoltura em seus gestos e atitudes, pois com a música a criança pode se expressar melhor nas leituras e nas suas relações pessoais.

Para o professor que tem a oportunidade de buscar informações e cursos específicos em sua formação, com certeza ele se sentirá mais seguro no trabalho a ser desenvolvido com sua turma e poderá ampliar as possibilidades. Todo professor deveria gostar de música e ter acesso ao mínimo de conhecimento musical, uma vez que a música faz parte da cultura humana e sempre há muito que se explorar nas atividades em sala de aula.

Uma aula na Educação Infantil iniciada com música deixa as crianças à vontade para escutá-la e interpretá-la livremente e este recurso pode ser ampliado oferecendo também a criança brinquedos, papéis, lápis de cor, massa de modelar, revistas ou qualquer outro recurso material que ela possa utilizar da maneira que imaginar para interagir com a música.

O papel do educador é fundamental na aprendizagem das crianças, pois ele deve criar situações que as coloquem em contato com um número variado de produções musicais, ele não deve se limitar as músicas comerciais, mas explorar toda as possibilidades musicais, músicas de outros países, inclusive sons da natureza, pois o conhecimento de outras culturas e outras origens pode tornar o ensino ainda mais rico. Em contato com os diferentes estilos a criança ampliará o seu repertório e se manifestará a respeito de suas preferências.

Marangon (2010) publicou um artigo sobre Infância musical, que nos mostra pontos de atenção e alguns aspectos para que o trabalho com música seja efetivo.

- Escuta aberta: o professor deve levar em conta o que faz sentido para a sua turma quando o assunto é música e, com base nisso, planejar melhor seu trabalho. Atividades que desconsideram essas características tendem a ser um fracasso.
- Nada de reproduções: os momentos musicais devem ser espaços para criação e reflexão. Elimine do repertório canções e representações estereotipadas.
- Qualidade sonora: a escola possui instrumentos musicais? Em caso positivo, eles produzem sons de qualidade? Em caso negativo, faça uma pesquisa para confeccionar alguns utilizando sucatas, ou invista em materiais com boa sonoridade. Tire da lista de compras bandinhas de brinquedo, por exemplo.

- Foco no processo: os processos de trabalho é que devem ser valorizados, e não os resultados – as apresentações. Só invista energia na preparação de um evento se isso for significativo para os pequenos.
- Música como fim: a música realmente desenvolve uma série de aspectos importantes para outros fins, como a coordenação motora para a alfabetização, a escuta, a socialização e a matemática, mas é importante que este não seja o grande argumento para a música na escola. O principal objetivo é garantir que o ser humano seja trabalhado de maneira ampla. (MARANGON, p.39, 2010).

A Educação Musical deve fazer parte dos cursos de formação continuada do professor, pois ela possibilitará que os profissionais que já atuam na Educação Infantil ou mesmo nos anos Iniciais do Ensino Fundamental possam pensar e agir musicalmente em seus contextos de docência, ampliando as possibilidades de atividades de alfabetização de uma maneira mais lúdica. As contribuições dessas formações musicais para os professores que já atuam nessa área tornam-se relevantes para que a música possa ser de fato uma realidade cotidiana nas salas de aulas.

Sabemos que o professor que trabalha com a iniciação escolar é um profissional que atua com a docência em vários campos, por isso ele deve ter como objetivo de seu trabalho, segundo a autora Mizukami (2008), “possibilitar aos alunos suas primeiras incursões sistematizadas aos conceitos básicos de componentes curriculares relacionados às grandes áreas do conhecimento humano”. E a música como um desses componentes, deve ser potencializada nos processos de ensinar e de aprender.

*Segundo Figueiredo (2004), é muito importante aproximar música e pedagogia, pois será uma ótima alternativa para que a educação musical seja compreendida, sua oferta seja ampliada e aplicada sistematicamente.*

O professor que procura ampliar seus conhecimentos na área musical, deverá ter clareza qual o seu objetivo ao utilizar a educação musical no espaço escolar, procurando romper com as práticas fragmentadas, que muitas vezes se sustentam na rotina escolar, com a oferta limitada da música.

O professor não-especialista não pode deixar que a preocupação em desenvolver a musicalização da criança o impeça de inserir atividades musicais em sua prática. Ele é um especialista no desenvolvimento da criança, pois teve em sua formação acadêmica estudos que o tornam conhecedor das características específicas

das diferentes fases do desenvolvimento infantil. Sendo capaz de organizar processos educativos que proporcionem a aprendizagem e o desenvolvimento de seus alunos em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Educação Musical. Compreendendo que a música pode ser aprendida e trabalhada na formação continuada e também em todos os espaços escolares.

As constantes exigências do sistema e a própria transformação de seus alunos deve servir de estímulo para que o professor dê continuidade em seus conhecimentos e para que possa se sair bem em qualquer situação que lhe for proposta. Se o desafio no momento é a inserção da música na sala de aula dos anos iniciais de escolarização, os educadores devem entender que a música é mais um recurso para uma aprendizagem com mais motivação onde o desenvolvimento dos seus alunos se dará de forma lúdica e prazerosa.

A música é um recurso didático capaz de criar elementos novos e dinâmicos no processo de aprendizagem, ampliando a troca de experiências proporcionando uma relação mais segura entre professor e aluno. Ela consegue passar a confiança e a segurança tão importante nos anos iniciais da criança, fortalecendo o vínculo entre professor e aluno, principalmente nos primeiros dias de aula. Como o objetivo das aulas com música não é o de formar cantores, o professor deve desenvolver junto com a criança as condições para que a atividade musical seja incluída em suas aulas de forma natural e significativa.

Nadal (2011, p.84-85) em sua publicação nos traz algumas sugestões para que o processo do ensino com a música se torne mais prazeroso, considerando alguns pontos relevantes da disciplina, principalmente o que não poderá faltar no planejamento das aulas de música, como por exemplo, as atividades de audição com repertório diversificado, o desenvolvimento da percepção, a utilização de variações de sons nos instrumentos, a movimentação corporal e a dança. Devemos propiciar para a criança diferentes vivências, para que ela possa perceber a música como uma linguagem plena de sentido e cultura de cada época.

Quanto a insegurança do professor não habilitado de como escolher o repertório adequado. O autor nos coloca que as aulas não devem ser limitadas a datas comemorativas, ou em canções utilizadas para que as crianças sigam algum comando, como na hora da refeição ou saída.... O professor deverá deixar os alunos a vontade para que contribuam com o acervo, trazendo músicas conhecidas e de sua preferência, para que sirvam como mediadoras para o contato com outros repertórios e, desta forma, que aconteça um enriquecimento e ampliação do repertório da turma.

Outra questão tratada no artigo é sobre a angústia de alguns professores, que devido ao fato de não serem formados em música, não sabem se devem cantar e tocar. Nos anos iniciais não é importante a perfeição formal do aluno. Os conceitos básicos da música terão maior importância do que a utilização correta de algum instrumento musical. Uma alternativa utilizada pela maioria dos professores são as gravações, sejam em CDs, em DVDs, em MP3 ou outro recurso de gravação com sons de instrumentos musicais de qualidade, que o professor poderá utilizar a qualquer momento em suas aulas como apoio para a música que será trabalhada.

Outra dúvida que permeia o planejamento do professor não especialista em música, é quando inserir as atividades de música na rotina. Segundo Nadal (2011), alguns professores sugerem que as atividades de música sejam dadas em duas aulas semanais de, no mínimo, meia hora. Outros acreditam que a boa aula começa com a audição de uma boa música, tranquila, seguida das atividades de percepção e das vivências de canto e percussão.

Não menos importante, é a dúvida levantada pelos professores não especialistas quanto a aliar a música à dança ou ao desenho. Esse procedimento é possível quando o professor propõe sequências de movimentos ou desenhos que representem os sons. Por exemplo: quando a proposta do professor é para que a criança desenhe um jardim com árvores, flores, pássaros, animais, ele pode colocar uma música que represente os vários sons de um jardim e, desta forma, estará criando um contexto para a atividade e para que a criança se identifique com ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paixão pela música é universal e, no decorrer deste trabalho percebemos a sua importância para a formação de um ser humano mais sensível. Se é de tamanha importância e não temos professores suficientes com formação musical, é oportuno conhecermos o que as antigas civilizações pensavam sobre o ensino da música.

*A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto como um guardião de uma ciência e de uma técnica e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidos pelo estudo e pelo exercício. O*

*reconhecimento do valor formativo da música fez com que surgissem, naquele país, as primeiras preocupações com a pedagogia da música. Assim, a música requer uma instrução que ultrapassa o caráter puramente estético: torna-se uma disciplina escolar, um objeto de mestria, proporciona a medida dos valores éticos, torna-se uma sabedoria.* (LOUREIRO, 2010, p.34).

Para os gregos a música é uma arte e o talento do professor precisava ser desenvolvido, pois o músico grego era considerado um guardião do saber propriamente dito. O valor formativo da música na época, fez com que tivessem a preocupação de incluí-la na vida escolar das crianças, não sendo uma atividade puramente estética, mas uma disciplina que viria para completar a sabedoria da criança.

Da mesma forma, o professor não especialista deve procurar aprender sobre a música, ampliando seus conhecimentos na área para que tenha segurança em suas aulas e possa aproveitar melhor os recursos didáticos disponíveis.

Através dos estudos bibliográficos realizados confirmamos a importância da música na vida e na formação das pessoas. Eles nos mostram que a musicalização na Educação Infantil nos auxilia não só na aprendizagem em todas as áreas do conhecimento e como torna as aulas mais alegres e lúdicas.

Na pesquisa de campo que fizemos com as entrevistas as três professoras, percebemos três realidades bem diferentes:

A primeira professora é apaixonada pela música, pela dança e pelo teatro e tem formação musical. Desenvolve diferentes atividades com música, entrelaçando-a com outras linguagens artísticas e áreas do conhecimento, sem sentir muitas dificuldades.

Quanto a segunda professora entrevistada, embora não tenha formação musical, ela reconhece a importância da música para a formação da criança e desenvolve atividades que auxiliam a aprendizagem de outros conteúdos. Busca sempre novas formações para embasar seu trabalho, procurando estar em constante aperfeiçoamento de suas habilidades com música.

Já a terceira professora; talvez por declarar não gostar de música; não reconhece a importância da música



como área do conhecimento e de aquisição de habilidades e sente muita dificuldade em trabalhar com a mesma.

Ao final desta pesquisa pode-se dizer que é possível a música ser trabalhada na Educação Infantil por professores não especialistas, desde que os mesmos pesquisem e se capacitem constantemente nessa área do ensino. Encontrarão dificuldades com relação a espaços e recursos materiais, como ocorrem em todas as disciplinas, mas com dedicação, interesse e formação conseguirão transformar suas aulas em aprendizagem lúdica e prazerosa através da música.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Minidicionário Escolar Século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 17 maio 2015.

BRITO, Teca Alencar de. Infância Musical. In: Revista Pátio – Educação Infantil, n.23 Abril/ Junho 2010.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. Revista da Abem, n. 11, Porto Alegre, 2004.

GARDNER, Howard. Infância Musical. Revista Pátio – Educação Infantil, n. 23 Abril/ Junho 2010.

HOWARD, Walter. A música e a criança. 5. ed. São Paulo: Editora Summus, 1984.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental. 6. ed. Campinas: Editora Papyrus, 2010.

MAFFIOLETI, Leda. Infância Musical. Revista Pátio - Educação Infantil, n. 23 Abril/ Junho 2010.

MARANGON, Cristiane. Infância Musical. Revista Pátio - Educação Infantil, n. 23 Abril/ Junho 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Formação continuada e complexidade da docência: o lugar da universidade. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

NADAL, Paula. O ensino da música em sete notas. Revista Nova Escola. Ed. 245 setembro/ 2011.

PAIVA, Ellen Simone; ALMEIDA, Valéria Santos de. Música na Gestação. Disponível: <[http://guiadobebe.uol.com.br/gestantes/musica\\_na\\_gestacao.htm](http://guiadobebe.uol.com.br/gestantes/musica_na_gestacao.htm)> Acesso em 17 maio 2015.

## A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Autor(a): **Larissa Amorim Staniscia Gonçalves Serra**

### Resumo

No momento histórico atual existe ainda a preocupação de como os jovens estão sendo educados para enfrentar o mundo e respeitar os adultos. A educação tradicional é moralizante, que promove a cisão entre moral e ética. Nessa educação, cabe obedecer regras e seguir os costumes sem questionar. Não praticamos o diálogo, não promovemos a investigação e a educação que pode formar o homem autônomo é preciso desenvolver nele a capacidade de reflexão, aquela que coloca a criança e o jovem para dentro da esfera das decisões e ensina o diálogo investigativo e coletivo. Frente a isto se questiona como a escola está desenvolvendo este papel em suas inúmeras funções. Certamente uma série de fatores influencia o problema da disciplina, mas é importante analisar como ocorre concretamente. Diante deste fato o presente trabalho procura partir para uma verdadeira “caça aos culpados”, levantar reflexões e buscar meios para tentar amenizar o problema, esperando que esta pesquisa sirva também de parâmetro a outros educadores.

### INTRODUÇÃO

Num outro aspecto, a escola de ontem tinha papel de estudar para ser alguém, sem se preocupar com um espaço agradável. Hoje já não se tem esse mito e fica muito mais difícil o professor conseguir um comportamento adequado.

A sociedade também mudou como um todo e de uns quarenta anos para cá, apresentou mudanças profundas na sociedade brasileira. Num período mais recente, podemos observar: uma crise ética, concentração da mente, economia recessiva, desemprego, subemprego, uma economia baseada na produção de bens de mão de obra, primeira necessidade, meios de comunicação nas mãos de poucos e um gasto elevadíssimo e alta qualidade de propaganda.

A mídia contribui com a indisciplina escolar porque transmite os valores da sociedade e mostram pessoas reconhecidas socialmente que não respeitam as regras, a falta de ética, a impunidade talvez seja a maior instância geradora de indisciplina que existe atualmente.

Há crise da racionalidade, dos projetos sociais, das utopias, do sentido para viver, da autoridade em nível mundial, mudança no sistema de valores. É a crise da disciplina no contexto Pós modernidade.

Diante deste quadro aumentam a perplexidade da juventude, entregam-se aos impulsos do imediatismo e do prazer, rompem acintosa e agressivamente com padrões vigentes etentam criar esta realidade que estamos vivendo atualmente.

A falta de compromisso, a insegurança, o comodismo ou desejo de ser considerado liberal explica, em parte esta conduta inadequada que vivenciamos hoje no âmbito escolar. Aomanter uma relação menos formal com estes jovens dentro da escola fica claro que muitos se opõem às regras como sinal de protesto e desamparo, tanto pais quanto professores são omissos, sentem-se perdidos num mundo tão violento e desigual criado pela sociedade pós- moderna e percebem muitas vezes a incapacidade que possuem de enfrentá-lo.

## O Conceito de Disciplina

Segundo uma consulta ao dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004, p, 201) disciplina é:

1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida;
2. Ordem que convém ao bom funcionamento dessa organização;
3. Relações de subordinação do aluno ao mestre;
4. Submissão a um regulamento.

VASCONCELOS (2000, p, 22) (...) pesquisou sobre os atos e comportamentos dos alunos e oquanto se perde tempo em sala de aula com questões de disciplina em detrimento de interação do aluno com o conhecimento e a realidade. A indisciplina dentro da sala de aula ou na unidade escolar vem preocupando e perturbando muito o educador.

Na visão social a indisciplina é bem maior do que a fome, mortalidade infantil e outros. O professor hoje deve se colocar no tempo em que está lecionando. Na visão de

Vasconcelos uma das saídas seria o professor obter na concepção de um método, de uma ferramenta eficiente perante a indisciplina, mas a realidade é que a teoria fala mais alto do que a prática.

*Segundo CELSO VASCONCELOS (2000, p, 31)*

*(...) o que falta é uma análise dos determinantes, a falta de clareza, de objetivos, de mediações concretas e o relacionamento entre três dimensões básicas e uma teoria que efetivamente possa contribuir no enfrentamento do problema.*

Analisando toda essa problemática podemos citar três eixos fundamentais.

1. Projeção das finalidades: que disciplina queremos (muitas vezes falta clareza do que queremos, para onde devemos dirigir nossos esforços);
2. Formas de mediação: o que fazer  
Muito se pode fazer; a questão é fazer o necessário e possível.
3. Compromisso coletivo: Esse projeto deve ser construído e assumido pelo coletivo escolar.

O problema da disciplina pode ser equacionado, abordado na sua totalidade, ou seja, resgatando as múltiplas relações.

### **A indisciplina é um ponto de abordagem do problema educacional**

Analisando o problema na sua totalidade, VASCONCELOS (2000, p, 45) diz, que para enfrentar tal problema da disciplina em sala de aula ou escola devemos observar como e o que está acontecendo hoje.

Atualmente a disciplina na escola fica difícil, pois se vê professores angustiados e pensando em desistir frente a esse problema, antes a reclamação da falta de disciplina era apenas nas séries avançadas 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> em diante. Hoje, professores já reclamam da educação básica e ensino fundamental I.

Muitas famílias são desestruturadas, desorientadas transferindo sua responsabilidade para a escola, não fazendo os papéis iniciadores da civilização, estabelecendo limites, desenvolvendo hábitos básicos.

A escola mudou e o professor também, pois, os professores estão desestruturados perante essa situação em relação à escola e à sociedade. Fazendo uma análise histórica, segundo VASCONCELOS (2000, p, 42),

*(...) podemos dizer que há algumas décadas atrás, tínhamos, valorização social da escola enquanto instrumento privilegiado da ascensão social, status, valorização do professor como mediador de ascensão social, formação mais consistente do professor,*

remuneração mais condizente, escola, via professor, como fonte privilegiada de informações, apoio incondicional da família à escola e o tipo de clientela que freqüentava a escola tinha maior afinidade com o tipo de saber que ali era vinculado.

VASCONCELOS, também cita alguns indícios dessas transformações da escola e do professor nas últimas décadas no Brasil.

Como resultado perverso da expansão quantitativa X deteriorização qualitativa, percebemos aumento efetivo do número de vagas para o ensino fundamental e médio na escola pública, aumento efetivo do número de vagas no ensino superior e nas escolas particulares, fragmentação e esvaziamento na formação de professores, discriminação drástica dos salários dos professores, parcialização do trabalho do professor no interior da escola (a entrada dos especialistas), degradação das condições de trabalho (falta de instalações adequadas, equipamento, materiais didático. (VASCONCELOS, (2000, p. 28).

Os novos conceitos no século XXI

O aluno disciplinado na escola é visto como alguém que se encaixa nas normas e regras do cotidiano escolar, mas esse conceito de disciplina é complexo, pois algumas variáveis podem influenciar no processo ensino-aprendizagem. Sem a disciplina não podemos realizar nenhum trabalho pedagógico significativo.

#### **Concepções de disciplina a serem superadas:**

- Disciplina significa participar do esforço civilizatório, e a escola nada mais faria que colaborasse com este esforço geral. O que existe são formas históricas de civilização e disciplina correspondente à adequação à sociedade existente.

*Segundo CORTEZ (1998, p.19), “são métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podemos chamar de disciplinas”.*

- A escola é determinada socialmente como um pacote, o professor quer conseguir o silêncio de seus alunos e se ele pensa assim tem uma visão estreita. O professor até por pressão pode conseguir, mas quando não está presente a conduta é totalmente avessa. Na realidade ele não está preocupado com o futuro do aluno, mas sim manter seu nome nas instituições escolares.

Segundo CORTEZ (1998, p.110), “a representação de competência profissional está associada ao bom domínio de classe seja ele obtido por métodos autocráticos, ou de atitudes persuasivas”.

A palavra obediência torna-se sinônimo de disciplina, pois, o que acontece é uma “luta de classe”, onde o professor está procurando sobreviver mediante tantos desgastes. Essa procura do professor pela disciplina se torna alienada e não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas sim o isolamento e fechamento, a obediência, a submissão. O relacionamento cada vez mais restrito e o professor tem uma postura desumana. E em relação ao aluno qual seria seu gosto, sua conduta.

Em conclusão, seria uma educação liberal-espontaneísta, onde disciplina é seguir impulsos, fazer o que tiver vontade e acaba por produzir um discurso de que quem quiser aprender tudo bem, quem não quiser saia da sala.

A questão central não está na disputa professor x aluno, mas sim na organização do trabalho coletivo em sala de aula.

## CONCLUSÃO

Professor pode conseguir a disciplina, o silêncio, e melhorar a inter-relação, mas é necessário empenho, amor e desejo.

Estes estudos não apontam uma receita mágica, mas pretende contribuir com algumas reflexões sobre a questão e as maneiras de se abordar a indisciplina nas escolas.

Para nós pesquisadoras as leituras foram de grande serventia, pois deu-nos auxílio na construção do trabalho e trouxe-nos aprendizagens não apenas acadêmicas, mas também profissional e pessoal.

A mudança na educação nacional poderá surgir a partir de participações da sociedade e União através de um processo de transformação político Pedagógico buscando a participação ativamente de Projetos Políticos sociais construído com a participação de todos e ao mesmo tempo assumindo um compromisso nas definições

das escolas.

Do mesmo modo, essa participação de conhecimentos que consta nos PPP seja debatida e compreendida através de uma construção de simples formalizada.

Para que isso seja necessário e o mesmo esteja contido nas bases legais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB), assim sendo, é necessário que referido debate tenha como conclusão a construção documental reconhecida por todos os participantes, definindo através de um documento único de direcionamento educacional.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, Marco. **Violência é assunto da escola, sim!** São Paulo: Editora Abril, Ano XXI. BUARQUE, Aurélio: **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2004.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- CORTEZ, M.C. “**À Sombra do Fracasso Escolar: a Psicologia e as Práticas Pedagógicas**”. In Estilos da Clínica. Ano III. N. 5, 1998.
- FREUD, S. (1914b). “**Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar**”. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol.XIII. Rio de Janeiro:Imago, 1998.
- LEANDRO. Lajonquière de. “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**”. Editora Moderna, 1996.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973. TAILLE, Yves De La. **As três Dimensões do limite**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos: **Disciplina-Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.



## A INDISCIPLINA ESCOLAR

Autor(a): **Josefina Karen Muniz da Penha**

### Resumo

O trabalho objetiva-se no levantamento de reflexões sobre um dos problemas que agravam o desempenho do processo ensino-aprendizagem, favorecendo através da leitura pontos que auxiliem na relação professor-aluno, construindo valores éticos e desenvolvendo atitudes cooperativas, solidárias e responsáveis.

### INTRODUÇÃO

Desejamos uma disciplina consciente e interativa constante de participação, respeito, responsabilidade construção do conhecimento e formação do caráter a da cidadania. A disciplina, não deve ter fim nela mesmo, mas deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que forma o aluno como pessoa capaz de pensar, estudar, dirigir ou controlar quem dirige uma construção da auto-regulação do sujeito e /ou grupo, que se dá na interação social pela tensão dialética adaptação transformação, tendo em vista um objetivo.

O problema da disciplina está na relação entre os indivíduos isolados. Segundo VASCONCELOS (2000, p,48), o trabalho de criar uma nova relação educacional entre os agentes da comunidade é necessário principalmente transformar essa relação social caótica na escola e na sala de aula, mudando o processo de personalidade dos indivíduos que estão envolvidos, gerando meios favoráveis para que os mesmo se transformem.

Para que o professor consiga trabalhar dentro da sala de aula deve ter como parâmetro o processo de consciência/ alienação, observando as diferenças entre os alunos e buscar combiná-las rompendo essa cristalização de postura alienada.

Um dos referenciais do educador para com o educando é a autoridade que se faz necessário na educação. Muitos querem que o aluno reconheça o professor de uma maneira natural. No passado era um dos

representantes mais qualificados.

Hoje tem que conquistar esse respeito exercendo sua autoridade nos domínios intelectual, ético, profissional e humano. A autoridade deve ser transparente deixando claras as razões pelas quais exerce que é genuíno com o processo pedagógico.

Essa proposta de educação libertadora não está deixando claro que as imposições devem ser realizadas, trata-se de um ensino extremamente exigente onde o indivíduo deve ser muito competente para poder colaborar na transformação da realidade, mas ao mesmo tempo um ensino extremamente inteligente. Uma educação que seja baseada em princípios científicos, na compreensão da estrutura do conhecimento e do processo de desenvolvimento do educando.

Basicamente há duas maneiras de obter disciplina, uma é pela coerção (ensino tradicional) e a outra pela convicção. As duas aparentemente dão resultados iguais, mas cada forma utilizada sistematicamente deixa marcas profundas no sujeito.

A coerção, a pessoa passa a não ter domínio próprio e nem do que pensa. Chamamos de heterônoma essa prática propicia a formação de uma pessoa dependente, sem criatividade, recebendo ordens agindo mediante condicionamento.

A definição da palavra disciplina apresenta no seu geral fazendo referências ao processo educacional, transmitindo a ele a maioridade de se perceber direcionado pela atuação da disciplina.

Tal distinção não repousa no fato de que no contexto escolar não haja prescrições e regras, mas no fato de que tanto no caso militar como no eclesiástico, falamos de uma disciplina, de um tipo de disciplina que implica um controle sobre o comportamento como valor em que a rigidez do hábito invariável centra-se em um único objetivo para cada instituição.

*Na escola, no entanto, o emprego da palavra disciplina implica uma outra noção, - fundada em uma ordem fixa e imutável de procedimentos comportamentais e mais relacionado ao aprendizado das diversas ciências, artes ou demais áreas da cultura (AQUINO, p.131,2)*

A aprendizagem desencadeia a posse de uma disciplina.

Se disciplina é uma prática social, ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado para tudo. As exigências de procedimentos regras e métodos de uma prática não se dissociam dos objetivos e conteúdos, da mesma. Neste sentido, disciplina escolar não se identifica com uma boa ordem, mas com práticas que exigem diversas disposições e diferentes tipos de exigência. (AQUINO p.137)

Disciplinados são aqueles que obedecem, sem argumentar, nem indagar. Disciplinador é nesta perspectiva aquele que molda uma equipe de pessoas a submeter-se a algo.

A disciplina retrata uma segurança, pois através dela se faz capaz o bom desenvolvimento de aprendizagem. Esta afirmação nem sempre é eficaz, pois o aluno, comportado pode esboçar essa atitude por medo de castigo. Para podermos falar sobre a disciplina podemos falar sobre a natureza humana.

A disciplina de tempos anteriores era mantida sobre o controle e ordem do corpo. O silêncio era regra primordial nas aulas e fora delas, era mantida razoavelmente. O aluno disciplinado era aquele que se colocava em uma cadeira estática apenas respondendo o que lhe era perguntado, mantendo-se assim quieta sendo considerado calmo e disciplinado.

## **Indisciplina e Violência**

O fenômeno de violência nas escolas não é recente, um dos primeiros estudos realizados foi em meados da década de 50, nos Estados Unidos. A violência foi atingindo tal dimensão de gravidade e tão notável como o uso de armas de fogo, armas consideradas brancas, o uso de produto químico como narcótico e outros, tudo isso gerando também as formações de gangues, influenciando até o ambiente escolar.

A violência que antes era considerada apenas uma indisciplina, hoje está sendo analisada como uma questão de problema social, delinqüência, uma expressão do ser humano como anti-social, fora dos padrões de comportamento. Os acontecimentos violentos nas escolas estão se repetindo de forma avassaladora e até grotesco no ponto de vista social.

No Brasil, a UNESCO iniciou várias pesquisas centradas nos temas, violência juventude e cidadania. Destas preocupações e pesquisas houve uma tentativa de procurar nortear as soluções para esse problema. Também se pesquisou no sentido de mapear as ocorrências de mecanismos utilizados para a aprendizagem, poder aquisitivo e sua relação com a violência visto por três aspectos de variáveis independentes: o institucional, o social, origem sócio espacial, poder aquisitivo, e o comportamental. Todos esses caminhos podem variar em intensidade, magnitude, permanência e gravidade em relação à violência.

Fundamentada em suas próprias opiniões a pessoa que exerce um ato indisciplinado relata-o tendo como ponto de partida as paixões próprias.

A questão da liberdade aqui é entendida como querer, isto numa relação subjetiva, encaminhando o poder político como forma de mostrar a vontade própria.

Mas como bem lembra CORTEZ, a intimidade do coração não tem lugar tangível, ea intensificação de sentimentos privados ocorre a custada garantia da realidade do mundo.

A percepção depende da esfera pública onde o homem possa falar, ver, ouvir. Um homem isolado de permanece sem testemunho, suas obras são esquecidas e não deixam vestígios. Interiorizando no sujeito cognescente, homem torna-se prisioneiro de sua vontade e conseqüentemente, impossibilitando de realizar algo mais duradouro do que sua própria existência. CORTEZ (1998, p.143)

É preciso que a sala de aula se fortifique como espaço público, na qual ocorra as reproduções das realizações coletivas e exercício constante de si próprio. A educação é um processo pelo qual constrói em si mesmo e abre um leque para que se crie diferente forma de existência.

A indisciplina nas salas de aula é um dos principais temas que hoje em dia mobiliza educadores, técnicos e pais de variadas escolas brasileiras.

Define-se como ato indisciplinado aquele que foge das leis e normas determinadas por uma comunidade.

### **Indisciplina como ruptura social**

Todos os pesquisadores, inclusive no Brasil têm procurado conceituar violência considerando a população alvo, os jovens e o lugar da escola como instituição. Nesse sentido, a literatura nacional está observando a violência num plano ético e político, ou seja, a violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se assim, a possibilidade da relação social que se instala a comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito.

Podemos dizer que não é só a violência física que nos preocupa, pois outros tipos de violência podem ser traumáticos e graves.

De todos os tipos citamos as gangues, xenofobia e abusos físicos ou psicológicos contra alguém (bullying). As incivildades é que estão imperando, trazendo conseqüências como delitos contra objetos e propriedades, intimidações físicas, descuido com asseio das áreas coletivas, ostentação de símbolos de violência, atitudes que provocam medo e atos ilícitos, como uso de drogas e porte de armas.

Muitos problemas decorrentes concorrem para que a violência se instale no âmbito escolar e o fator indisciplina também contribui para isso, visto que constitui intrinsecamente as variáveis exógenas do problema.

A violência deve ser vista por dois aspectos. O lado externo é preciso levar em conta questões do gênero, relações sociais, situações familiares, influência dos meios de comunicação, espaço social das escolas e também aspectos internos que são:

- A idade e escolaridade dos estudantes;
- As regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições;
- O comportamento em relação aos alunos e a prática educacional em geral.

Não podemos generalizar apenas uma tendência das violências nas escolas, temos que identificar conjuntos ou ambientes favoráveis à violência e revelar a importância da abordagem transdisciplinar, enfocando a contribuição da sociologia, da ciência, psicologia, das ciências da educação e da justiça criminal.

O que pode acontecer é o medo da situação não ocorrer de forma positiva, pois, as escolas influenciadas pelos problemas externos estão perdendo a legitimidade. Não está sendo enfocada mais como transmissora de saberes e os alunos que a escola está recebendo já trazem problemas externos por apresentarem uma postura fora do padrão normal. A escola deve construir alternativas que sanem esses desencontros, adotando estratégias diferentes, já que pesquisas foram realizadas por instituições privadas, acadêmicas e profissionais das Ciências Sociais.

A incivilidade nas escolas para que ela não seja mais considerada um lugar de conhecimento, formação do ser, educação, da ética e da comunicação por diálogo, portanto a causa é grande insegurança por parte dos que a frequentam e a ideologia que a sustentam durante anos é contestada.

Entende-se por violência, nesse trabalho, a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade do outro(s) grupo(s) e contra si mesmo.

E a escola também deve observar como é a entrada e saída dos alunos e a vulnerabilidade quanto ao acesso no interior da escola.

A definição de indisciplina não tem uma estaticidade, nem uma uniformidade e nem tampouco uma universalidade. Ela se relaciona com uma conjuntura de valores adquiridos ao longo da história de vida levando em consideração as diversas culturas existentes numa mesma sociedade.

Individualmente falando, a palavra indisciplina pode apresentar diferentes sentidos que se constroem através das vivências de cada um em seu contexto. Ela apresenta certa periculosidade em sua compreensão.

Enquanto KANT preocupa-se com a humanidade, PIAGET enxerga uma autodisciplina inspirada pela

busca pessoal de equilíbrio. Estas idéias continuam influenciando na educação em nosso país.

Segundo JEAN PAUL a vergonha pura não é o sentimento de ser tal ou tal objeto repreensível, mas em geral, de ser um objeto, isto é, de me conhecer neste ser decaído, dependente e imóvel que sou para outrem. (SARTRE apud AQUINO, 1996, p.11)

Os sentimentos desenvolvidos na indisciplina caminham juntas, a vergonha e amoralidade esboçam uma função de especificidade.

A vergonha é um sentimento que, necessariamente nos remete os dois controles seu lado externo é sua origem e a sua realimentação na exposição do juízo alheio seu lado interno é a atribuição de valor, a construção da imagem de si que cada um procura realizar e preservar. (AQUINO, 1996, p.14)

## Quadro atual

A escola de hoje mudou e muitas vezes busca seu sentido original, professores e alunos parecem não falar a mesma língua, a falta de interesses pelos estudos parece crescer acentuadamente.

O professor anda confuso com tudo que vem acontecendo com ele, com a escola e com a sociedade. Há uma profunda mudança na relação Escola-Sociedade e parece que não nos damos conta disto.

Vemos muitos professores perplexos, angustiados e pensando até mesmo desistir da profissão, pois além dos baixos salários, do desprestígio social ainda têm que agüentar desaforos e desrespeito dos alunos em sala de aula.

Segundo alguns pesquisadores a maioria dos estudantes gosta de ir a escola para comer, namorar e brincar. Para eles, os estudos, os trabalhos e as pesquisas existem para atender apenas aos interesses da escola, assim professores pensam que ensinam e alunos pensam que estudam.

Ser professor hoje em dia é uma missão quase impossível. No passado, quando apenas uma pequena parte da população tinha acesso à Educação formal, não havia todos esses problemas.

Os pais preparavam os filhos para essa etapa da vida e os irmãos mais velhos, que também freqüentavam a escola, ajudavam os mais novos. Hoje a população passou a ter maior acesso à escola e para alguns estudiosos a dificuldade da escola atual é a democratização. Se analisarmos estas questões veremos que vários fatores interferem no bom desempenho da Educação. Para promover uma grande mudança é preciso base científica e

técnica, sem isso, aparecem os mitos que aprisionam o professor. O homem atual está ligado apenas ao seu próprio eu, ao seu pequeno grupo de amigos.

Atualmente as pessoas ainda sentem vergonha, mas não ligam esta vergonha a seus fracassos individuais. *“A moral pede disciplina, mas toda disciplina não é moral”*. (AQUINO,1996, p.19).

É preciso investigar a causa da indisciplina, não cometendo injustiças, sem se quer saber a causa antes de condenar o ato indisciplinado. As condutas variam de idade para idade. Através deste foco é possível perceber que é presente uma ligação entre disciplina e moral dentro da sala de aula.

Isto se dá devido à relação do indivíduo que a disciplina coloca como conjunto de normas e que diversas reações de indisciplina aparecem pelo desrespeito sejam dos educandos, educadores e até mesmo pela própria escola.

É comum existir entre o corpo docente certa insegurança de entrar em uma sala de aula para lecionar, pois não sabem o que vão encontrar, como serão tratados pelos alunos.

A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a “falhas” psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa. (AQUINO,1996, p.22)

O ato de indisciplina desencadeia indagações inúmeras buscando dar uma solução às vezes muito radical, para um ato que está permeado por coisas simples.

Podemos lançar olhares para que se construa uma análise, como o olhar sócio-histórico na qual a indisciplina mostra-se como força real de resistência e o olhar psicológico: que traza indisciplina como carência psíquica.

No olhar sócio-histórico podemos concordar, se a escola é um veículo de transformação histórica, devemos concordar também que a indisciplina presente nela demonstra coisas interessantes da atualidade.

*“Desde este ponto de vista sócio-histórico, a indisciplina passaria, então, a ser força legítima de resistência e produção de novos significados e funções, ainda insuspeitas à instituição escolar”*. (AQUINO, 1996, p.45).

Em se tratando do olhar psicológico, a indisciplina resulta de uma carência psíquica do aluno, não que isto seja a única causa.

É presente no contexto de muitos educadores que o aluno de hoje em dia precisa de determinados limites, tanto em maior quanto em menor grau. Este aluno é aquele que é agressivo e rebelde, ou não esboça reação, mostrando-se indiferente frente a uma situação, ou até mesmo, que se apresenta com desrespeito,

demonstrando a falta de limites.

## CONCLUSÃO

Alguns fatores apontados neste estudo alertam para o lado a disciplina que vem entorno da escola. Observam falta de obediência aos sinais nas vias de trânsito que dão acesso às escolas, resultando num número de atropelamentos dos membros da comunidade escolar. O acesso à bebida alcoólica e o absenteísmo dos alunos também são fatores indutores de indisciplina. A vigilância policial no ambiente escolar não existe em alguns lugares e também não é aceita por todos. Grandes números de gangues e tráfico de drogas vêm assustando o entorno escolar, levando ao clima próprio à indisciplina. Até diretores se tornam vulneráveis, acabam evitando certas tomadas de decisões, pelo medo de expor, vivendo num mundo de tensão.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, Marco. **Violência é assunto da escola, sim!** São Paulo: Editora Abril, Ano XXI. BUARQUE, Aurélio: **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2004.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- CORTEZ, M.C. “**À Sombra do Fracasso Escolar: a Psicologia e as Práticas Pedagógicas**”. In *Estilos da Clínica*. Ano III. N. 5, 1998.
- FREUD, S. (1914b). “**Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar**”. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, vol.XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LEANDRO. Lajonquière de. “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**”. Editora Moderna, 1996.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973. TAILLE, Yves De La. **As três Dimensões do limite**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos: **Disciplina-Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.



## BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor(a): **Camila Conceição Marques**

### Resumo

Este artigo aborda as relações entre as brincadeiras e o trabalho pedagógico junto com os alunos, apresentando as diferentes tendências educacionais. Serão apresentados diferentes educadores com perspectivas de construção de conhecimento por meio de brincadeiras envolvendo crianças de 0 a 5 anos de idade na Educação Infantil.

Palavras-chave: brincadeiras, educação infantil, brinquedos, jogos, lúdico.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir o papel das brincadeiras na Educação Infantil questionando o desenvolvimento e a espontaneidade da criança que ocorrem no ato de brincar.

Serão abordadas as necessidades de uma brincadeira saudável e construtiva em que os educadores infantis precisam estar atento às mudanças de comportamentos que ocorrem nas brincadeiras.

Cabe aos educadores estimularem as brincadeiras, ordenarem os espaços para facilitarem a construção e a reflexão da autonomia de cada criança.

Para que as brincadeiras tenham sucesso precisam ser livres, e quando elas são dirigidas pelos educadores primeiramente devem ser bem-vindas pelas crianças para que desenvolvam a compreensão e a interação, dando o ponto de partida para as mesmas brincarem sozinhas ou entre grupos.

Nesse sentido devemos destacar a importância das brincadeiras no cotidiano das escolas infantis, que promovem aprendizagem e satisfação às crianças, em relacionar-se socialmente de maneira bem ativa com

educadoras e os do seu convívio social.

Destacaremos alguns educadores: Friedmann, Kishimoto e Brougère que realizaram pesquisas nesta área da Educação Infantil, refletindo a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras no cotidiano infantil, questionando as necessidades práticas pedagógicas como mediadoras do Ensino Infantil proporcionando às crianças ao desenvolvimento da autonomia, raciocínio, linguagem dentre outros fatores correspondentes às práticas pedagógicas.

## A PROPOSTA PEDAGÓGICA A EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica sendo oferecida em creches e pré-escolas, para crianças entre 0 e 5 anos de idade.

Com a proposta pedagógica o desenvolvimento infantil torna-se rico e significativo com aprendizagens elaboradas e planejadas pelos profissionais da educação, para as crianças compreenderem as diversidades sociais, desenvolverem sua autonomia e identidade.

No desenvolvimento das atividades, as educadoras infantis devem estimular as crianças com diálogos para que as mesmas participem dispondo os seus saberes sobre os assuntos tratados pelos iguais, aprimorando os seus conhecimentos.

Desta forma os educadores propõem atividades educacionais que possibilitam as crianças desenvolverem o raciocínio lógico, as linguagens e as interações em novas descobertas em meio das brincadeiras e em explorações lúdicas.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96,Artigo31.)argumenta-se sobre o acompanhamento e o registro dos educadores infantis referente à avaliação das crianças em seu desenvolvimento para dar continuidade no ensino fundamental.

Em conformidade com a educadora Oliveira (2002,p.253)

“A avaliação educacional requer um olhar sensível e permanente do professor para compreender as crianças e responder adequadamente ao “aqui- e agora” de cada situação. Perpassa todas as atividades, mas não confundem com aprovação/reprovação. Sua finalidade não é excluir, mas exatamente o contrário: incluir as crianças no processo educacional e assegurar-lhes êxito em sua trajetória por ele”.

Sendo assim, avaliação no desenvolvimento infantil requer um olhar no sentido de favorecer propostas pedagógicas que atendam aspectos cognitivos, físicos das crianças permitindo as mesmas expressarem, criar e participar das atividades pedagógicas oferecidas pelas educadoras no sentido que as crianças entendam e aprendam. As educadoras como mediadoras devem relatar as observações feitas durante progresso do desenvolvimento infantil das crianças que apresentam facilidade e dificuldade, relatando seus avanços de conhecimentos e promovendo as crianças a processo de ensino.

Para a educadora Oliveira (2002,p.254)

“ Avaliar a educação infantil implica detectar mudanças em competências das crianças que possam ser atribuídas tanto ao trabalho realizado na creche e pré-escola quanto à articulação dessas instituições com o cotidiano familiar. Implica analisar, com base em escalas de valores, as mudanças evidenciadas. Exige o redimensionamento do contexto educacional – repensar o preparo dos profissionais, suas condições de trabalhos, os recursos disponíveis, as diretrizes defendidas, os indicadores usados, para promovê-lo ainda mais como ferramenta para o desenvolvimento infantil. Envolver conhecer os diversos contextos de desenvolvimento de cada criança, sendo um retrato aberto, que pontua uma história coletivamente vivida, aponta possibilidade de ação educativa, avalia às práticas existentes. Trata-se de um campo de investigação, não de julgamento, que contribui decisivamente para a busca de uma proposta pedagógica bem delineada.”

Neste sentido, as educadoras devem não apenas avaliar o processo de ensino apresentados pelas crianças, mas transformar condições desenvolvidas nesse procedimentos enriquecedores pois o desenvolvimento infantil exige a percepção das mudanças e as educadoras devem garantir qualidade e comprometimento, sendo importante promover propostas pedagógicas qualificadas.

Nesta perspectiva, as educadoras devem considerar os saberes adquiridos pelas crianças havendo compreensão e elaboração em seu trabalho dando continuidade e aos nos assuntos tratados pelas crianças com a iniciação da formação de atitudes, valorizando acontecimentos transcorrestes em processo no período da Educação Infantil.

## A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ambiente sociocultural em que as crianças estão inseridas consegue construir novos e diferentes conceitos de existência nas práticas sociais, que fornece a base de compreensão para as crianças atuarem e interpretarem essas atuações.

Esse desenvolvimento ocorre em relação às brincadeiras em que as crianças vão construindo as estruturas de modos e de interagir e de corresponder em suas representações.

No ato de brincar as crianças conseguem transparecer fatos importantes alcançando significados que correspondem a sua realidade, brinquedos e objetos permitem as mesmas reproduzirem suas concepções lúdicas. Nas brincadeiras é comum observarmos as crianças imitando outras crianças, possibilitando ao mesmo tempo outras formas de expressões e verbalizações, são experiências vividas em locais diferenciados, que facilitam novas construções.

Assim nos educadores deveremos sempre oferecer um ambiente acolhedor para que as crianças antecipem essas manifestações de explorar e brincar, possibilitando ações produções positivas entre si ou entre as demais, essas trocas de valores possibilitam com que as crianças obtenham novos conhecimentos.

Assim o educador oferecendo e promovendo uns espaços diferenciados para que as crianças possam variar e criar meios de suas ações, o brincar promove inovações diferenciados em que possibilitam em aprendizagem.

Em conformidade com a educadora Queiroz (2006, p.4) “Na brincadeira, a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos sejam a partir de sua própria ação ou imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos com quais produz novos sentidos e os compartilha”

Sendo assim, as brincadeiras constituem muitos fatos relevantes às crianças para construírem uma nova ação, para criarem papéis que demonstrem a sua realidade. Nessa perspectiva, brincadeiras e brinquedos facilitam o faz de conta das crianças, favorecendo a necessidade de buscar as dimensões lúdicas.

O brincar promove desafios em que as crianças buscam solucionar, ou seja, quando estão brincando em um determinado papel da sociedade, introduzem numa maneira participativa e simbólica, compartilhando as vivências e experiências.

Para o educador Brougère (2001,p.40) “ Cada Cultura dispõe de um banco de imagens consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural”

Desta maneira as crianças que brincam com os brinquedos, vivenciam e reproduzem fatos presentes da realidade, o brinquedo de certa forma permite às mesmas a liberdade de explorá-lo brincando e imitando em praticas suas interpretações sócias e afetivas.

Lembramos ainda que, para o educador Brougère (2001,p.43) “ Portanto manipular brinquedos remete, entre outras coisas a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade”

Neste sentido os brinquedos representam aprendizagem para crianças, ao demonstrarem manifestações dos seus desejos e ansiedades, ao brincarem com os brinquedos e objetos as mesmas dão outras formas de nomeação em relação ao seu convívio social.

Nesta perspectiva as educadoras infantis precisam trabalhar com essas hipóteses de entendimento em que uma boa brincadeira traz de compreensão, prazer às crianças e perceber as facilidades de como as crianças conseguem aprender por meio das brincadeiras.

Conforme a educadora Dantas (2002, p.111) “Brincadeira é forma mais livre e individual que designa as formas mais primitivas de exercício funcional”

De acordo com a afirmação da educadora, as brincadeiras são essenciais para novas ações de construções, permitindo às crianças criarem ideias mediante atividades propostas pelas educadoras de forma bem produtiva, cabendo às educador sempre buscarem estímulos às crianças referente às brincadeiras e aos brinquedos que proporcionam o desenvolvimento, afetivo, físico e intelectual.

Ao brincar as crianças compartilham seu imaginário criando novas possibilidades de intencionarem as brincadeiras, demonstrando para as demais crianças e ao adulto.

Ainda citando Dantas (2002,p.113) “As atividades surgem liberadas livres aqui no sentido de gratuitos, não instrumentais exercendo-se pelo simples prazer que encontram em fazê-lo.”

Neste sentido as crianças quando tem liberdade de fazer suas próprias escolhas dos brinquedos, no brincar desenvolvem suas próprias ações lúdicas, encontrando-se em momentos de descobertas, surgimento de ideias que contribuem ao mesmo tempo construções criativas. Compartilhando essas simbologias com as demais crianças, facilitando novas significações.

As educadoras infantis devem apresentar brinquedos que proporcionem interesses e desafios para as crianças, para as mesmas desenvolverem suas necessidades criativas. O brinquedo desperta a curiosidade das crianças, permitindo a dramatização nas brincadeiras. Esses procedimentos pedagógicos devem ser promovidos para dar satisfação às crianças e não por obrigação, evitando frustrações.

Nesta questão as educadoras devem estar atentas para trabalharem com coesão, motivação entre as equipes de crianças com o compromisso de atender às necessidades educativas delas, fortalecendo os conhecimentos e aprendizagens das mesmas, permitindo o desenvolvimento da autoestima, segurança e confiança. Ensiná-las com respeito sem pressão medo e insatisfação, as educadoras como mediadoras devem reverter essas situação e transformar o ambiente de trabalho prazeroso para que as mesmas tenham vontade de fazer e aprender.

De acordo com a educadora Kishimoto (2008,p.19)

“ A imagem de infância é reconstituída pelo adulto por meio de um duplo processo:de uma lado,ela esta associada a todo um contexto de valores e as aspirações da sociedade,e,de outro,depende de percepções próprias do adulto,que incorporam memórias de seu tempo de criança.Assim,se a imagem de infância reflete o contexto atual,ela é carregada,também,de uma visão idealizada do passado do adulto,que contempla sua própria infância.A infância expressa no brinquedo contém o mundo real, com seus valores, modos de pensar e agir e o imaginário do criador do objeto.”

Sendo assim, as crianças apresenta uma relação íntima com o brinquedo, podendo transformá-lo em objeto de desejo, demonstrando suas sensibilidades de afeto de companheirismo.

Essas representações ocorrem em relação do seu cotidiano em que as crianças terá de estrutura para reproduzir significados grande importância da sua convivência, as educadoras infantis devem relatar dados observados pela as quais os mesmos relaciona nas brincadeiras, para compreender de fatos manifestados pelo as quais as crianças apresentam durante o brincar.

As educadoras infantis devem ter a consciência nas quais práticas estabelecidas entre as crianças para entender a forma de como elas vêem o mundo de si mesma e contextualizar sobre esses dados atualmente transcorridos pelas mesmas. Possibilitando esses prazeres numa forma livre, para que as crianças possam executar estratégias de como, jogar e brincar.

## A BRINQUEDOTECA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A brinquedoteca oferece às crianças muitas qualidades educativas e, para que isso seja realizado as educadoras infantis precisam dar importância aos cantos pedagógicos e procurar sempre promover.

A brinquedoteca oferece às crianças muitas qualidades educativas e, para que isso seja realizado as educadoras infantis precisam dar importância aos cantos pedagógicos e promover neles atividades para as crianças construírem conhecimento.

As crianças que tem oportunidade de ir ao encontro da brinquedoteca desperta interesse das mesmas, imaginando outro mundo, tendo uma diferente visão de um adulto, as crianças fazem suas escolhas nos cantos

proporcionados pelos educadores e algumas andam em torno das novidades ou também pode ocorrer que ainda não despertou o seu interesse até ele encontrar o canto predileto, nesse caso é bom deixar as crianças livres fazendo suas próprias escolhas dos canto pedagógico.

De conformidade com a educadora Friedmann (1998,p.70)

“ Tem criança que chega sozinha, sem conhecer ninguém. Seu primeiro contato é com os brinquedos. Eles são a ponte para criança comunicar-se e expressa-se .O brinquedo aproxima, convida a brincar junto, a partilhar,a entrar na brinquedoteca a inventar.”

Assim sendo, a afirmação da educadora pressupõe que há crianças que entram no espaço sem conhecer ninguém e muito menos conhecer o canto pedagógico proporcionado para elas. Muitas escolas infantis precisam oferecer essa oportunidade, um direito das crianças brincarem e explorarem tendo contato direto com diversos materiais. A criança que tem essa oportunidade de conviver na brinquedoteca não terá nunca mesmas experiências sempre haverá aprendizados diferentes, para que isso ocorra às educadoras deverão variar o espaço com aspectos novos para que às crianças tenha uma reação diferente, um espaço que permite alegria e bem estar.

Os brinquedos de fato aproximam todas as crianças para brincarem, as crianças tímidas que chegam e ficam quietas em um dos cantos pedagógicos, não demoram muito a se soltarem interagindo com as demais. Nessa questão os comportamentos se diferenciam nas brincadeiras demonstrando satisfação, as educadoras devem observar as atitudes vindas das mesmas brincando e considerar que a brinquedoteca permite às crianças brincarem, e a vivenciarem o ambiente em novas descobertas.

Conformidade a educadora Kishimoto (2008,p.18)

“ Uma boneca permite a criança várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até a realização de brincadeiras como mamãe e filhinha. O brinquedo estimula a representação a expressão de imagens que invocam aspectos da sociedade.”

Neste sentido as crianças que brincam com as bonecas demonstram o cuidar, sua expressividade de carinho de atenção. Essa afetividade nas brincadeiras encontra-se em relação do seu cotidiano em que se apropriam produzindo imitações adaptando nas brincadeiras novas significações. As educadoras infantis devem observar a reação das mesmas brincando, ter um olhar cuidadoso não preconceituoso em relação às brincadeiras em que os meninos trocam de papéis em funções de cuidar, nelas as educadoras devem respeitar as escolhas feitas experimentando por vontade de fazer e por curiosidade.

Nesta questão as crianças reproduzem nas brincadeiras sem constrangimento em compartilhar as tarefas entre os demais, a vivenciarem trocas de papéis nos quais os meninos são responsáveis pelo o lar.

Para educadora Finco (2003, p.7) “ Observando vários momentos de brincadeiras foi possível levantar hipóteses de que as crianças ainda não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras e, portanto, não reproduzem o sexismo presente no mundo adulto.”

Assim sendo nas brincadeiras as crianças não tem consciência de que o brinquedo e brincadeira são diferenciados pelo olhar da sociedade, em que brincadeiras de bonecas e casinhas são oferecidas somente para as meninas, enquanto carrinhos e bolas para os meninos. As crianças fazem suas escolhas no que brincar e no que produzir.

Questionar os gêneros das mesmas nas brincadeiras infantis permite um olhar severo em que as educadoras avaliam suas manifestações brincando, buscando profundo conhecimento nos quais as crianças produzem naturalmente.

Lembrando que para o educador Brougère (2001, p47) “Na sua brincadeira, a criança não se contenta em desenvolver comportamentos, mais manipular imagens, as significações simbólicas que constituem uma partida impregnação cultural.”

Sendo assim, é de pleno contexto as crianças manipularem fatos consistentes da sociedade, interpretando novas descobertas ao brincarem, submetendo-se a diferentes confrontações de imagens da sociedade significativas para elas e poder adaptá-las nas brincadeiras em diferentes meios expressivos.

O educador devesse favorecer e permitir com que as crianças se manifestem em suas brincadeiras para que observem e atendam o que precisam, dar direito a voz da importância de suas produções.

## O JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No contexto social os jogos possuem várias representações, são segmentos de estratégias que mudam de acordo com suas definições, assim como brinquedos e brincadeiras, os jogos desenvolvem aprendizagem nas crianças. Os jogos pedagógicos desenvolvem o cognitivo das crianças, promovendo a expressão do seu entender, compartilhando suas ideias com os demais e com as educadoras, entretanto as crianças manipulando o jogo têm o contato direto de envolvimento espontâneo que desenvolvem naturalmente em novas representações.

Em conformidade com a educadora Friedmann(1996,p.71) “Os educadores que dão destaque ao jogo espontâneo no planejamento consideram-no como um facilitador da autonomia da criatividade da experimentação da pesquisa e de aprendizagem significativas.”

Desta maneira, as educadoras infantis devem dar importância ao jogo pedagógico que propõe práticas às



crianças, o jogo de fato facilita a ação do pensar da criança, procedendo a motivação para as mesmas desempenhar sua criatividade, mostrando o prazer de executar o jogo e desenvolver diferentes maneiras de jogar.

Nesta perspectiva as educadoras infantis devem observar o comportamento das crianças brincando, anotando a facilidade e dificuldade durante procedimento do jogo, observar as diferentes manifestações expressivas das crianças na produção livre.

De acordo com a educadora Kishimoto (2008,p.17)

“No segundo caso, um sistema de regras permite identificar, qualquer jogo, uma estrutura sequencial que especifica sua modalidade. O xadrez tem regras explícitas diferentes do jogo de damas, loto ou trilha. São as regras do jogo que distinguem, por exemplo, jogar buraco ou tranca, usando o mesmo objeto, o baralho. Tais estruturas sequência de regras permitem diferenciar cada jogo permitindo superposição com a situação lúdica, ou seja, quando alguém joga, esta executando as regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo uma atividade lúdica”

Neste sentido as educadoras infantis precisam oferecer jogos que estimulem o raciocínio da criança para desenvolverem os seus pensamentos e agilidades durante o jogar, devem oferecer jogos apropriados para cada faixa etária com o compromisso de que a criança aprenderá a solucionar.

Nos jogos dirigidos as educadoras passam a ser mediadoras das regras simples, orientando as crianças durante jogo. Nessa condição as educadoras não devem esperar aperfeiçoamento das mesmas, mas desempenhar atividades para que elas mesmas desenvolvam por vontade de fazer, pois as expectativas de um bom trabalho pedagógico surgirão principalmente se as mesmas quiserem repetir novamente.

De acordo com autora Meira (2003,p8) “ Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo que nada a torna mais feliz do que o mais uma vez...Para ela porém, não bastam duas vezes, mais sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes.”

Sendo assim, as educadoras devem incentivar sempre às crianças para atuarem em novas interpretações, a repetição traz aprendizagem diferente as crianças tendo facilidade de desenvolver novas maneiras de construir o jogo. Outro fator importante que as crianças devem solucionar são os trabalhos competitivos nos quais às mesmas aprendem que não há perdedor, nessa hipótese devem oferecer atividades em que as crianças não

fiquem de fora do jogo que continuem participando e colaborando entre os demais, evitando constrangimento vindas das crianças, para que elas não se sintam inseguras.

Devemos questionar o espaço físico para as crianças desenvolverem atividades livres ou dirigidas, o educador como responsável deve proporcionar bom espaço para as mesmas permanecerem, nessa questão os educadores tem que atender as necessidades para execução sem interrupção para não ocorrer conflitos.

Nessa questão as escolas infantis devem oferecer um espaço amplo sem risco para as crianças exercerem a atividade proposta pela educadora. Devemos ressaltar também atividades que estimulam o raciocínio das crianças, permitindo o pensar e o opinar durante o jogo, para que as mesmas tenham domínio do jogo em dispor sua facilidade de estratégias com as demais. Neste caso o educador não deve se manifestar, só observar o entendimento das crianças ao desenvolver novos procedimentos do jogo, construindo novas maneiras de brincar e solucionar os jogos oferecidos pelo educador. Apenas intencionar no caso se for convidado a participar, mesmo assim havendo uma postura com que permitam as crianças possam a procurar estratégias a solucionar.

## O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil o lúdico é muito importante favorecendo desenvolvimento e a aprendizagem, nas crianças, portanto as educadoras devem estimular as atividades para que ao mesmo tempo desenvolvam a criatividade e ação lúdica no processo de ensino.

O brinquedo possibilita a ação desses acontecimentos, ele desperta o interesse das crianças para explorá-lo, interpretando em novas situações. Nessa questão o brinquedo permite novas perspectivas das brincadeiras favorecendo a facilidade de construir diversas manifestações lúdicas. Em conformidade a educadora Kishimoto (2008,p.39)

“Ela surge com aparecimento de representações e da linguagem, em torno de 2/3 anos, quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e assumir papéis presentes no contexto social. O faz de conta permite não só a entrada no imaginário, mas a expressão de regras explícita que materializam nos termos das brincadeiras.”

Sendo assim, a criança ao brincar confronta várias ideias, portanto as educadoras devem prestar atenção das brincadeiras que permitem o exercício das diferenciações de regras. Nelas as crianças criam suas próprias regras

em cima das mesmas brincadeiras, facilitando novas construções de conhecimentos.

O lúdico proporciona a criança facilidade de aprender essa espontaneidade oportuna concebida pela criança, as educadoras devem dar importância no planejamento pedagógico, com intuito de oferecer atividades mediante nos quais lúdicos são concebidos.

Segundo o educador Brougère (2001,p.46) “ O brinquedo aparece então como suporte de aprendizagem nesse nível enquanto fonte de confrontações com significações culturais que se existam na dimensão material do objeto.”

Dessa forma, nas brincadeiras o lúdico é atendido livremente pelas crianças, o brinquedo serve como instrumento dessa concepção existente, em que submetem sempre diferenciá-lo na percepção ativa do seu convívio, essas apresentações criadas pelas crianças as educadoras devem sempre articular presenciasses obtidas durante o brincar para que entendam a imaginação presente da criança, sabê-la escutar para que tenha entendimento vindas das mesmas, dando atenção e importância em sua transição.

O lúdico de certa forma promove, prazer, alegria e tristeza, pois nela a criança opõem seus sentimentos, suas vontades. A imaginação possibilita criar próprio mundo no qual ela representa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste artigo, devemos destacar a importância da brincadeira que promove aprendizagem durante a Educação Infantil, que deve assegurar o brincar no trabalho pedagógico com as crianças.

A brincadeira permite o desenvolvimento de vários aspectos cognitivos que se integra á ação lúdica, permitindo ás crianças criar vínculos com meio social. Essa concepção lúdica surge durante brincadeiras com brinquedos e objetos demonstrando satisfação de explorá-lo. Nessa questão devemos também acrescentar a interação que a brincadeira permite com outras crianças por meio de expressividades nos quais os significados são correspondentes nas práticas estabelecidas do cotidiano e durante a Educação Infantil.

As escolas infantis devem promover planejamentos pedagógicos nos quais brincadeiras, brinquedos e jogos são tratados pela importância da construção de conhecimento da criança. As educadoras devem mediar às atividades em que adotam novos procedimentos necessidade para melhoramento dessas realizações, os recursos pedagógicos são de extrema necessidade para essa atuação.

Nesta questão devemos também ressaltar que a brincadeira é algo sério, a criança brinca não apenas por vontade de brincar, mas brincando elas fazem buscas de novas descobertas, de aprendizados e também produzem

significados contínuos com meio social.

O lúdico se faz presente na infância, em que nas brincadeiras as crianças criam o seu imaginário, dando a importância a sua realização.

Esta perspectiva as educadoras ao observarem a reação de cada criança brincando devem dar continuidade à aprendizagem que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico. As educadoras como mediadoras durante os jogos devem permitir as crianças aprendam a solucionar as regras estabelecidas ou permitirem a descoberta de outros meios de solucionar, sem interferir a sua forma de pensar e exercer.

Devemos destacar ainda a brinquedoteca nas escolas infantis que oferece aprendizagem em cantos pedagógicos elaborados pelas educadoras, esses cantos pedagógicos proporcionam às crianças ação de conhecimento por meio do brincar, e do contato direto com diversos materiais, que despertam curiosidade das mesmas.

Sendo assim, as crianças demonstram satisfação e alegria de vivenciar o lúdico neste espaço concebido de interação e aprendizagem, através das brincadeiras e com os brinquedos e objetos presentes, ao brincar as crianças transmitem a ação social do seu cotidiano, favorecendo em trocas de suas expectativas de experiências com os demais. Ao brincar a criança fantasia-se expondo a preciosidade das brincadeiras, fazendo com que as mesmas venham a compartilhar suas realizações entre os demais.

Neste sentido, o educador infantil deverá estar sempre atento em observações das manifestações das crianças, aprendendo a dar importância e atenção em sua voz de escuta, permitindo com que expressem seus entendimentos e aprendizados em uma forma espontânea e participativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de;MACIEL,Diva Albuquerque;BRANCO,Angela Uchôa.

Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia,v.16,n.34.Ago.2006  
<http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em: 16 out.2009.

BROUGÉRE,Gilles Brinquedo e cultura.Revisão técnica e versão brasileira adaptada por WASKOP Gisela.4.ed  
São Paulo: Cortez,2001 ( Coleção Questões da Nossa Época,v.43.)

DANTAS,Heloysa.Brincar e trabalhar.IN:KISHIMOTO,Tizuko Morchida (org). O brincar e suas teorias.São  
Paulo: Pioneira,2002.

MEIRA,Ana Marta.Benjamin,os brinquedos e a infância contemporânea.Psicol soc,v.15,n.2.Dez.2003  
<http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em 21 nov.2009.

FRIEDMANN, Adriana. A criança na brinquedoteca IN: FRIEDMANN, Adriana (et al) O direito de brincar. 4.ed. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. O jogo como meio educacional IN: FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender. O resgate do jogo infantil. 4.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação IN: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org) 11.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FINCO, Daniela. Relações de gêneros nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Proposições, v14, n. 3. Dez. 2003 <http://mail.fadUnicamp.br/proposicoes/textos/42-dossie-fincond.pdf>. Acesso em 26 nov. 2009.

OLIVEIRA, de Zilma. A avaliação na Educação Infantil IN: OLIVEIRA, Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Docência em Formação).

## O SUPORTE PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

### Resumo

Este trabalho visa mostrar que o psicopedagogo é extremamente importante na instituição escolar, pois este profissional estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo. Procura envolver a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção do conhecimento, ajudando o aluno a superar os obstáculos e desafios que se interpõem ao pleno domínio das ferramentas necessárias à leitura do mundo.

**Palavras-chave:** métodos de avaliação; psicopedagogia; intervenção.

### INTRODUÇÃO

O profissional que se forma no curso de psicopedagogia está apto a atuar em prol de melhorias no processo educativo de crianças, jovens e adultos. A Psicopedagogia Institucional, voltada aos transtornos de aprendizagem em ambientes de ensino, como as escolas, é fundamental para garantir que a os conteúdos possam ser assimilados e os alunos tenham a oportunidade de desenvolver o seu raciocínio, inteligência, imaginação, criatividade, entre outros aspectos.

Segundo Groppa (1997) o trabalho do psicopedagogo terá como objetivo principal trabalharos elementos que envolvem a aprendizagem de maneira que os vínculos estabelecidos sejam sempre bons. A relação dialética entre sujeito e objeto deverá ser construída positivamente para que o processo ensino-aprendizagem seja de maneira saudável e prazerosa. O desenvolvimento de atividades que ampliem a

aprendizagem faz-se importante, através dos jogos e da tecnologia que está ao alcance de todos. Com isso, há a busca da integração dos interesses, raciocínio e informações que fazem com que o aluno atue operativamente nos diferentes níveis de escolaridade. Por isso, a educação deve ser encarada como um processo de construção do conhecimento que ocorre como uma complementação, cujos lados constituem de professor e aluno e o conhecimento construído previamente.

Segundo Bossa (2000), a presença de um psicopedagogo no contexto escolar é essencial, ou seja, ele tem muito que fazer na escola. A sua intervenção inclui:

- Orientar os pais;
- Auxiliar os educadores e conseqüentemente à toda comunidade escolar;
- Buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade);
- Colaborar no desenvolvimento de projetos (Oficinas psicopedagógicas);
- Acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino;
- Promover encontros socializadores entre corpo docente, discente, coordenadores, corpo administrativo e de apoio e dirigentes.

## O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

O psicopedagogo pode avaliar o aluno com o intuito de identificar possíveis situações que interferem em seu desempenho escolar. Dessa forma, a atuação do profissional visa garantir o bom andamento das atividades, além de possuir uma importância significativa para a inclusão escolar.

Além disso, o psicopedagogo possui um importante papel para intervenção junto à família dos alunos, visto que o ambiente familiar também influencia no aprendizado e no desenvolvimento infantil.

O psicopedagogo também tem o papel de auxiliar os educadores realizando atendimentos pedagógicos individualizados, contribuindo para a compreensão de problemas na sala de aula, permitindo ao professor ver alternativas de ação e ver como as demais técnicas podem intervir, bem como participando do diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem e do atendimento a um pequeno grupo de alunos. Para o psicopedagogo, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas nas suas disciplinas.

Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva. Também tem um papel de participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos filhos; em conselhos de classe, avaliando o processo

metodológico; na escola como um todo, acompanhando a relação professor e aluno, aluno e aluno, aluno que vem de outra escola, sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio.

Segundo Bossa (1994, p.23):

(...) cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança.

A Psicopedagogia traz atividades de intervenção psicopedagógicas com uma abordagem que visa restaurar e desenvolver as capacidades de adaptação do educando. Às atividades de intervenção psicopedagógica são orientadas para trabalhar as capacidades cognitivas, emocionais, sociais e morais dos alunos, promovendo a interação entre os estudantes. Além disso, essas atividades fazem com os estudantes se ajudem mutuamente gerando desenvolvimento sócio-educacional.

A Psicopedagogia é uma área que tem como objetivo compreender e intervir nos processos de aprendizagem, considerando as dimensões cognitivas, emocionais e sociais do indivíduo. Nesse sentido, a avaliação e a intervenção são fundamentais para identificar as dificuldades e potencialidades do sujeito e promover o seu desenvolvimento.

A avaliação na Psicopedagogia é um processo contínuo e sistemático que tem como objetivo identificar as dificuldades e potencialidades do sujeito em relação à aprendizagem. Ela é realizada por meio de diferentes instrumentos e técnicas, que permitem ao psicopedagogo compreender as habilidades e dificuldades do sujeito em relação à leitura, escrita, computacional, lógica lógica, entre outras áreas.

Um dos principais métodos de avaliação utilizados na Psicopedagogia é a observação clínica. Nesse método, o psicopedagogo observa o comportamento do sujeito durante as atividades de aprendizagem, identificando suas dificuldades e potencialidades. Além disso, a observação clínica permite ao psicopedagogo compreender as emoções e sentimentos do sujeito em relação à aprendizagem, o que é fundamental para uma



intervenção.

Outro método de avaliação utilizado na Psicopedagogia é a aplicação de testes psicológicos e pedagógicos. Esses testes permitem ao psicopedagogo avaliar as habilidades e dificuldades do sujeito em relação à aprendizagem, identificando as áreas em que ele apresenta mais dificuldades. Alguns exemplos de testes utilizados na Psicopedagogia são o Teste das Matrizes Progressivas de Raven, o Teste de Desempenho Escolar, o Teste de Leitura e Escrita, entre outros.

A intervenção na Psicopedagogia tem como objetivo promover o desenvolvimento do sujeito, por meio de estratégias que visam superar as suas dificuldades e potencializar as suas habilidades. Ela é realizada de forma individualizada, considerando as necessidades específicas de cada sujeito.

Um dos principais métodos de intervenção utilizados na Psicopedagogia é a ludoterapia. Nesse método, o psicopedagogo utiliza jogos, brinquedos e atividades lúdicas para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do sujeito. A ludoterapia permite ao sujeito aprender de forma prazerosa e significativa, o que é fundamental para a sua motivação e engajamento na aprendizagem.

Outro método de intervenção utilizado na Psicopedagogia é a intervenção psicomotora. Nesse método, o psicopedagogo utiliza atividades que envolvem o movimento e a percepção corporal para estimular o desenvolvimento cognitivo e emocional do sujeito. A intervenção psicomotora permite ao sujeito desenvolver a sua coordenação motora, a sua percepção espacial e temporal, além de promover a sua autoestima e autoconfiança.

A avaliação e a intervenção são fundamentais na área da Psicopedagogia, pois permitem ao psicopedagogo compreender as dificuldades e potencialidades do sujeito em relação à aprendizagem e promover o seu desenvolvimento. A avaliação deve ser realizada de forma contínua e sistemática, utilizando diferentes instrumentos e técnicas que certamente ao psicopedagogo compreender as habilidades e dificuldades do sujeito. Já a intervenção deve ser realizada de forma individualizada, considerando as necessidades específicas de cada sujeito e utilizando estratégias que visem superar as suas dificuldades e potencializar as suas habilidades. O psicopedagogo é um profissional extremamente importante na instituição escolar, pois ele estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos,

## COMO É REALIZADA UMA ANAMINESE

A Anamnese com a família se faz essencial por apresentar a visão familiar da história de vida do sujeito em relação a preconceitos, normas, culturas, expectativas, circulação de afetos e conhecimentos, além do peso das gerações anteriores que às vezes é depositado no sujeito (Weiss, 2008).

Vale lembrar que, o diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que essa atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito (BOSSA, 2000, p. 95).

Mesmo diante da importância de alguns instrumentos de intervenção avaliativa no diagnóstico psicopedagógico, é essencial destacar, segundo Weiss (2008), que o sucesso do diagnóstico não está no grande número de instrumentos utilizados, mas, principalmente, na competência e sensibilidade do psicopedagogo em explorar a multiplicidade de aspectos revelados em cada situação.

Como consequência, a elaboração da devolutiva, tanto para o sujeito como para a família, exige um momento que deve ser considerado desde a queixa inicial, assim como todo o trabalho desenvolvido, detalhadamente, em cada sessão, as entrevistas investigativas (família, escola, profissionais e o próprio sujeito), seguido de orientações e devidos encaminhamentos. Todos os aspectos apresentados devem ser necessariamente sustentados pelo bom senso e propriedade do psicopedagogo em construir com o sujeito e família questões relacionadas com a queixa inicial, assim como também de destacar as potencialidades e as necessidades que fazem parte também do contexto de aprendizado do sujeito como um todo, no sentido de prosseguir com condutas e estratégias que realmente signifiquem o sujeito e suas particularidades em aprender.

## CONCLUSÃO

O psicopedagogo é extremamente importante na instituição escolar, pois este profissional estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo. Procura envolver a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção do conhecimento, ajudando

o aluno a superar os obstáculos e desafios que se interpõem ao pleno domínio das ferramentas necessárias à leitura do mundo. Portanto, o profissional de psicopedagogia propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vive de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. S. Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia: análise Crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. Cadernos de Psicopedagogia, v.3, n. 6, 70- 71, junh. 2004.

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS, Artmed, 2007. BRASIL, \_\_\_\_\_ . **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** São Paulo: Artmed, 2000

Código de ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia IN [http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/codigo\\_de\\_etica.htm](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/codigo_de_etica.htm) - Reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do biênio 95/96 - acesso em 7/6/2011.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **Contribuições do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional**, - São Paulo: Lemos Editorial, 1997

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean- Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1970.

Lei nº. 9394 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Acesso em: 28 de Junho

## A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo auxiliar educadores que se veem frente a um aluno com necessidades educacionais especiais, visando o bem-estar primeiramente do aluno, para que este se sinta incluído e parte do grupo escolar. Em 2004, as psicólogas Angelucci, Kalmus, Paparelli e Patto (2004) desenvolveram um artigo em que relatam sobre o fracasso escolar, e dentre os principais fatores, pode-se observar que uma das causas é as dificuldades dos educadores em se detectar previamente causas relacionadas a uma possível necessidade educacional do educando, muitas vezes estas crianças sofrem por não terem um diagnóstico adequado, sendo taxadas de preguiçosos, desatentos e outros adjetivos que não contribuem em nada para seu desenvolvimento. A hipótese deste trabalho é que o professor é um canal importantíssimo de estímulo para estas crianças, motivando sua autonomia e dominância no espaço em que está inserido, proporcionando-lhes condições melhores no desempenho de suas tarefas rotineiras e elevando sua autoestima. O processo de inclusão e adaptação não favorece somente o portador da deficiência, mas também a todos, como professores e alunos, pois a escola torna-se um ambiente desafiador e de integração.

### INTRODUÇÃO

Assuntos relacionados com alfabetização, sobretudo com métodos de alfabetização, sempre foram e continuam sendo objeto de intenso debate e controvérsia tanto no mundo político quanto no mundo acadêmico. Isso não surpreende, sobretudo tendo em vista que a escolarização deixou de ser um privilégio de poucos e, em menos de um século, passou a ser reconhecida como um direito e uma obrigação.

*Segundo Arroyo (1999, p.144) muitas crianças ainda terminam as séries iniciais do ensino fundamental sem demonstrar possuir as competências básicas em leitura, escrita a fim de prosseguir seu processo de alfabetização.*

O problema é que essa postura política ou ideológica continua levando o Brasil a uma rejeição de evidências objetivas e científicas sobre como as crianças aprendem a ler.

A escola tem a função social de proporcionar a todos o desenvolvimento das habilidades linguística para que o sujeito possa participar da sociedade de igual para igual, tendo as mesmas oportunidades na vida, e assim, possa sair da exclusão e exercer a cidadania, a escola e a prática pedagógica do professor não são neutros, ambos têm um grande papel decisivo, ou seja, a maneira como professor concebe o ensino da língua pode contribuir positivo ou negativamente para o desenvolvimento da aprendizagem do seu aluno, pode trazer tanto o sucesso como o fracasso.

Sabendo que a habilidade de realizar leituras também é um fator de crescimento pessoal, pois implica na capacidade de aprender de forma autônoma, é preciso estar atentos para não propagar ainda mais indivíduos analfabetos funcionais, mas sim leitores proficientes que tenham acesso a níveis mais elevados de ensino e que tenha desenvolvido uma grande autonomia como leitora e aumentando o seu repertório vocabular. Portanto, saber ler e interpretar dá essa condição intelectual um indivíduo, melhorando todos os aspectos humanos relacionados, seja ele pessoal, profissional e social. Conforme Soares (1999, p. 3),

o conceito de letramento e alfabetização não concebe a língua como processo de transmissão ou instrumento de comunicação, mas a considera como um processo de interação em que o interlocutor vai construindo sentido e significado ao longo de suas trocas linguísticas, constituindo significados, segundo a relação que mantém com a língua, com o tema sobre o qual fala ou escreve.

Sabemos que ler consiste na capacidade de extrair a pronúncia e o sentido de uma palavra a partir de sinais gráficos e escrever é a capacidade de codificar graficamente os sons correspondentes a uma palavra. A leitura e a escrita não são habilidades inatas do ser humano, mas habilidades que são repassadas de geração a geração, através de atividades de ensino sistemáticas e intencionais.

*Essas habilidades exigem do leitor o conhecimento do código convencional da língua escrita, e no nosso caso, o sistema de escrita alfabética, para poder decodificar a informação escrita e compreender o significado do enunciado que deve estar associado a vivência diária da oralidade. (Brasil, 2003).*

Em conformidade com o que foi dito acima, Nunes (2001, p.75) enfatiza:

A relação entre leitura e escrita não é uma simples questão de passar de som para letra na escrita

e inverter esse processo, passando de letra para som na leitura. Dois tipos de estudo indicam a existência de diferenças entre leitura escrita: os estudos que analisam as discrepâncias entre leitura e escrita nas mesmas crianças e os que analisam as interferências com a execução dessas habilidades. NUNES (2001, p.75)

O objetivo primordial da leitura é a compreensão, além de ajudar as crianças a realmente entenderem o que leem e a desenvolver estratégias para continuar a ler com autonomia e proficiência e da mesma forma, o propósito de escrever é comunicar, de modo que um leitor possa compreender o propósito e o significado do que foi escrito, uma vez que lemos para compreender e o propósito da leitura é a compreensão pois ler não é o mesmo que compreender, é preciso distinguir estes processos

Além do que de ler e aprender a ler também são processo distintos, aprender a ler ajuda o leitor a ler e consequentemente ler ajuda o leitor a compreender. As pessoas aprendem a ler, tornam-se capazes de ler, e usam essa capacidade para aprender a partir do que leem, ou seja aprender a ler refere-se ao primeiro estágio de um longo processo de ler para aprender, quando está se aprendendo a ler é preciso a capacidade de identificar palavras numa sentença ou texto e para que haja compreensão, a identificação de palavras deve ocorrer de forma imediata, isto é, com velocidade e precisão.

Aprender a ler consiste em traduzir letras (impressas ou escritas) em sons que fazem sentido. O ato de ler impõe inúmeros requisitos ao sistema cognitivo: um decodificador e armazenador de informação de longo e de curto prazos e se o decodificador é fraco, a compreensão de leitura será deficiente, sendo assim, é preciso adquirir as competências para decodificar.

Dessa forma, aprender a fazer a decodificação fonológica (isto é, converter sons em letras para escrever e letras em sons para ler) constitui o cerne do conceito de alfabetização.

É um fato científico bem estabelecido que aprender a ler requer:

- Compreender o princípio alfabético;
- Aprender as correspondências entre grafemas e fonemas;
- Segmentar sequências ortográficas de palavras escritas em grafemas;
- Segmentar sequências fonológicas de palavras faladas em fonemas;
- Usar regras de correspondência grafema-fonema para decodificar informação.

E embora a escrita seja mais complexa e exija o desenvolvimento de competências adicionais, a maioria das conclusões de pesquisas sobre leitura também se aplica à escrita. Escrever exige que a criança aprenda as representações ortográficas de forma precisa e completa. A aprendizagem da língua escrita implica ler e escrever texto, que representa idéias com unidade de sentido, escrever implica processo de elaboração pessoal do discurso interior, isto é, suas produções espontâneas.

Assim, a construção da língua escrita é um processo de elaboração e reelaboração pela própria criança, medida pelo professor e a interação com os colegas. Constatou-se que há uma intersecção entre a leitura e a escrita, onde um é determinante do outro na aquisição desses conhecimentos. Ler não é uma competência única, envolve uma série de habilidades, são distintas as causas que geram no educando a dificuldade de ler e escrever durante seu processo de alfabetização.

As causas podem assim ser citadas: déficit perceptual, déficit lingüístico, dislexia, disgrafia, disortográfica, dislalia dentre outras. Muitos estudos indicam que os processos utilizados pelas crianças quando lêem e escrevem não são os mesmos, pois há uma complexidade que podem determinar essas dificuldades uma vez que cada pessoa tem suas particularidades e anseios que determinam sua forma de aprender.

A linguagem é uma forma de inter-relação: mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ação a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, construindo compromisso e vínculo que não pré-existiam antes da fala, e se há alguma disfunção nessa relação também ocorrerá dificuldades no processo de aquisição do sistema de escrita e leitura.

*Souza (2003, p. 30) ressalta: “(...) o sujeito não interage nem se comunica com o outro por meio de letras ou de sílabas, mas de enunciados com unidade de sentido”.*

Para que a alfabetização tenha sentido é necessário ser um processo interativo, dentro do contexto da criança, com histórias e com intervenções das próprias crianças, que façam algum sentido para elas, percebe-se que o desenvolvimento da língua tanto na modalidade oral como na escrita, dá-se num processo discursivo, na relação da criança com o objeto de estudo e o outro,

Na análise do desenvolvimento cognitivo do aluno conhecido por “Nível da Psicogênese”, Ana Teberosky e Emilia Ferreiro (2001), esclarecem o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever e afirmam que é um equívoco pretender ensinar de uma forma padronizada e homogênea, pois as crianças são diferentes uma das outras, no seu jeito de pensar, no saber e no modo de processar e elaborar o

conhecimento. A escola precisa se atualizar, sair desse seu ensino demassa, imposto pela indústria cultural dos livros didáticos.

Conforme Soares (2001,p. 3), a preocupação deve estar voltada para a questão da qualidade do processo. Não basta ensinar a ler e a escrever, é preciso desenvolver a competência da leitura, formando leitores e escritores críticos de todos os tipos de textos.

Sendo assim, é preciso saber o definir o que é cada fator que influenciam na leitura, considerados fundamentais para o processo de alfabetização: Consciência fonológica - isto é, a habilidade de prestar atenção aos sons da fala como entidades independentes de seu significado. A habilidade de reconhecer aliteração e rimas e a habilidade de contar sílabas nas palavras são alguns dos indicadores de consciênci fonológica.

Familiaridade com textos impressos, incluindo a capacidade de identificar as partes de um livro, a direção da leitura (esquerda para direita ao longo das linhas de cima para baixo), entre outras.

Metalinguagem, ou seja, o uso da própria língua para descrevê-la ou explicá-la. As competências metafonológica e metalinguística são dois dos tipos de conhecimento metalinguístico.

Consciência fonêmica, ou seja, o entendimento de cada palavra falada pode ser concebida como uma sequencia de fonemas. Essa consciência é a chave para compreensão do princípio alfabético, pois os fonemas são as unidades de som representadas pelas letras. Conhecimento do princípio alfabético, ou seja, que as letras representam sons. Decodificação, ou seja, o processo de converter sequencia de letras em sons com base no conhecimento da correspondência grafemas- fonemas.

Fluência, isto é, a habilidade de ler com velocidade e precisão, extraindo o significado do que é lido e vocabulário, isto é, conhecimento da correspondência entre as palavras e os seus significados. A literatura aponta a consciência fonológica como componente do processamento fonológico mais relacionado ao desenvolvimento da leitura e da escrita, apresentando uma relação recíproca com tal desenvolvimento. Conhecer as letras inclui saber os sons que elas representam, pois se o individuo sabe o nome das letras, a possibilidade de conhecer os sons que representam é muito maior, devido ao fato de que o nome da maioria das letras conter pelo menos um fonema que pode ser representado por ela. Se conhecer o nome das letras facilita a compreensão das relações grafema-fonema, influencia também a aquisição da leitura e da escrita. Já as habilidades de consciência fonêmica e de conhecimento de letras contribuem para o conhecimento de relações fonema-grafema, para decodificação e codificação.



O processo cognitivo acima envolvido na leitura fluente dispõe de duas rotas de leitura: a fonológica e a lexical, que podem ser explicados da seguinte forma:

Na leitura pela rota lexical o estímulo visual da palavra escrita era ativar o léxico mental e servirá como porta de entrada para o reconhecimento da palavra, que ativará a representação semântica e a forma fonológica quando for pronunciada.

Na leitura pela rota fonológica, a palavra escrita é decomposta em suas unidades grafêmicas, as quais estarão associadas a fonemas, recuperando primeiramente a pronúncia e o reconhecimento auditivo da palavra.

A decodificação está relacionada à leitura pela rota fonológica, enquanto o reconhecimento da palavra como um todo incluindo seu significado está relacionado ao uso da rota lexical. A decodificação é a competência central do processo de aprendizagem da leitura. Todas as outras competências estão associadas a ela, como pré-requisitos - como no caso da consciência fonêmica e do domínio do princípio alfabético - ou como decorrência, no caso da fluência, quando se torna possível prescindir da decodificação grafo fonêmica por meio do reconhecimento imediato da forma ortográfica das palavras.

As outras competências, como vocabulário e compreensão, são independentes da leitura, mas a fortalecem e se fortalecem a medida que aumenta a proficiência de leitura da criança.

De acordo com Barbosa (1990, p.30), de modo geral, os métodos tradicionais de alfabetização são caracterizados por um sistema fechado e o processo de aquisição da linguagem escrita é visto como algo exterior ao indivíduo. A partir de então, esses métodos fazem uma análise racional dos seus elementos, partindo de aspectos simples para os complexos, ou seja, primeiro aprendem-se as letras e depois as sílabas, palavras e frases.

A aquisição da leitura e da escrita exige que o indivíduo reflita sobre a fala, estabeleça relações entre os sons e sua representação na forma gráfica e isto estão intimamente ligados a consciência fonológica, uma vez que para dominar o código escrito é necessária a reflexão sobre os sons da fala e sua representação na escrita.

Crianças com dificuldade em consciência fonológica geralmente apresentam atraso na aquisição da leitura e da escrita, e procedimentos para desenvolver a consciência fonológica podem ajudar as crianças com dificuldades na escrita a superá-los (Capovilla e Capovilla, 2000).

## O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

É notório que nas primeiras séries do Ensino Fundamental, existe uma complexidade de dificuldades que aparecem nesse período e devemos estar atentos às dificuldades de aprendizagem, pois quanto mais cedo se perceber essas, haverá vantagens para ser solucionada com mais rapidez.

O desenvolvimento de situações educativas provoca mudanças compulsivas conforme a tendência adotada, sabemos que a aprendizagem além de fatores internos também depende fatores externos, que estão associados ao contexto no qual está inserido. Embora o cérebro esteja à disposição de todos, muitas pessoas não têm à sua disposição os recursos que ele normalmente disponibiliza em forma de gerenciamento de funções mentais, sensoriais ou motoras. Como já dissemos neste artigo aprender a ler e a escrever não é um processo natural como o processo de aprender a falar, se trata de uma tarefa complexa que envolve competências cognitivas, perceptivas, espaço-sensoriais, grafo-motoras, psicolinguísticas e afetivo-emocionais.

Segundo Tunmer, Pratt, Henrriiman (1984), as crianças de modo geral, recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a escrita para construir uma análise da própria fala.

Sabemos que hoje a consciência fonológica é um vasto conjunto de habilidades que nos permitem refletir sobre as partes sonoras das palavras e para que ocorra o processo de alfabetização é preciso agir sobre a formulação de hipóteses sobre a escrita, a reflexão sobre a relação entre a fala e a escrita e o uso da consciência fonológica. Essa habilidade metalinguística pode ser definida como a capacidade para identificar e manipular intencionalmente os segmentos sonoros da língua oral, como as sílabas e os fonemas.

Como afirma Navas (2008, p.158): (...) para compreender a relação entre leitura e consciência fonológica, é necessário considerar a consciência fonológica não como um construtor unitário e organizado, mas como uma habilidade cognitiva geral, composta de uma combinação complexa de diferentes habilidades, cada uma com suas próprias peculiaridades.

Diferentes formas linguísticas que qualquer criança é exposta, dentro de uma cultura vão formando sua consciência fonológica, entre elas pode-se destacar músicas, cantigas, poesias, parlendas, jogos orais e a fala, propriamente dita.

Capovilla e Capovilla (2000) utilizam o termo consciência fonológica para se referir a consciência de

segmentos nos níveis lexical: palavras, rimas, aliterações, sílabas e fonemas. A relação entre consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita supõe a existência de uma influência mútua entre os dois fatores, essa hipótese interativa sustenta que o desenvolvimento da consciência fonológica facilita a aprendizagem da leitura e da escrita ao mesmo tempo que a instrução formal em um sistema de escrita alfabético desenvolve habilidades, sobretudo no nível fonêmico.

## CONCLUSÃO

Assim, cabem aos pais, instituições, professores se unirem para o bem-estar de tais crianças muitas vezes discriminadas e não aceitas pela sociedade, afinal, estas têm direitos assegurados em lei, e são seres humanos capazes de fazer o que suas limitações permitirem.

Nessa perspectiva, a articulação permanente entre profissionais e família faz toda a diferença no desenvolvimento global do aluno com Transtorno do Espectro Autista, pois esta articulação faz emergir diversas visões de todos os envolvidos, sobre as reais necessidades e possibilidades do aluno nos diversos ambientes, tal articulação contribui, assim, com a escolha, confecção e uso de apoios e recursos pedagógicos diversos, bem como com a utilização da tecnologia assistiva.

A escolha adequada dos apoios e recursos pedagógicos, trouxeram ao aluno uma qualidade de vida, contribuindo efetivamente com a comunicação deste aluno com o mundo que o rodeia, socialização dentro do ambiente escolar, e cognitivo, afetivo deste aluno com o mundo que o rodeia e em seu desenvolvimento global, atendendo desta forma toda a proposta de uma educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de**

dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 6.253, de 13 de novembro de 2007.** Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, regulamenta a Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 186, de 09 de julho de 2008.** Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Brasília: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília: MEC, 2008a

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.** Promulga a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Brasília: MEC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB n.4/2009.** Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Dispõe sobre a Educação Especial, o Atendimento Educacional Especializado e dá outras providências. Brasília: MEC, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica/Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. 79p**

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Saberes e Práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: Deficiência Múltipla./** Coordenação Geral – Francisca Roseneide Furtado do Monte, Idê Borges dos Santos - reimpressão – Brasília: MEC, SEESP, 2004. 58p.: il. – (Educação Infantil; 4).

C. B. ANGELUCCI, J. KALMUS, R. PAPARELLI e M. H. S. PATTO. **O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar.** São Paulo, 27 abril.2004. Artigo(Faculdade de Educação e no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a04v30n1.pdf>. Acesso em 24 de julho de 2019.

Dicionário Aurélio On line. Disponível em: <http://dicionariodoaurelio.com/integraracessado> em 22 março

de 2019.

MANTOAN, MARIA T.E, **Educação Inclusiva**- Orientações Pedagógicas. Disponível em: <[https://8f94e5a4-a62cb3a1a-sites.googlegroups.com/site/aeejanaicesr/aeead-1/atendimento-educacional-especializado-ae/AEE\\_Livro\\_Completo\\_Versao\\_2008](https://8f94e5a4-a62cb3a1a-sites.googlegroups.com/site/aeejanaicesr/aeead-1/atendimento-educacional-especializado-ae/AEE_Livro_Completo_Versao_2008)>. Acessado em 22 de março de 2019.

RAGAZZI, Ivana A. G. Inclusão Social. IN: RAGAZZI, Ivana A. G. **Inclusão Social: A importância do trabalho da pessoa portadora de deficiência**. São Paulo. LTr, 2010. p.38-62.

SANTOS, M.P., PAULINO, M.M. , **Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas**. São Paulo. SP : Cortez, 2008. p. 17-19.

Siaulys, Mara O. de Campos; Ormelezi, Eliana Maria; Briant, Maria Emilia (Org); **A deficiência visual associada à deficiência múltipla e o atendimento educacional especializado** - São Paulo: Laramara, 2010.

## A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor(a): **Rosilei de Fatima Collaboni Cordeiro**

### Resumo

Como professora da educação infantil tenho uma inquietação de como a arte pode mudar as perspectivas de futuro das crianças. Acredito nas várias linguagens que a arte proporciona, pois por meio delas despertamos um raciocínio criativo e imaginário. Desenvolvemos a expressividade da criança. Na nossa conjuntura social ter acesso à arte pode mudar um contexto social, porque a educação está para mudar as perspectivas de vida das crianças que vivem em meios sombrios da violência. Na atualidade normalmente a visão da arte é de um desenho esteticamente bonito, porém ela é mais que isso, tem o teatro, dança e a música. Essa expressividade do fazer artístico é que daremos a voz a nossas crianças, voz da criatividade, da ludicidade, do imaginário. A importância dessas várias linguagens que quero expor nesse artigo, que poderiam ter mais espaço na nossa educação.

**Palavras Chaves:** Artes Visuais; infância; criatividade; aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

A arte se faz necessária para o desenvolvimento das crianças levando-as a se tornarem seres criativos, expressivos e aguçando a imaginação.

Ela trabalha várias linguagens, com isso trabalhamos a comunicação tanto com corpo quanto com a mente.

No universo da alfabetização, a visão de muitos é a escolarização da criança pequena, e toda a ludicidade fará diferença, pois queremos adultos sabidos e criativos com imaginação fértil.

A arte tem que estar presente em todas as etapas da educação básica, assim como na educação infantil na qual utilizamos muito a exploração e a expressividade espontânea. Faz-se necessário a continuidade dessa arte que não visa à estética nem somente a releitura de renomados artistas, mas a arte de criação e desenvolvimento na qual utilizamos todas as linguagens, linguagens do corpo, do fazer artístico, da sua criação e da imaginação.

## EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA HISTÓRIA

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou de grupo social ao qual ela pertencia. Por um bom período na história da humanidade, não houve nenhuma instituição responsável por compartilhar esta responsabilidade pela criança com seus pais e, com a comunidade as quais estes faziam parte.

Isso permite dizer que a Educação Infantil, como se conhece hoje, realiza de forma complementar a família, é um fato muito recente. Nem sempre ocorreu do mesmo modo, pois, a história conta que, por volta do século XVII, com a implantação da sociedade industrial, foram feitas novas exigências educativas para dar conta das novas ocupações no mundo do trabalho.

No Brasil a educação infantil pertencia a secretaria do bem-estar social e não a secretaria da educação, por isso as crianças eram levadas para creche para serem cuidadas enquanto os familiares trabalhavam, as instituições exigiam o vínculo empregatício para a concessão da vaga ou a criança estava em estado de vulnerabilidade.

Após a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases) a educação infantil de 0 a 3 anos passou para secretaria da Educação, mesmo assim não mudaram a visão das creches na educação infantil, a visão pedagógica de desenvolvimento restringe a comunidade pedagógica, os familiares, e políticos em geral continuam com a visão as creche para mães trabalharem e não como a educação para todos.

Por mais que norteiam nossa prática com relatórios baseados nos documentos pedagógicos não conseguimos mudar os conceitos da sociedade no geral perante a educação infantil na creche.

Por outro lado vemos com um preparo para o ensino fundamental, não dando importância no brincar e atividades lúdicas, e sim na alfabetização precoce. Sendo que na educação infantil a criança está conhecendo o mundo, aumentando o vocabulário, tendo contato com mundo letrado e desenvolvendo a coordenação motora corporal.

Então precisamos mudar os olhares para educação infantil que a concepção da infância saia do mundo pedagógico para sociedade em geral.

E essas mudanças precisam primeiramente começar com as políticas públicas, para fins eleitoreiros que buscam oferecer o espaço de creche no sentido da mãe trabalhar, produzir e gerar votos e por isso o trabalho de creche se torna invisível no que diz ao desenvolvimento integral da criança, vemos somente como trabalho social.

[...] para mais e mais os canais de expressão e produção dos sentidos, é essencial alimentar a imaginação. Sendo assim aproximar-se da arte um campo de conhecimento que ronda o

mistério, a incerteza, a incompletude e a multiplicidade de sentidos, é uma boa direção a seguir [...] (OSTETTO, 2012, p.33).

## ARTE NA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A mudança do ensino da arte não aconteceu por acaso, foi fruto da luta de educadores comprometidos com o ensino de arte. Entretanto essas mudanças ocorreram inseridas em contextos sociais e históricos determinados que influenciassesem essas transformações, sendo assim percebemos que a própria arte também se transformou.

As práticas educativas, assim como as outras áreas do conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte também de teorias e proposições artísticas e estéticas. Quando aprofundamos nossos conhecimentos sobre essas articulações, em cada momento histórico, certamente aprendemos a compreender melhor a questão do processo educacional e sua relação com a vida. (FERRAZ e FUSARI, 2001, p.37).

A Lei de Diretrizes e bases regulamenta o ensino de arte regulamenta como disciplina vem 1996. Atualmente, a matéria se compõe do ensino de Artes Plásticas, Arte Cênica Dança e Música, que se tornou obrigatória a partir de 2008 com o advento da Lei Federal 11.769. Confira, a seguir, trecho da norma aqui citada, a qual acrescenta o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei de Diretrizes e bases, já comentadas neste tópico:

O fazer artístico tem que ser levado em conta, pois não veem um o artista como uma profissão, somente dão valor quanto esse se tem destaque fora do país, mas temos artistas nas periferias, nas ruas que são marginalizados.

Por isso devemos na educação básica deixar fluir a veia artística de cada criança, pois na vida adulta no mercado de trabalho a criatividade, a desenvoltura e imaginação vem da arte. Só com arte que teremos inovação no mercado um pensamento inovador que vai além da teoria.

Temos que sair da fábula da cigarra e formiga onde arte não é vista como trabalho.

Os professores tem agregar a arte as outras matérias de forma interdisciplinar, com ludicidade o aprendizado fica prazerosos rico de criatividade vai além das didáticas.

Como na neurociência tudo que tem um significado e faz sentido para a criança de forma prazerosa fica guardado na memória e esse aprendizado é para a vida.

## A FORMA DE ENSINAR ARTE EM TEMPOS DE DEMOCRACIA

Com o processo do fim da ditadura militar no Brasil, os movimentos de renovação na educação que borbulhavam internamente começaram a emergir.



Nos anos 80 a concepção de ensino de arte que trouxeram a abertura política para que as concepções de educação e de ensino de arte fossem repensadas. A ideia era propor um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e análise da obra de arte. Esse currículo estava organizado de maneira que a criança, em suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento, estaria sendo respeitado.

Uma das ações que está em processo hoje e vem se afirmando por sua maior abrangência cultural, refere-se a um posicionamento teórico-metodológico, conhecido entre nós por “Metodologia Triangular”. Esta proposta é difundida e orientada por Ana Mae Barbosa, e que está sem dúvida interferindo qualitativamente no processo e melhoria do ensino de arte, tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: o “fazer artístico”, a “análise de obras artísticas” e a “história da arte”. Este trabalho em sendo desenvolvido e pesquisado, desde o início dos anos 90. (FERRAZ E FUSARI, 2001, p. 35).

Somente em 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996 o ensino de arte passa a ser obrigatório nos diversos níveis da educação básica e estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

Essa mudança não foi apenas nominal, mas de toda a estruturação que envolve o tratamento de uma área de conhecimento. De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimentos significativos em arte.

Na mesma época, o Ministério da Educação propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs. No PCN dedicado a área de Arte fica clara a intenção deste instrumento.

O documento de arte expõe uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana. (PCN, 1997, v. 6, p. 11).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Arte: “São características de um novo marco as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdo próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade” (PCN, 1997).

Ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte nos apontam que a arte é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e cultural da criança, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O ensino de Artes Visuais aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade.

Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas. (PCN, 1997, v. 6, p. 39).

Tratar a arte como conhecimento é ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos arte-educadores. Ensinar arte significa articular os três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. Esses três campos estão presentes nos PCN-Arte e, respectivamente denominados produção, fruição e reflexão.

Podemos destacar a “Proposta ou Metodologia Triangular” difundida e orientada por Ana Mae Barbosa, que vem se afirmando por sua maior abrangência cultural. Essa proposta pedagógica integradora tem por base trabalhar três vertentes do conhecimento em arte: o fazer artístico, a leitura obras de arte e a contextualizar a arte.

Fazer artístico: É explorar a ação criadora na prática artística. É buscar momentos em que os alunos experimentem materialidades, processos e procedimentos no fazer artístico.

Ler obras de arte: É estimular a percepção e o conhecimento a respeito da crítica e da estética. É ampliar o repertório cultural e nutrir o olhar dos alunos sobre os aspectos que envolvem a produção de uma obra de arte. Isso se refere a todas as linguagens artísticas: dança pintura, esculturas, teatro, música, etc...

Contextualizar a arte: É o exercício de pensar a respeito da arte. A contextualização também explora os saberes estéticos, históricos e culturais. Quando contextualizamos a arte, devemos fazê-lo relacionando arte à vida. Devemos entender a arte de forma interdisciplinar.

Outra ação que está interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de Arte se refere a estudos sobre a educação estética do cotidiano, complementando a formação estético-artística dos alunos.

## ARTE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal coordenação equilíbrio motricidade sentir ver ouvir pensar falar ter segurança. E ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, coparticipando e não controlando. (HOLM, 2007, p12)

As propostas são pautadas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que temos como objetivo o desenvolvimento pleno das crianças proporcionado experiências.

Por meio do campo de experiência corpo, gestos e movimentos; escuta, fala pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades relações e transformações; o eu, o outro o nós, elaboramos nosso planejamento com atividades que contemplam todos os campos de experiências e nessas atividades que estão intrínseco

nostros objetivos de garantir o direito as aprendizagens , as crianças se conhecendo, participando, convivendo, explorando e expressando.

A arte esta presente nesses campos de experiências com teatro, música e explorações artísticas com elementos da natureza, tintas , entre outros, preparar espaços para essas experiências prazerosas que cognitivamente vão levar para vida, pois foram significativas em sua concretude.

As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. (...) Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte. Eu lhes apresento um desafio, que nunca tem uma resposta definida. (HOLM, 2004, p. 84).

Alguns pedagogos estão preocupados mais com a exposição do trabalho bonito que do que na vivência e desenvolvimento da criança por isso engessam o fazer artístico com moldes a serem seguidos, esteticamente belos sendo assim vimos crianças sendo ceifadas da criatividade e imaginação e desenvoltura .

De modo geral, no campo educacional, tomamos rumo diverso: caminhamos amparados por certezas pedagógicas, um porto seguro das regras e modos de fazer, e então temos medo do desconhecido, do que não podemos controlar, do campo do afeto, da fantasia e da sensibilidade, por exemplo. É evidente a dificuldade da escola (creches e pré-escolas também!) em lidar com a arte, com a poética da vida – que pressupõe espaço para a imaginação, a experimentação, a criação e, como parte do processo, espaço para a dúvida e para o erro. Mas, a tranquilidade que pode nos trazer o domínio do já estabelecido (um modelo, um manual, uma técnica) e a segurança que pode nos oferecer a rota conhecida (como aquela pasta com moldes de “trabalhinhos” para passar para as crianças, ainda tão comum entre os educadores!), caminha passo a passo com a impossibilidade da criação (OSTETTO, 2007).

## A ARTE E A NATUREZA

A exploração de espaços onde a criança convive com a natureza, conhecendo o mundo, recolhendo gravetos e folhas desse ambiente.

Podemos trabalhar a arte e a natureza com sol, chuva, terra, areia, gravetos e folhas as crianças conhecem o mundo por meio das experiências e produzimos a arte, marcas de sua infância que ficarão em sua memória.

Reciclando os materiais, utilizando os materiais não estruturados estamos trabalhando o meio ambiente. Não podemos ter expectativa quanto ao resultado são produções simples que agregam aprendizado, produções contemporâneas.

A simplicidade é maior desafio. É possível sair de um passeio levando apenas uma pilha de jornais velhos e ainda sim construir algo? O tempo está chuvoso hoje. O pensamento imediato

de um adulto seria: E agora? Não vai dar certo fazer aquilo que planejamos. As crianças não. Estão muito felizes de sair na chuva. (HOLM,2017,p.104).

## MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música é uma de linguagem fundamental na vida humana, presente tanto em momentos marcantes, como nas atividades mais corriqueiras. Sendo assim, concordamos com Snyders (1992): a escola não pode abrir mão dessa linguagem na vida de seus alunos. A música está presente na educação infantil em todos os momentos, ela faz parte da rotina.

Essa linguagem que desenvolve a concentração, o ritmo, a oralidade, a escuta. A música está em todos os lugares ouvimos os sons da natureza onde identificamos o canto do pássaro, o uivar do vento, o barulho das grandes cidades. Fazemos sons corporais, com utensílios da cozinha, no bater o tambor, chocalhar do chocalho, no tintilar do pau de chuva.

## A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A música é essencial na educação infantil, pois ela faz parte da rotina. O desenvolvimento cognitivo por meio da música se faz presente quando a criança encontra o ritmo do bater palmas, associa a melodia a determinada música é só assoviar que eles identificam, o ouvido aguça para os sons.

Desenvolvemos a oralidade com a música a criança, ela se expressa por meio de movimentos e mímicas e se expressa a sua cultura. A música agita, a música acalma, desenvolve afetividade junto com momentos relaxantes.

Em pesquisa realizada na Universidade de Toronto, Sandra Trehub (apud CAVAL-CANTE, 2004) comprovou algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, ficam mais alertas.

Nossas avós também já sabiam que colocar um bebê do lado esquerdo, junto ao peito, o deixa mais calmo. A explicação científica é que nessa posição ele sente as batidas do coração de quem o está segurando, o que remete ao que ele ouvia ainda no útero, isto é, o coração da mãe. Além disso, a eficácia das canções de ninar é prova de que música e afeto se unem em uma mágica alquimia para a criança. Muitas vezes, mesmo já adultos, nossas melhores lembranças de situação de acolhimento e carinho dizem respeito às nossas memórias musicais. Já presenciamos vivências em grupos de professores que, a princípio, não apresentavam memórias de sua

primeira infância. Ao ouvirem certos acalantos, contudo, emocionaram-se e passaram a relatar situações acontecidas há muito tempo, depois confirmadas por suas mães.

## A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. As brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura.

Além disso, a música também é importante do ponto de vista da maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Fanny Abramovich, em memorável artigo, afirma:

Ô ciranda-cirandinha, vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar, quem não se lembra de quando era pequenino, de ter dados as mãos pra muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado, cantado e dançado por horas? Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, pra cantarolar a Teresinha de Jesus, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga pra saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele pra quem a disputada e amada Teresinha daria, afinal, a sua mão? E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todos, quando no centro da roda, a menina cantava: “sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o ...(Sérgio? Paulo? Fernando? Alfredo?) para ser meu par”. E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio pra dançar junto com aquela que o havia escolhido... Quanta declaração de amor, quanto ciúminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos (ABRAMOVICH, 1985, p. 59).

Essas cantigas e muitas outras que nos foram transmitidas oralmente, por inúmeras gerações, são formas inteligentes inventadas pela sabedoria humana para nos prepararmos para a vida adulta. Tratam de temas tão complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro, queiram seus pais ou não. São experiências de vida marcas da infância.

No Brasil temos projetos sociais que mudam as perspectivas de vida da criança por meio da música, acredito que poderiam investir mais nessa arte de transformação que farão a diferença no futuro de nossas crianças.

## TEATRO INFANTIL

O teatro desenvolve a espontaneidade a oralidade, teremos crianças com desenvoltura para opinar, criar, dando voz às crianças podemos compartilhar suas opiniões. As linguagens teatrais podem utilizá-la por meio de fantoches, ou representações de cenas dos livros de contos de fadas, nessas propostas agregamos movimento ludicidade entramos no mundo do faz de conta.

Essa ludicidade dessas brincadeiras teatrais são fundamentais para o desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial. O teatro trabalhado no decorrer da educação básica teremos crianças mais seguras em suas falas por meio do seu conhecimentos, seres espontâneos. O teatro é uma linguagem artística que possibilita o uso da linguagem oral de forma especial. “A natureza do próprio desenvolvimento se transforma do biológico para o sócio-histórico.” (VYGOTSKY, 2005, p.63)

## PROFESSOR OBSERVADOR

Arte livre, com questionamentos das crianças o professor prepara o ambiente e deixa a criança explorar, investigar o espaço como pequenos cientistas e esses momentos o professor observa e registra. Com isso a criança vivência arte usufruindo de várias experiências.

Queremos crianças instigadas pela criatividade e imaginação que questione a cada nova experiência vivida. Essa pro atividade que como adultos nos é cobrada com novas ideias que farão a diferença com a arte podemos desenvolver a criação de novas perspectivas. O professor observa as indagações dos pequenos no seu conhecimento de mundo e a cada questionamento podemos aprimorar os conhecimentos e obter outras vertentes no aprendizado.

Os bebês são muito artísticos na forma com que relacionam com o mundo. E eles me ensinam. Se você esquecer o que é abordagem artística do mundo, basta ir ao lugar do berçário e olhar como eles se relacionam com o mundo. São artistas de instalação desde o começo. É muito interessante ser um artista que trabalha com crianças pequenas. Você pode ter uma pequena ideia, algo pequeno e eles tornam esse algo grande. (HOLM, 2015,p.1)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim acredito com um pouco mais de esforço teremos essa educação transformadora que tanto almejamos, agregando mais a arte currículo da educação básica porque como Gardner temos múltiplas inteligências e a criança aprende o básico, porém pode ter mais aptidão para as artes.

Temos o ensino da arte na educação Básica, mas precisamos dar mais visibilidades a esse ensino com profissionais capacitados, não formaremos artistas, mas podemos formar seres humanos que criam, imaginam que opinam cheio de ideias e um cérebro criativo temos as soluções de situações problemas e isso fará toda a diferença em seu percurso.

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,  
de jogar e de falar.

Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.  
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.  
 Cem mundos para sonhar.  
 A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),  
 mas roubaram-lhe noventa e nove.  
 A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.  
 Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,  
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.  
 Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem, roubaram-lhe noventa e nove.  
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,  
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.  
 Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem.( MALAGUZZI,  
 AS cem linguagens )

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental; Referencial curricular nacional para a educação infantil; V.III Brasília: MEC/SEF, p.85, 87, 91; 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>

ANTONIAZZI, Nádia Natyeli, BORTOLINI, Eliane. SOARES, Daniele de Quadros, HILGERT, Ione Piazza. Artes Visuais: Educação infantil.

Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/5b912664c097c.pdf>

Caderno de formação. Formação de Professores. Educação Infantil: Princípios e Fundamentos. Volume 3; Educação Infantil:

GUIMARÃES, Célia Maria, Diferentes Formas de Linguagem expressivas e Comunicativas, p.15,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25.

OSTETTO, Luciana Esmeralda, Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis, 27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,38,39 KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva, Literatura infantil e educação infantil: Um grande encontro ,135,136,141,165

Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35813867/D14\\_Caderno-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1625240996&Signature=URIRFByqFZsHwmt3WkKt~umjsFXObXOYz1~CRXE-;Tl6KqCd6MgNa5IoZia6WbuXG8MBSWR7LO1~sjrMql3Z61TjUsIWjvcTqvfiYxTVOQKsTX~ji-5rr0qhVIDryL14Rp47OHMttJshDmtKuH7mrtrwbH5NLTPKrOk~](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35813867/D14_Caderno-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1625240996&Signature=URIRFByqFZsHwmt3WkKt~umjsFXObXOYz1~CRXE-;Tl6KqCd6MgNa5IoZia6WbuXG8MBSWR7LO1~sjrMql3Z61TjUsIWjvcTqvfiYxTVOQKsTX~ji-5rr0qhVIDryL14Rp47OHMttJshDmtKuH7mrtrwbH5NLTPKrOk~)





## O PROCESSO EVOLUCIONAL DA EDUCAÇÃO

Autor(a): **Sandra Regina Fortuna**

### Resumo

Uma das grandes preocupações dos educadores atualmente tem sido a (in) disciplina. A busca pela melhoria da qualidade das aulas envolvendo questões de disciplina tem norteado vários estudos e pesquisas no meio pedagógico. Os educadores questionam os motivos que levam os alunos à tamanha falta de interesse pelos estudos, mas percebem as duas faces da moeda. Atualmente, há uma insegurança muito grande dos pais sobre como proceder na educação porque eles sabem que os filhos são bem diferentes do que eles foram quando crianças. A falta de conhecimento do que é educação e um projeto educativo fazem falta na educação dos filhos. Valores tão importantes como disciplina, gratidão e ética, precisam ser resgatados, talvez seja por isso que a educação esteja como está. O homem, desde que nasce humaniza-se dentro de sua cultura que o torna como tal, processo esse que nunca acaba. A consciência que podemos ter de nós mesmos e do mundo vão sendo criadas ao longo de nossas vidas, podendo ser renovada, pois a cada momento o homem pode comparar-se com os outros e perceber as semelhanças e diferenças que há em cada um, durante toda a sua vida formando-se como ser único.

### INTRODUÇÃO

*Educação é o "Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social" (FERRARI, Marco B. H, 1996; pág. 35).*

O direito à Educação é encontrado em nossa Constituição Federal nos artigos 6 e 205. Tais artigos inscrevem-se entre os que legislam sobre direitos fundamentais do homem. O que faz com que a educação se torne um direito é a frase: "educação é direito de todos". A legislação inclui as competências do Estado e da família.

Nossa constituição reconhece que a educação é um direito plenamente eficaz e de aplicação imediata. O ensino será obrigatório e gratuito, sendo ministrado em estabelecimentos públicos oficiais (Artigo 206 e incisos).

A Educação, em nosso país, tem uma grande caminhada a percorrer, até atingir seu ideal. Ela é considerada como a chaga nacional, que tem como grande conseqüência, a miséria dos brasileiros.

O MEC (Ministério da Educação e Cultura) é o órgão responsável pela melhoria do ensino no Brasil. Para muitos, está conseguindo revolucionar a educação nacional, tanto no ensino fundamental, que vai da 1ª à 8ª Série, como no superior, com a meta "A Universidade Rumo ao Século XXI".

A educação é o processo que possibilita a construção do novo e a dissociação com o antigo, ou seja, é o meio pelo qual se renova o aprendizado e se recicla o que se quer aprender.

Segundo JOSÉ CARLOS LIBÂNEO (1985, p. 23), "educar é possibilitar ao indivíduo o transporte de uma condição para outra. Com isto o ato pedagógico apresenta-se como uma relação intrapessoal na influência que o meio estabelece com o ser".

Este ato pedagógico está relacionado a três elementos, o agente, a mensagem a ser passada e um educando. LIBÂNEO (1985, p. 24) coloca ainda que o pedagógico ocorre na relação entre a mensagem e o educando e que o agente é o principal responsável para que esta relação se dê de forma ampla e eficaz.

Com isto, é cabível colocar que não é possível a educação a não ser inserida num contexto histórico-social, sendo que a ação social é o início e o fim da ação pedagógica. Enfim, educação é uma definição genérica mais abrangente que supõe o processo de desenvolvimento global do indivíduo, ou seja, de sua habilidade física, intelectual e da personalidade social.

## A Educação na Idade moderna

Durante toda a Idade Moderna (1453-1789) predominou o regime absolutista de governo, no qual o poder político passava de pai para filho e a nobreza e o clero eram as classes que gozavam de todos os privilégios. Como conseqüência, a educação, principalmente nos estados católicos era também privilégio dos nobres e dos clérigos, enquanto a maior parte da população permanecia na ignorância.

A escola na realidade era para poucos, os pobres eram marginalizados e os nobres eram privilegiados. Considerava-se que, embora necessário, o conhecimento das letras não deveria ser acessível a todos.

No Brasil, o ensino das primeiras letras foi difundido pelos jesuítas enquanto instrumento de conversão dos indígenas à fé católica e aos costumes europeus.

Só nos últimos anos do século XVII é que se organizou a instrução elementar do povo. Por volta de 1699, decidiu que haveria mestres e mestras nas paróquias deles desprovidas para instruírem todas as crianças dos dois sexos na doutrina católica e para ensinar a ler e escrever. As condições do ensino elementar eram precárias, apesar das novas propostas pedagógicas o professor em geral tomava a lição de um aluno de cada vez, sob a ameaça de palmatória, enquanto os outros lêem, escrevem, conversam ou brincam sem nenhuma vigilância.

Estes conceitos mostram neste trecho que a disciplina era bem rígida (palmatória), mas será que essa medida era tomada apenas para aqueles que não aprendiam, ou será que indisciplina já existia? Esse método apenas reprendia o aluno forçando-o a ter medo de represália, segundo o seu estado de comportamento.

A escola é vista de forma onde se recebe o conhecimento e a relação professor aluno não se pensada, o conteúdo e disciplinas eram impostas pelo sistema. Enquanto o mestre dominava o conteúdo, a classe mantinha-se disciplinada no contrário ou em sua ausência o estado de comportamento se revertia.

## **A Escola Nova no Brasil**

O direito à educação aparece pela primeira vez na Constituição de 1934, artigo 149, que estabelece o seguinte: “a educação é direito de todos”. A década de 1920 marcou um momento de grande discussão na educação brasileira.

Os educadores que participam dos debates e discussões nutriam com grande entusiasmo pela educação: acreditam que através dela poderiam modificar a própria sociedade. Com isso seria necessário montar um moderno e eficiente sistema de educação. Sistema esse inspirado nos ideais da educação nova, a escola única, do trabalho e da comunidade.

Essas mudanças vêm de encontro com as posturas tanto do educador quanto do aluno favorecendo uma nova perspectiva de democratização na escola traduzindo também na época as diferenças entre a escola clássica e a escola nova.

Escolas clássicas, apresentando uma preocupação exagerada do professor que a criança deve aprender; uma obrigação de estudar, professor como mero repetidor, métodos problemase horários rígidos, noções enunciáveis, exibição do saber, utilitarismo quanto aos resultados; ambiente por demais artificial para o aluno;

ilusão de perfeição; depressão do aluno; criação de incapacidade, da inércia e do desânimo; desrespeitando aos estágios de desenvolvimento da criança; trabalhos forçados; disciplina imposta.

Em contraposição, a escola nova apresenta-se com foco na iniciativa do aluno; preocupa-se com o que ele pode realmente aprender e valorizar suas tendências espontâneas, os professores sugerem, orientam e coordenam; métodos programas e horários maleáveis; visando às noções utilizáveis; e educativa. Deste modo está mais próxima do meio natural de vida, pois busca o aperfeiçoamento e elevam a moral do aluno; procura individualizar o ensino, produzindo satisfação.

Através deste processo atende mais ao presente e trata a criança como criança propondo atividade produtiva obtendo a disciplina voluntária.

A disciplina deixa claro uma grande diferença na “Escola Clássica”, pois se mostrou imposta, pela repressão. Ou seja, só se dá uma resposta disciplinar favorável para que não se receba represálias.

Já na “Escola Nova” (setembro de 2006, p.18), fala-se de uma disciplina voluntária na qual o professor não precisa medir esforços nem se preocupa, havendo o “sabor”, favorecendo a aprendizagem, disciplina natural, consequência do prazer.

Há muito as indisciplinas vêm preocupando os pedagogos e os profissionais envolvidos na área educacional. Portanto se reuniram alguns psicólogos, filósofos e sociólogos buscando enfrentar concretamente o problema. Ao falarmos de Escola Nova não podemos esconder a diversidade do que ela representa, uma de suas correntes é a pragmática norte-americana, cujo inspirador foi JOHN DEWEY (1859-1952), foi a que mais influenciou a educação brasileira. ANÍSIO TEIXEIRA (1900- 1971), um dos maiores nomes da educação brasileira, foi um lutador pela democratização do ensino e pela qualidade da educação pública brasileira, esteve em contato, com JOHN DEWEY, de quem obteve influencia marcante.

Para DEWEY (Revista Nova escola. Ed. 07/2008, p. 12):

*(...) viver em comunidade é viver em comunicação e está por sua vez, é a preservação da vida social, repassada de geração para geração ou como ela mesma diz “do grupo dos vivos” para aqueles que começam a fazer partedeste.*

Daí a conclusão que a escola é a própria vida, pois é na escola, entre outros meios que acontece essa comunicação vital para a vida humana.

Para ANÍSIO TEIXEIRA (Revista Nova escola. Ed. 07/2008, p. 14),

*(...) a educação é o único meio realmente efetivo para construção de uma sociedade democrática, que respeite as características individuais de cada pessoa o inserido em seu grupo*

social com respeito a sua unicidade, mais como parte integrante e participativa de um todo.

A escola, por sua vez deveria formar indivíduos aptos a refletir sobre inserir-se nessa sociedade, considerando sua liberdade individual e sua responsabilidade dentro do coletivo.

### Contribuições de alguns estudiosos

*Na visão de DE LA TAILLE (2002, p, 11), (...) os limites são de suma importância para se conhecer um pouco mais a respeito do indivíduo e seu comportamento na sociedade e unidade escolar.*

O desenvolvimento do ser humano passa por etapas e ao chegar ao final dessa fase alcançada o indivíduo tenta conquistar outra, ou seja, ao se alcançar nossos objetivos se passam a querer conquistar novos objetivos.

A criança em suas fases demonstra ter grande “fome” cognitiva, uma vontade de aprender, de romper o desconhecido e cada barreira conquistada é um limite alcançado.

YVES DE LA TAILLE (2002, p, 24),

*(...) descreve também em seu livro sobre a criança sem vontade de aprender estagnada, ou seja a educação, a cultura, é imposta para a criança e não o inverso. Mas limite é a necessidade, curiosidade de transpor a linha, de ultrapassarem fronteiras. A criança também deve ter acesso a conhecimentos científicos incentivando-a então a enfrentar esses obstáculos. A aprendizagem não deve ser um “marasmo” e sim contar com “algumas pitadas” de desafios.*

JEAN PIAGET (1988), contribuiu e muito para a questão educacional, pesquisando e elaborando meios e estudos que respondem muitas de nossas questões.

Nessa perspectiva de propiciar um ensino agradável e moderno surgiu o interesse e a curiosidade pela disciplina também nos dá outra visão de que o aluno se interessa porque o tema de estudo o atrai intrinsecamente. Há alunos que gostam de uma determinada matéria e por isso acabam se destacando.

Para PIAGET E CLAPARET, (1988), não é uma teoria da curiosidade quando lembramos que não é só pelo interesse, pois, não há alunos que se interessam por todas as matérias. O educador vem para nortear esse aluno em como ultrapassar esses limites.

Para DE LA TAILLE (2002, p, 33),

(...) essa teoria está coerente com saberes contemporâneos da psicologia, notadamente os de origem piagetiana. O interesse em geral e a curiosidade em particular são coisas preciosas demais para serem confundidas com o prazer imediato ou motivação lúdica.

O ensino tradicional é criticado, mas se deve observar que ao encarar textos complexos que vão necessitar do esforço da criança estamos associando não ao desprazer, mas ao crescer. O ser humano necessita desse estímulo para dar um passo à aprendizagem e de igual comportamento é este indivíduo dentro da família, ou seja, deve ser trabalhada nas crianças sua capacidade de conquista com o sabor de autonomia, caso contrário quando se deparar com situações não conseguirá resolver. Essa criança deve ter condições de transpor seus próprios limites, aliás, a própria moralidade não dispensa a excelência, pelo contrário, quase sempre a requer.

Segundo PIAGET (1988), são vários aspectos envolvidos na construção da educação do ser humano e faz uma importante distinção entre dois tipos de sanções:

- Sanções expiatórias, parte dos pais com a coação e com as regras de autoridade, ou seja, a repressão proporcionando a falta cometida.
- Sanções de reciprocidade, você não vai mentir, pois a mentira torna impossível a confiança mútua, se a regra foi violada não há necessidade de troca de favor. Basta tirar as consequências da violação desta regra para que o indivíduo se sinta isolado e deseje o restabelecimento das relações normais. O objetivo é que ele perceba que errou, violou uma regra e consiga construir regras de conduta através da coordenação de pontos de vista. As causas da disciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Social, familiar, escolar, professores e aluno.

Mais o eixo central desse problema é a atual forma de organização da sociedade, base de todas as outras disciplinas. Essa determinação geral não se concretiza por si só, mas sim é concretizada pela mediação dos diferentes agentes (professor, pais, alunos, diretores, governantes, etc.). Esta tomada de consciência abre espaço para a luta e resistência a busca de uma contra determinação.

Um outro aspecto a ser levado em consideração é a questão dos limites que muitas vezes não aparecem na educação das crianças, pois os pais se sentem culpados por trabalharem tanto e não repreendem quando necessário.

As virtudes morais se perderam num mundo capitalista da competição no qual se valoriza a

superação de si ou a excelência, estimula-se o egoísmo e não a generosidade.

Como também transpor um limite a uma criança que não tem noção de Geografia e lhe é perguntado se a terra é redonda, PIAGET, explica que a criança é incapaz de ver o mundo de outro ponto de vista, que não seja de sua experiência cotidiana. A aprendizagem trata-se de um processo contínuo e deve-se também respeitar a capacidade de compreensão do aluno e partir do que ele já compreende e concebe.

Muitos limites também estão ligados à liberdade de expressão e ação, mas o que podemos observar é que ao se deparar com certas experiências, os limites restritivos levantam sérias questões políticas, éticas, existenciais, sobre normativos que a sociedade resolve criar e impor.

Os limites físicos colocam a dimensão do impossível, os normativos colocam dimensão do proibido. Não podemos nos deixar acovardar, pois, os limites quando necessários, devem incidir sobre as ações não sobre os sentimentos.

*Para DE LA TAILLE (2002, p, 61), (...) cabe à educação ajudar as crianças a construir e valorizar tais limites, do contrário estaríamos sendo educadores permissivos.*

Não podemos ser libertários demais nos ausentando do problema e nos esquecendo de que os alunos estão cheios de histórias inovadoras gerando transformações tão bruscas e rápidas como hoje.

Antigamente os limites eram tratados de forma diferente para filhos e alunos.

(...) procura mostrar o limite dos limites, ou seja, o erro que consiste em considerar imposição como a essência da educação. O limite da responsabilidade também é outro a ser discutido, até que ponto se deve dar uma responsabilidade, muitas vezes, a liberdade dá uma falsa impressão de liberdade e quando ela consegue, recorre a outro para que o problema ocorrido seja sanado. DE LA TAILLE (2002, P, 53),

Há também aquele limite dos indivíduos com pensamentos diferentes que acabam invadindo a privacidade do outro, por isso, deve ser sagrado o limite que protege a esfera da intimidade. E se isso não é trabalhado quando criança, ao crescer o adulto não sabe mais encontrar qual limite deve ser transposto e quais não.

Fica difícil uma educação que “coloque limites”, pois há também sentimentos que são fortes e impedem até outro indivíduo de agir, isto é, impor limites, segundo seu sentimento.

O sentimento de ódio, de inveja, de amor e simpatia não se fazem necessários aos sentimentos morais, mas aos sentimentos de obrigatoriedade. Este sentimento revela o equilíbrio da razão em que o indivíduo tem

até com seu inimigo.

Esses sentimentos mais os de não transpor certos limites como matar roubar e não deixar de ajudar o outro é sim trabalhada em nível de uma educação moral. O desenvolvimento do sentimento do sagrado propiciará os valores e regras morais. Não podemos suportar, tolerar tudo, uma tolerância sem limites não seria uma virtude, mas mera indiferença e descaso.

Hoje podemos contar a tecnologia invadindo nossas condutas com as câmeras dos supermercados visualizando tudo e a todo o momento, invadindo a privacidade.

Geralmente nos relacionamos com pessoas do mesmo grau de instrução, gosto, caráter e a cada intimidade maior é tudo mais doloroso, pois, a psicologia na década de 1950 e 1960, mostra perspectivas que a troca de confiança sempre deu resultado, além de mostrar a presença de limites que protegem a privacidade em todas as culturas também nos relata casos de desequilíbrio mental decorrente da ausência ou fragilidade desses limites. Os segredos têm limites e esses devem ser respeitados principalmente se forem relatados para pessoas com uma visão de segredo. Certos indivíduos inclusive os pais, violam os segredos de seus filhos até na escola.

*DE LA TAILLE (2002, p, 65), chama de fronteira de intimidade e para ele o limite pode significar um crescimento psicológico de conquistas em que o indivíduo deve atingir caminhando sempre para alcançar seu objetivo no que almeja e até em seu comportamento.*

Também cita o fato em que o aluno tem ou não contato com aprendizagens “consistentes”, ou seja, que ele tem direito a ter bons livros, bons instrutores, bons textos, acesso a um bom vocabulário e a metodologia pode ser tanto tradicional, com uma pedagogia mais voltada para o interesse do aluno, desde que a aprendizagem seja prazerosa e consistente. DE LA TAILLE (2002, p, 67)

O limite hoje é discutido por apresentar duas conotações: primeiramente, excesso ou falta de limites. Pais e educadores pecam por não trabalhar limites em seus filhos e alunos. Com relação à educação surgirão problemas futuros, pois, terão educadores permissivos e com isso enfraquecendo o sistema educacional e quando o professor se depara com esse problema acaba prejudicando a si próprio e aos outros. Essa ausência de limites gera uma falta de moral deixando o indivíduo sem noção desse tipo de comportamento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina tem sido objeto de grande preocupação, tornou-se um grande desafio e cada vez mais tem sido alvo de preocupações das escolas, da direção dos pais e professores.

Da pré-escola a universidade nunca a relação professor aluno esteve tão difícil.

Cabe aos educadores, juntamente com a sociedade na qual está inserido, buscar novas soluções para fazer da escola um ambiente acolhedor, participativo e criativo no qual os alunos sintam prazer de estudar.

Percebemos a necessidade de mudança nos currículos, pois os conteúdos devem também atender o interesse dos alunos e os professores devem estar mais comprometidos com a qualidade do ensino.

A responsabilidade é de todos tanto social quanto individual dos educadores dos alunos etambém do poder público que não pode apenas tangenerar o problema, fragilizando ainda mais a instituição escolar.

Como conclusão podemos dizer aos professores que as formas de executar suas aulas como inovação e criatividade participando dos cursos de extensão, trocando ideias com outros educadores e intervindo diretamente no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARI, Marco. **Violência é assunto da escola, sim!** São Paulo: Editora Abril, Ano XXI. BUARQUE, Aurélio: **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2004.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- CORTEZ, M.C. “**À Sombra do Fracasso Escolar: a Psicologia e as Práticas Pedagógicas**”.
- In Estilos da Clínica. Ano III. N. 5, 1998.
- FREUD, S. (1914b). “**Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar**”. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol.XIII. Rio de Janeiro:Imago, 1998.
- LEANDRO. Lajonquière de. “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**”. Editora Moderna, 1996.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973. TAILLE, Yves De La. **As três Dimensões do limite**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos: **Disciplina-Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

## HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADA

Autor(a): **Andreia Maria Vieira**

### Resumo

Que menina já não ouvi um conto da princesa que para se libertar da maldição da madrasta, precisa receber um beijo do príncipe, seu verdadeiro e perfeito amor? Cinderela é um dos muitos exemplos. O conto de fadas Cinderela é um dos mais populares do mundo. Há registro desse conto no século IX, na China, e a versão mais difundida data de 1697. A história representa a construção da sexualidade feminina. Cinderela é uma personagem que tem de crescer e para ser mulher, é importante o encontro amoroso e o descobrimento da sexualidade masculina. Por outro lado, que menino já não se empolgou com as aventuras vividas pelo Peter Pan na Terra do Nunca, onde o relógio não existe e o tempo parou? Há os que defendam que a vida deve ser levada sem desgastes, outros acreditam que é preciso se encaixar na vida adulta e esquecer-se das brincadeiras e sentimentos da infância. Então, todos têm seus momentos de imaturidade e de maturidade. O problema está quando tudo entra no mundo de fantasia criado pela pessoa que não quer aceitar a sua idade. Geralmente, os sonhos e a dependência materna revelam muito sobre quem tem uma personalidade puer. Estes são os registros de felicidade das crianças.

### INTRODUÇÃO

A menina quer ser salva e protegida da inveja da bruxa, da madrasta, e o menino quer aventura, descobertas, viver o aqui e o agora. Os contos de fadas são sempre atuais, muito embora estejam atrelados à realidade socioeconômica da Europa Medieval. Satisfazem, porque mapeiam impulsos e temores conscientes e inconscientes e delineiam experiências reais. Lidam com problemas universais, atacam ideias preconcebidas e defendem causas perdidas. Mostram o despertar erótico, a iniciação sexual, a esperteza e a malícia.

Às vezes são feministas, abrindo espaço para a mulher comunicar suas ideias. Ao *Puer aeternus* é a expressão latina para “eterno jovem”.

Na psicologia analítica junguiana, exemplos do arquétipo pueril incluem a criança, o pré-adolescente e o adolescente. O termo também se aplica a mulheres, ocasião para a qual a terminologia latina é puella, ao mesmo tempo em que defendem aspirações tradicionais, minam os ensinamentos convencionais.

Desafiam ideias estabelecidas e levantam questões na mente do público. Apresentam uma justiça poética: o filho mais novo, mais tolo, mais desvalorizado pela família e pela comunidade é o que se casa com a princesa. As histórias falam de medos, de amor, da dificuldade de ser criança, de carências, de autodescobertas, de perdas e buscas, da vida e da morte. Aliase a isso o fato de que os significados mudam de acordo com a necessidade ou o desejo do leitor. São sempre atuais, pois se envolvem no maravilhoso, partindo de uma situação real; lidam com emoções; se passam em tempo e lugar indefinidos; as personagens são simples e vivenciam situações diferentes, resolvem conflitos nos quais buscam a cumplicidade da criança através do imaginário em que bruxas e fadas atuam como elementos mágicos.

De acordo com Warner, (...) “o conto de fadas, enquanto forma, lida com limites” e tais limites são “muitas vezes impostos pelo medo: um de seus temas fundamentais trata de um protagonista que parte para descobrir o desconhecido e vence seus temores” (WARNER, 1999, p. 311).

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas são os mais indicados para ajudar as crianças a encontrar um significado na vida ao estimular a imaginação, desenvolver o intelecto, harmonizar-se com suas ansiedades e tornar claras suas emoções. São enriquecedores, satisfatórios e ajudam a aliviar as pressões conscientes e inconscientes.

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não se pode esquecer que as crianças dão vida a tudo.

Para elas, o sol e a lua são vivos, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida. Falar sobre literatura infantil é sem dúvida falar sobre a imaginação.

A partir dos cinco anos, a criança percebe que os contos de fadas não fazem parte da realidade externa, mas deixa-se seduzir por eles, porque se harmonizam com sua realidade interna. *Ela sabe que “a verdade dos contos de fadas é a verdade de nossa imaginação” (BETTELHEIM, 1980, p. 148).*

Os contos são um patrimônio da humanidade. Eles foram escritos em outra época, e a criança consegue compreender isso. Porém, muitos clássicos infantis foram se modificando através dos tempos, as histórias

mudaram de acordo com a cultura e a época, havendo muita diferença entre os contos de fadas originais e os atuais. A tendência em retirar o mal, o medo e o castigo de certas narrativas são fortes nos dias de hoje. As mudanças de enredo apaziguam as emoções que precisam ser vividas.

O tema contos de fadas foi escolhido por ser bastante simbolista e porque a fantasia é extremamente importante na vida de uma criança.

Com o passar do tempo, o mundo de ilusões constrói na vida adulta a esperança, a persistência no desejo de ser feliz. O ser humano desenvolve o gosto pelo novo e a facilidade de aproveitar bem o presente, sem descartar os planos para o futuro. Bettelheim (1980) afirma que os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança como nenhuma outra o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para a uma mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrai significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de interesses e necessidades do momento.

Ao encontro dessa possibilidade gerada pelos contos e diante da necessidade atual apresentada pelas crianças, de imaginar, criar, construir significados para sua própria existência e, porque não dizer, estruturar mecanismos para interagir com o mundo, os contos de fadas têm importância especial para a estruturação das crianças, o que é corroborado por Bettelheim.

Apesar das resistências, sobretudo dos adultos ainda mal-informados, seu potencial representativo goza de aprovação quase unânime daqueles que consideram a imaginação como o melhor dos caminhos para se chegar à realidade.

As histórias apresentadas nos contos de fadas são vistas pelas crianças como garantia da segurança de que se pode brincar com temas próprios da sua realidade sem que precise expor seus medos, rivalidades e ansiedades. Eles são a fórmula mágica capaz de envolver a atenção das crianças, despertando-lhes sentimentos e valores intuitivos, que clamam por um desenvolvimento justo tão pleno quanto possa vir a ser o do prestigiado intelecto.

Em essência, os contos de fada podem ser vistos como pequenas obras de arte, capazes que são de envolver as crianças em seu enredo e de instigá-las mentalmente e comovê-las com a sorte de seus personagens. Causam impactos no psiquismo, porque tratam das experiências cotidianas e permitem que as crianças se identifiquem com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam em suma a condição humana frente às provações da vida. Nesse processo, cada criança representa suas próprias lições dos contos de fadas. Elas os ouvem sempre consoantes ao seu momento de vida, e extraem das narrativas, ainda que inconscientemente, o que de melhor possa aproveitar para aí ser aplicado.

As histórias de fadas atuam, então, no emocional da criança e sua contribuição está em auxiliá-la a tomar decisões para a sua independência, acomodar os seus sentimentos de ambivalência, e lhe dar esperanças de que os esforços poderão lhe conduzir a um final feliz. Oferecendo significado em tantos níveis diferentes, enriquece a existência da criança de tantos modos quenenum outro livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Para as crianças, os contos são muito mais significativos que outros quaisquer, pois são plenos de significados, com estruturas simples, histórias claras e personagens bem definidos em suas características pessoais (facilitando a identificação deles em bom ou mau, feio ou bonito etc.) . Assim, atingem a mente da criança, entretendo-a e estimulando sua imaginação, comonenum outro tipo de literatura talvez seja capaz de fazer, além de facilitar a expressão de ideias.

Com relação aos personagens, nos contos de fadas e nas fábulas, são perceptíveis as características peculiares às crianças como aimaturidade e a maturidade desses, mostrando a capacidades de controle das emoções ou ser racional. É interessante destacar a visão de anulação dos contos de fadas pelos pais que fecham a visão do que está intrínseco nos contos, escondendo ou não acreditando neles, tirando muitas vezes da criança,o desejo de sonhar.

Analisando a questão desse contexto, fica claro o porquê da preferência por esses tipos de histórias, pois para as crianças, as respostas dadas pelos contos de fada são sugestivas, ou seja, permitem que cada uma direcione sua imaginação e criatividade. Deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a elamesma o que a história revela sobre a vida e a natureza humana.

É possível reconhecer nos contos de fadas um tipo de literatura capaz de levar a criança a uma dimensão que vai além do entretenimento. Eles permitem a construção de um imaginário singular fundamental para a constituição da subjetividade. Os contos levam a criança a se encontrar com o seu ser psicológico e emocional e, por meio da imaginação, a trabalhar questões relacionadas ao inconsciente e que vem à tona a partir das situações representadas e da simbologia dos personagens que os constituem.

O presente trabalho tem a intenção de mostrar a relevância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil; não somente como contribuição para o aprendizado da leitura e escrita, além do entretenimento e prazer, mas a sua importância para o desenvolvimento psíquico, contribuindo para a resolução de problemas internos, constituição da subjetividade e de uma personalidade sadia.

Pretende-se ainda demonstrar a importância dos contos de fadas para os educadores que os utilizam tanto para o desenvolvimento do imaginário como para a aprendizagem. Através dos contos de fadas, a criança aprende o valor do respeito, da bondade, a sensação de tristeza, de alegria etc.

Este trabalho monográfico estrutura-se em três partes. A primeira refere-se ao percurso histórico da literatura infanto-juvenil, relatando a origem e a história dos contos de fadas. A segunda parte relata da influência dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. E a terceira analisa as respostas dos professores da pré-escola sobre suas representações a respeito da importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil.

Como objetivo específico, verificou-se as consequências dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. Para nortear esta investigação, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: Que tipo de contribuição os contos de fadas podem oferecer para a construção do imaginário infantil? A resposta a essa questão justifica-se na coleta de dados sobre a importância dos contos de fadas e assim, conscientizar os pais, professores e demais pessoas que trabalham com crianças sobre a importância de se contar histórias a elas: despertar o imaginário e a criatividade através das linguagens artísticas - artes visuais, música, teatro e dança.

Fez-se também uma pesquisa sobre as representações sociais que os professores da educação infantil (4 e 5 anos) têm da importância dos contos de fadas no desenvolvimento pleno da criança através do termo indutor.

Ao se consultar várias pesquisas em livros, teses, monografias e artigos, é possível afirmar que sem os contos de fadas, a passagem da infância até a maturidade estará condenada a ocupar um palco sombrio e triste, com seres mecanizados e frios, desprovidos de valores como o amor, a solidariedade, a coragem, a humildade, a fé e a amizade. Essas pessoas não teriam sentido o prazer apaixonante de viajar pelo mundo da imaginação, de viver em a fantasia de serem herói ou a heroína da história e descobrirem a delícia de serem crianças com sonhos e realidades.

Como referencial teórico, utiliza-se as concepções de Bettelheim (2007), no livro *A psicanálise dos contos de fadas*, que relatam e explicam que através dos contos, os impactos psicológicos de situações e acontecimentos que envolvam a criança e suas respostas comportamentais mostram a visão infantil acerca de determinados assuntos. Com essas relações, os contos tentam passar para a criança ensinamentos sobre a resolução de problemas e seu desenvolvimento a incluindo na realidade que a rodeia, transmitindo além de entretenimento, princípios de importante relevância. O autor aborda ainda que através de um conto aparentemente cercado de imaginação ou de uma história não real, em que predomina o maravilhoso, pode estar de modo disfarçado os sentimentos que cercam o interior da criança. Assim, o conto passa mensagens importantes para sua vida como nunca desistir perante os obstáculos por mais que no início as coisas lhe pareçam difíceis.

Os contos de fadas e a educação se entrelaçam. Os contos de fadas transmitem em suas histórias valores como a humildade e o respeito, além de formar, informar transmitir saberes, lições e principalmente, afeto -

sentimentos que deveriam reger todos os relacionamentos, as ações e vínculos. Todo contode fadas possui uma mensagem significativa, um ensinamento, uma ideologia, indispensáveis na formação da personalidade, do caráter e da formação.

É importante ressaltar que a literatura infanto-juvenil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril, nivelada ao brinquedo ou útil forma de entretenimento. A presença da leitura infantil dos contos de fadas no contexto escolar representa um estímulo forte à aprendizagem da leitura, proporciona novas e diversificadas vivências afetivas, além de reorganização das percepções do mundo. Através dela, a criança passa a ter um repertório mais amplo de informações. A sua valorização é produto da sua função formativa com vistas à consciência. A diversificação de gêneros, tema e modalidades literárias pode aprimorar a capacidade da criançaem seus processos de leitura, estimulando novas possibilidades de imaginaçãoe novas descobertas.

## CONCLUSÃO

Os contos de fadas e a educação se entrelaçam. Os contos de fadas transmitem em suas histórias valores como a humildade e o respeito, além de formar, informar transmitir saberes, lições e principalmente, afeto - sentimentos que deveriam reger todos os relacionamentos, as ações e vínculos. Todo contode fadas possui uma mensagem significativa, um ensinamento, uma ideologia, indispensáveis na formação da personalidade, do caráter e da formação.

É importante ressaltar que a literatura infanto-juvenil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril, nivelada ao brinquedo ou útil forma de entretenimento. A presença da leitura infantil dos contos de fadas no contexto escolar representa um estímulo forte à aprendizagem da leitura, proporciona novas e diversificadas vivências afetivas, além de reorganização das percepções do mundo. Através dela, a criança passa a ter um repertório mais amplo de informações. A sua valorização é produto da sua função formativa com vistas à consciência. A diversificação de gêneros, tema e modalidades literárias pode aprimorar a capacidade da criançaem seus processos de leitura, estimulando novas possibilidades de imaginaçãoe novas descobertas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciênciasnaturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira-ThomsonLeraning,2001.
- \_\_\_\_\_. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação.Aberto, Brasília, ano 14, nº. 61, jan/mar.1994.
- BETTELHEM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CADEMAROTI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARUSO, Carla. A importância da literatura na formação da criança. Disponível em: Acesso: 19 julho. 2019.
- CHALITA, Gabriel. Pedagogia de amor: a contribuição das histórias universaispara a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de literatura infantil e juvenilbrasileira: séculos XIX e XX. 4. ed. São Paulo: USP 1995.
- DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos: e outros episódios dahistória cultural francesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



## A INDISCIPLINA COMO MEDIAÇÃO ESCOLAR

Autor(a): **Andreia Maria Vieira**

### Resumo

Alguns fatores apontados neste estudo alertam para o lado a disciplina que vem entorno da escola. Observam falta de obediência aos sinais nas vias de trânsito que dão acesso às escolas, resultando num número de atropelamentos dos membros da comunidade escolar. O acesso à bebida alcoólica e o absenteísmo dos alunos também são fatores indutores de indisciplina. A vigilância policial no ambiente escolar não existe em alguns lugares e também não é aceita por todos. Grandes números de gangues e tráfico de drogas vêm assustando o entorno escolar, levando ao clima próprio á indisciplina. Até diretores se tornam vulneráveis, acabam evitando certas tomadas de decisões, pelo medo de expor, vivendo num mundo de tensão.

### INTRODUÇÃO

A indisciplina no ambiente escolar é bem clara, principalmente, quando um professor falta. O ambiente escolar mais escolhido pelos alunos é a cantina, a área para esportes, a lanchonete, as bibliotecas, pois as demais dependências são cercadas por muros e grades deixando o ambiente escolar bem “carregado” com aspecto de cadeia. A escola não está propiciando meios para o interesse do aluno.

Não se pode deixar de levar em conta a educação que se faz necessário, num aspecto universal, numa relação integral desenvolvendo os aspectos físicos, morais e espirituais. A ação educativa vai propiciar meios para uma relação social ativa e transformadora. É a escola e seus profissionais que formam esse universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, dar condições para a aprendizagem e interação entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica que favorecem ou não os processos de diversos tipos e muitas vezes a direção escolar frente a esses conflitos acaba punindo o aluno com advertências, suspensões ou transferências.

Essas regras internas devem ser analisadas para que alunos, professores e diretores não entrem em

conflito, gerando quebra dessa regra. Se a regra é aplicada, deve ser para todos, mas o que é observado é que o grande número de contestações em relação a essa regra acaba gerando a indisciplina, incivilidade, um comportamento de rejeição, pois essas medidas drásticas dão ênfase à forma de abuso de poder, de autoridade e nem sempre são para todos. Poucos alunos declaram que gostam da escola, alguns criticam o espaço físico, a secretaria, os próprios colegas e a maioria dos professores.

### **O papel do professor**

O professor tem um papel muito importante, pois é coordenador do processo ensino aprendizagem e assim transforma a realidade, resgata seu papel de educador. Na realidade ele deve mostrar confiança e respeito da turma e assim mostrar ser legítimo.

Não pode simplesmente basear-se no caráter formal de uma posição ou responsabilidade por aquela matéria. O professor precisa refletir sobre sua prática e fazer autocrítica. A definição de seu papel é essencial como salienta VASCONCELOS (2000, p. 35) "A falta de convicção da proposta do professor gera um acúmulo de dificuldades, podendo chegar a uma confusão metodológica, sem articulação interdisciplinar, sem conteúdos relacionados com a necessidade do aluno.

O ato repressor do professor não é o que vai sanar esse problema de disciplina, mas o ato de análise profunda da questão da disciplina revela a dialética da constituição de pessoas. Os homens se educam em comunhão, professor tem uma grande representação, a cultura, a história, a norma, a lei. Mas uma vez a dialética de adaptação, inovação, conservação e revolução opondo-se àquela cristalizada opinião sobre o aluno, se o professor não tiver uma visão dialética vai sofrer por não entender os problemas enfrentados em sala de aula e o alunologo percebe sua fraqueza.

A escola nestas últimas décadas não está ciente de um novo senso comum pedagógico e não desejando mais a educação tradicional, do cunho autoritário, mas também não desejamos a educação moderna de cunho espontaneísta.

A realidade é que o meio termo ainda não está definido. Para alcançar está média seria pela superação dialética num pólo que negue e supere o outro, assumindo assim uma postura que articule direção e espontaneidade na relação com os educandos, diretividade do professor e iniciativa do aluno, o professor deve ter convicção de seu projeto e que o mesmo seja funcional e que venha ao encontro com as necessidades dos alunos.

Encarar a realidade é fundamental e se dedicar aos alunos é de suma importância, pesquisar e resgatar o sentido daquilo que se quer ensinar, trocar experiências, tentar entender o grupo etc.

O respeito mútuo entre do professor e aluno é de suma importância, sempre respeitando a posição que cada um ocupa.

Disciplina é sinônimo de trabalho, diálogo, camaradagem, afeto e respeito mútuo é cristalizar uma opinião, não tentar sair dela se auto-desvalorizando. O professor compara-se a recursos tecnológicos fora do contexto escolar e acha-se incapaz.

A alta tecnologia traduz o lado moderno, sistemático, mas o dado afetivo, de carência é proveniente do ser humano.

O educador deve construir a disciplina coletiva, pois, disciplina também é sinônimo de senhor de si e a proposta de trabalho deve ser revista tanto no ponto de vista do conteúdo como de metodologia.

A criança motivada não dá problema de disciplina, ela deve estar interada na atividade, participando dela disciplinando-se automaticamente, utilizando-se da pesquisa em busca da aprendizagem, não havendo lugar para a acomodação e repetição mecânica.

### **A construção dos novos relacionamentos e a disciplina**

A construção do relacionamento humano na sala de aula aceitando bem as diferenças de um para com outro é motivo de gostar da escola. A construção do conhecimento depende dos relacionamentos do grupo e nem sempre, as panelinhas e amizades dão a certeza de que o grupo se conhece.

O professor deve jogar com contradições do próprio grupo avançando então para alcançar a confiança. Para que o grupo caminhe é preciso que alguém seja articulador do processo grupal, o incentivador do trabalho coletivo. Sendo a reflexão o principal instrumento de mudança, o professor deve incentivar o grupo a pensar, analisar, investigar a cerca de seu papel dentro do contexto escolar. É ele que aponta a direção do trabalho coletivo, pois sabe onde quer chegar e aliados deve conquistar, para que o grupo possa superar as dificuldades de indisciplina e atingir o objetivo proposto.

A superação dos problemas de indisciplina deve ser um compromisso de toda unidade escolar e que tenha como meta a melhoria das condições de trabalho e atendimento escolar de boa qualidade. Muitas vezes a falta de clareza sobre os pontos de partida e de chegada da ação educativa que levam as ações desarticuladas em sala de aula.

Devido a um contexto histórico, os professores não se vêem como sujeitos de seu trabalho, capazes de alterar os rumos da educação, mas refletir sobre a ação e seus limites é o começo da possibilidade de mudanças.

A disciplina é essencial para uma boa aprendizagem, disciplina tem tudo a ver com a questão de limites que devem ser trabalhados desde o nascimento.

Segundo DE LA TAILLE (2002, p.121), pois, hoje estamos enfrentando situações em que o indivíduo não respeita o outro por motivos até banais, a razão se perde nesse meiotermo e ultrapassa limites que nem sempre são tão éticos. A questão cultural vem se perdendo no decorrer dos anos, o aluno não tem noção de limites, nunca nem ouviu falar um não pode, principalmente porque existem muitos pais que trabalham fora e para sanar sua ausência facilitam para a criança uma maneira de encarar a vida. E este indivíduo quando vai para a escola se depara com conflitos em relação a esta personalidade formatada.

No ambiente escolar encontra professores que apresentam comportamentos diferentes, cada um tem uma metodologia, uma postura diferente.

Trabalhar conjuntamente é o caminho necessário para enfrentar os problemas e encaminhar soluções na escola, contudo, isto requer tempo, paciência e persistência, sempre buscando um ensino de boa qualidade num ambiente de respeito e acolhimento.

### **O nó da progressão continuada**

A legislação educacional (lei 9394/96) propõe o sistema da progressão continuada, o aluno não precisa se preocupar em atender, nem de prestar atenção e muito menos de respeitá-lo professor que é discriminado pelo próprio sistema. Os novos caminhos da construção de aprendizagem se perderam em seu aspecto funcional devido à mudança de conduta do professor e sua postura educacional.

Fica mal definido o papel do professor e também do aluno, o que está faltando segundo VASCONCELOS (2000, p, 42), é a falta de clareza entre objetivos, de onde e para onde queremos ir, de que forma pretendemos chegar a este objetivo e ao final de que forma vamos avaliar esse objetivo alcançado.

VASCONCELOS (2000, p, 20) acredita que deve haver uma inter-relação entre todos os profissionais envolvidos com área escolar, seja eles professores, coordenadores, agente de limpeza, cozinheira e outros. Devem buscar sanar esses problemas encontrados dentro da sala de aula e na unidade escolar. O que encontramos hoje são professores desorientados, desestruturados tentando enfrentar propostas novas, sem muito menos conhecer as antigas. Quando recebem o aluno e o rotulam com comportamentos diversos, não

traçam uma diretriz que funcione, pois parece tudo perdido.

Cabe ao professor se colocar no papel de profissional da área e resolver esse problema observando a visão de sua sala de aula de maneira ampla e buscar soluções, estratégias possíveis para solucionar. Para que isso possa ser otimizado, algumas premissas pedagógicas precisam ser preservadas tendo em mente que todo conteúdo das disciplinas terá aproveitamento, interesse, credibilidade e sucesso escolar.

Hoje o professor tem um grande papel revolucionário, lidando com a esperança com a utopia, sem autoridade não se faz educação, o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder se opor. O que se critica é o autoritarismo impedindo muitas vezes de ser autoridade, uma domesticação. Em vez de culpa, é preciso mudar e nos preocupar com a responsabilidade em vez de procurar o culpado essa responsabilidade tem a ver com ação, algo de dentro para fora.

### **Fortalecimento da Escola e a Melhoria das Condições Disciplinares**

Existem elementos que dificultam o fortalecimento da instituição escolar, entre eles, a dificuldade do gestor em se impor na escola, abalando a estrutura escolar, a violência que afeta a escola de fora para dentro como gangues, tráfico de drogas e exclusão social, os componentes internos das escolas específicos de cada estabelecimento, a violência contra a propriedade e patrimônio público.

Parece que a noção de limites ronda todos os tipos de situação. Quando falamos da violência por brigas, inicialmente acaba em agressão física ou verbal. O indivíduo julga por ele mesmo ou por uma situação em que viu e generaliza, achando que todos os seres humanos são iguais. A facilidade em adquirir armas, torna o ser tão dono de si e a consequência acaba em indisciplina e violência.

Esse tipo de consequência está afetando cada vez mais jovens, pais e corpo docente e a escola como instituição. Mas uma vez a noção de limite esta sendo deturpada causando à instituição escolar, depredações diárias, danos, repetência e evasão. Até o lado Psicológico do estudante já encontrou uma proteção como uma “membrana extra” a proteção contra o pânico. Alunos e professores que não tem nada a ver com essa situação são obrigados a ter uma postura de auto defesa. Na verdade, é preciso incluir todo tipo de diálogo e assumir uma postura de ação, para com todos os alunos.

È citada também pelos próprios alunos atitudes como medida mais rígida com os alunos que cometem atos irregulares.

Uma das medidas que mais deu resultado é o apoio dos psicólogos nas escolas, o trabalho muitas vezes

realizado resgata a auto-estima do educando e possibilita a uma conscientização dos problemas e das desigualdades superando-os e gerando solidariedade.

O regate da auto-estima valoriza a pessoa enquanto se social, importante na construção desse processo, abrindo canais que possibilitem ao aluno se encontrar, procurando ver o que gosta como gostaria de ajudar, partindo de um diálogo aberto, direto e funcional.

Nesse ponto, a própria escola é o canal mais requisitado em que possa resolver esse problema de indisciplina e seu fortalecimento institucional solidifica essas possibilidades.

As reflexões anteriores abrem caminho para um leque de ações desencadeadoras da melhoria disciplinar, entre elas podemos citar:

- Ter regras claras de disciplinas e de expectativa quanto ao comportamento e a desempenho dos alunos, professores e funcionários;
- Regras sobre medidas punitivas como: suspensão e transferência compulsória, em casos externos;
- Ter normas de punição para violência de professores e funcionários contra alunos e vice-versa;
- Ter normas sobre deveres de professores e demais funcionários para com o corpo docente, como a obrigação da assiduidade e pontualidade, e de ministrar aulas de qualidade, evitando-se o abuso de poder dos professores e funcionários.
- Sensibilizar o corpo docente a respeito das questões relacionadas à violência seja entre alunos, seja entre esses e os professores e funcionários;
- Reforçar programas relacionados a culturas juvenis, sexualidade e drogas entre outros, para o corpo técnico-pedagógico da escola e demais envolvidos no ambiente escolar.

A participação do educador e gestor neste processo é necessário e essencial, pois por meio desta atuação é que se deve propiciar ao aluno, meios para uma aprendizagem significativa e um ensino de boa qualidade permitindo assim sua inclusão no mundo da cultura da ciência, da arte e do trabalho.

A escolha do tema se deu principalmente devido a necessidade de reação por parte dos sujeitos da educação, isto porque o problema da indisciplina vem crescendo e piorando a cada dia dentro de nossas escolas principalmente em nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARI, Marco. **Violência é assunto da escola, sim!** São Paulo: Editora Abril, Ano XXI. BUARQUE, Aurélio: **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2004.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- CORTEZ, M.C. “**À Sombra do Fracasso Escolar: a Psicologia e as Práticas Pedagógicas**”. In Estilos da Clínica. Ano III. N. 5, 1998.
- FREUD, S. (1914b). “**Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar**”. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol.XIII. Rio de Janeiro:Imago, 1998.
- LEANDRO. Lajonquièrre de. “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**”. Editora Moderna, 1996.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973. TAILLE, Yves De La. **As três Dimensões do limite**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos: **Disciplina-Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

## CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

**Autor(a):** Érika Massu de Oliveira

## RESUMO

Buscando entender a questão da evasão escolar, este estudo teve como objetivo conhecer os fatores associados ao abandono ou desistência da educação escolar, por meio de uma revisão da literatura. A evasão é decorrente de diversos fatores causais. É um tema que integra os debates e reflexões no âmbito da educação pública e que ainda ocupa um significativo espaço no cenário das políticas públicas e da educação em particular. Pode-se afirmar que a evasão escolar é multicausal e dependente do contexto socioeconômico.

**Palavras-chaves:** evasão escolar, fatores causais, educação pública, contexto socioeconômico.

## INTRODUÇÃO

A evasão escolar é um problema que afeta o resultado dos sistemas educacionais. As perdas de estudantes que iniciam, mas não terminam seus cursos são desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos. No setor público, são recursos públicos investidos que não terão retorno. Em qualquer caso, a evasão é uma fonte de ociosidade de professores, funcionários, equipamentos e espaço físico como descreve o autor Silva Filho (2007).

Haddad, Carvalho e Saraiva (2008) transmitem que dados do Ministério da Educação e Cultura e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação, mostram que as taxas de evasão escolar e de repetência apesar de terem diminuído durante os últimos anos, ainda apresentam níveis elevados. Os indicadores combinados causam atrasos significativos na progressão escolar dos alunos e altas taxas de distorção idade/série, indicador relevante da baixa produtividade do sistema educativo brasileiro.

Uma apreciação dos trabalhos mais recentes produzidos por pesquisadores da área da psicologia escolar, da pedagogia e da educação pode revelar uma aparente articulação de diferentes e até antagônicos discursos sobre o fracasso escolar conforme afirma os autores Paula e Tfouni (2009).

A falta de estrutura familiar impede e interfere na educação, onde a ausência de diálogo e comunicação,



o afeto, carinho e atenção dados pelos próprios familiares estão deixando de existir, em meio a um conflito social onde as classes se diferem em preconceitos raciais, financeiros, político, religiosos e outros. Ao focalizar a educação de jovens com algum tipo de necessidade observa-se que os envolvidos no processo, educadores e família, muitas vezes não percebem a necessidade de permanência desses jovens na escola, já que eles não aprendem como os demais.

Além disso, verifica-se que a falta de interesse da juventude nos estudos sempre foi um tema abordado e discutido, mas nunca solucionado. A princípio, infere-se que o abandono da escola pelos jovens ocorre por questões econômicas. Porém, além das necessidades econômicas são colocadas em pauta questões ideológicas que indireta ou diretamente colocamos jovens para fora da escola.

No Brasil, o descaso com a evasão escolar é traduzido na dificuldade em se encontrar pesquisas com estatísticas sobre o assunto.

Este artigo de cunho teórico fundamentou-se em uma revisão da literatura sobre evasão escolar na adolescência, recorrendo-se à consulta a livros, artigos, textos digitais e periódicos, como objetivo conhecer os fatores associados à grande demanda de abandono ou desistência da educação. Buscou-se assim, contribuir para o entendimento da questão da evasão escolar na adolescência sob o ponto de vista de diferentes autores.

O artigo está dividido nessa introdução e mais três seções, uma que trata da questão do fracasso escolar, outra com uma breve descrição sobre a evasão escolar e a terceira descreve as causas da evasão escolar na adolescência. Por último, são tecidas as considerações finais.

## A QUESTÃO DO FRACASSO ESCOLAR

De um modo geral, os estudiosos interessados em compreender o fracasso escolar, procuram analisá-lo a partir de duas diferentes abordagens: a primeira, que busca explicações a partir dos fatores externos à escola, e a segunda, a partir de fatores internos. Dentre os fatores externos relacionados à questão do fracasso escolar são apontados o trabalho, as desigualdades sociais, a criança e a família, e dentre os fatores intraescolares são apontados a própria escola e o professor.

Segundo Patto (1992), as explicações para o fracasso escolar nas classes populares têm apresentado diferentes ideias, desde explicações de cunho racista e médico até a teoria de carência cultural. Independente das explicações serem basicamente diferentes entre si têm em comum o fato de situarem as causas das dificuldades escolares nos alunos e em suas famílias, tendo em vista a patologização das dificuldades escolares

atribuídas às crianças pobres. Esse argumento isenta a escola de responsabilidade, cria uma concepção simplificadora do aparato psíquico do pobre, ou seja, é menos complexo do que o de outras classes sociais, o que leva à busca de soluções mais simples e baratas para suas dificuldades emocionais.

Angelucci et al. (2004) explicam que ao longo da história do estudo sobre o fracasso escolar, foram defendidas diversas teorias elaboradas a partir de pesquisas educacionais, tais como: problema psíquico - culpar as crianças e seus pais; problema técnico - a culpar o professor; questão institucional - a lógica excludente da educação escolar; questão política - cultura escolar, cultura popular e relações de poder. Dentre os tipos de fracasso escolar encontra-se a evasão.

Preconceitos e estereótipos são os eixos que norteiam a prática pedagógica em que os indivíduos oriundos de classes menos favorecidas são considerados mais agressivos, desinteressados e inconstantes. Certamente, encontra-se aí a formulação de que o pobre é o depositário de defeitos. Tal teoria advoga que a criança, produto da privação cultural, demonstra deficiências nas funções relacionadas às operações cognitivas (PATTO, 1991 apud FARIAS, 2007, p. 237).

Paula e Tfouni (2009) entendem que o conhecimento da questão social envolvida no fenômeno do fracasso escolar é de importância fundamental para os profissionais de Educação, incluindo-se aqueles que trabalham com orientação profissional, pois o grau de escolaridade é o principal critério que sustenta a forma de divisão social do trabalho.

Damiani (2006) aponta que a investigação acerca do fracasso escolar, denuncia a não uniformidade do processo de escolarização em todas as instituições de ensino, aliado ao fato de que o rendimento acadêmico dos estudantes está fortemente associado a características da cultura desenvolvida em cada uma delas, associação esta, que pode, inclusive, alterar as correlações estatísticas existentes entre fracasso e determinadas características pessoais e familiares dos estudantes, encontradas tanto no Brasil, como em outros países.

Farias (2007) observa que durante muitas décadas, a ideia de fracasso escolar era concebida como algo relativo às possíveis deficiências e incapacidades do aluno de se ajustar aos modelos formulados pela instituição de ensino. Apontava-se para o processo de maturação do aluno em termos de atraso ou falta e, em alguns casos, levantavam-se questões sobre a ineficácia do método ou carência cultural. Considera-se pertinente assinalar que os termos dificuldade ou distúrbio de aprendizagem têm seu equivalente em fracasso escolar. Muitas causas são apontadas na literatura como responsáveis por essa situação, entre elas aparece a desnutrição proteico-calórica,

sem dúvida uma das carências nutricionais mais importantes no Brasil, levando a lesões irreversíveis no sistema nervoso central, quando acomete crianças no início da vida. A má alimentação é apontada como um dos fatores responsáveis pela evasão de boa parte dos alunos.

Patto (1992) lembra que a desnutrição foi apontada durante muitas décadas como a grande causadora dos índices do fracasso escolar, não era necessariamente (ao menos no seu estudo e na época em que foi realizado), um obstáculo significativo para a escolarização. É fato comprovado que as crianças atingidas com mais severidade pela falta de proteínas e calorias nos primeiros anos de vida, não estavam em número significativos nas escolas.

Segundo Ribeiro e Almeida (2006), o fracasso escolar é visto pela escola como consequência de dificuldades do aluno e da família.

Paula e Tfouni (2009) consideram importante ressaltar que o peso atribuído à cultura escolar por autores que adotam a teoria da diferença cultural não implica uma revisão do modelo de Educação vigente na sociedade brasileira. O que ocorre é um deslocamento da responsabilidade para cada escola, de uma forma independente, colocando sobre a capacidade do professor, de saber lidar com as diferenças trazidas de casa por cada aluno, a determinação do sucesso ou fracasso do aluno.

## EVASÃO ESCOLAR

Silva Filho et al. (2007) afirmam que a evasão é um dos problemas que afligem as instituições de ensino em geral. A busca de suas causas tem sido objeto de muitos trabalhos e pesquisas educacionais.

Papareli (2001) destaca que os números de evasão e reprovação na escola pública nunca foram animadores para os estudiosos da realidade educacional brasileira. Análises estatísticas mostraram que o aluno brasileiro permanecia em média oito anos e meio na escola, mas apenas três entre 100 concluíam o primeiro grau sem repetência. Com relação à seletividade escolar, o processo de reprovação atingia principalmente os alunos da rede pública, tanto estadual quanto municipal, notadamente os segmentos mais pobres das classes populares.

Como lembra Alaminos (2005), ao se reconhecer a Educação como um direito inerente a todo cidadão, é possível questionar se a dificuldade de permanência de jovens na escola poderia apresentar causas de cunho semelhante às apresentadas à permanência dos alunos que sofrem algum tipo de preconceito, como os portadores de necessidades especiais, de classe social menos favorecida, além da raça e cor.

O nível de evasão escolar reflete a situação da educação no país. Evasão escolar é um fenômeno complexo que deve ser entendido a partir da situação econômica do país e o contexto educacional

(TRAMONTINA et al., 2002).

## CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR

Dentre as principais causas da evasão escolar encontram-se:

### Família e escola

Patto (1992) acentua que professores e escola tendem a atribuir o fracasso escolar à incapacidade dos alunos e ao desinteresse e desorganização de suas famílias.

Sposito (2005) ao expor a questão da educação, teoriza a respeito da desregulação e da descronologização dos ciclos de vida que assolam as experiências dos jovens por meio da crise das instituições família e escola, no que se refere à garantia da passagem do jovem para a vida adulta, com sua entrada no mundo do trabalho. Defende que essas instituições não procuram controlar o processo da socialização do jovem, o qual também recebe influências de diversas outras instâncias, como a convivência grupal, o lazer, o consumo e a produção cultural, ou seja, propõe as desinstitucionalizações para que o adolescente possa viver de forma diferente de como as gerações anteriores viveram. Propõe uma mudança completa no sistema educacional, ou seja, um rompimento com a estrutura escolar tradicional de modo a inovar a educação e, conseqüentemente, atrair o aluno para a escola.

A família continua sendo importante, particularmente para os jovens mais pobres, pela estabilidade financeira e simbólica que propicia, não presentes nas ações governamentais. Acrescenta que embora suas experiências socializadoras não tenham aderência absoluta às esferas da escola e do trabalho, os jovens ainda as consideram importantes. Desse modo, a juventude no Brasil também continua sendo construída pela família, pelo trabalho e pela escola (SPOSITO, 2005).

Para Sposito (2005, p.103): *"Não é possível desconhecer que as desigualdades econômicas continuam a delimitar os horizontes possíveis de ação dos jovens nas suas relações com a escola e o mundo do trabalho"*. Sposito (2005, p.103): As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. A escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Segundo Alaminos (2005), num país de desigualdades como o Brasil, no qual muitas famílias vivem em condições de miséria, há grande probabilidade de um jovem ver-se obrigado a buscar meios de subsistência em detrimento da

continuidade de sua vida escolar. Esta é uma situação incontestável.

Dáí pode surgir um dos motivos da evasão escolar: um distanciamento do conhecimento ofertado ao aluno das suas necessidades, particularmente se estes alunos vivem uma realidade diferente da realidade esperada.

Em relação à escola, Ribeiro e Almeida (2006) explicam que o fracasso escolar é visto pela escola como consequência de dificuldades do aluno e da família.

Para Paparelli (2001) o sistema escolar é o principal implicado na produção do fracasso escolar, sendo grande o número de estudos que já revelaram isso.

Patto (2007) ressalta que a cada publicação de resultados de pesquisas dos níveis de aprendizagem de alunos da rede pública brasileira de ensinos Fundamental e Médio que confirmam a precariedade da escola oferecida às crianças das classes populares, surgem editoriais e reportagens na mídia que denunciam os fatos.

Alaminos (2005) transmite que ao refletir sobre as causas da evasão escolar depara-se com questões relativas ao preconceito. Discute-se assim, com base nessa constatação, se a saída dos jovens da escola, em sua maioria os pobres, não é fruto de concepções ideológicas que minimizam a importância e a necessidade de escola para quem possui diferenças em relação à normalidade e à expectativa vigentes.

Usuários dessa escola, com os quais se convive no cotidiano, referem-se com frequência a filhos ou parentes que estão nas últimas séries do Ensino Fundamental ou mesmo Ensino Médio e mal conseguem ler. Alunos e ex-alunos do Ensino Médio regular ou Supletivo falam do quase nada que lhes é ou foi ensinado. A improdutividade dos ensinos Fundamental e Médio como principal produto da escola pública, há muito apontada na literatura especializada, atingiu proporções inaceitáveis (PATTO, 2007).

A cada crime chocante cometido por jovens destituídos de todos os direitos e vítimas da barbárie contra os pobres, que atravessa a história do Brasil, o discurso dominante destaca uma concepção de escola como instituição salvadora, que tem a impossível missão de tirar das ruas crianças e jovens moradores nas áreas urbanas mais precárias das cidades e, assim, reduzir os índices de criminalidade, seja ensinando-lhes princípios de moral e bons costumes, seja fornecendo-lhes um diploma ilusório que não lhes garantirá emprego em tempos de desemprego estrutural (PATTO, 2007).

São criadas bolsas-família que tornam obrigatória a frequência à escola das crianças das famílias beneficiadas, não importa a qualidade do ensino oferecido, e proliferam-se programas educativos desenvolvidos por organizações não-governamentais que não concebem a educação como direito à formação intelectual, ou seja, à informação que fundamenta a reflexão e mobiliza a práxis, mas ensinam, em caráter assistencialista e a título de "inclusão social", passos de capoeira, noções de algum esporte, padaria e confeitaria, arremedos de

artesanato, às vezes nos próprios prédios escolares (PATTO, 2007). *Alaminos (2005, p.3) questiona: “Os pobres e os negros, assim como os deficientes, aprendem como os demais? Para que permanecer na escola se eles não irão disputar vagas nas melhores universidades e nem irão ocupar cargos de destaque no futuro?”*.

A questão do preconceito está intimamente vinculada à saída dos jovens da escola, pois, mesmo tendo que trabalhar, é possível questionar o porquê destes jovens não continuarem seus estudos em horários compatíveis com o trabalho. Parece que ao abandonar a escola, o próprio sujeito toma para si o discurso do preconceituoso.

De um modo geral, Patto (2007) entende que as reformas, os projetos educacionais e o entendimento das dificuldades crônicas de escolarização que assolam grande contingente dos alunos da rede pública de ensino têm-se norteados por uma longa paráfrase de uma concepção fundamental: os pobres são menos capazes, mais ignorantes, mais propensos à delinquência seja por motivos constitucionais, seja por deficiências no ambiente familiar, lido em chave moralista, motivo pelo qual, no discurso oficial, uma das concepções mais marcantes da função social da escola ao longo da história do pensamento educacional brasileiro, é, explícita ou implicitamente, a de prevenção da criminalidade, o que praticamente anula a escola como instituição que tem o dever de garantir o direito de todos ao letramento e ao saber.

### **Trabalho e evasão escolar**

Paparelli (2001) ressalta que a literatura que investiga o trabalho infanto-juvenil praticamente desconsidera a história escolar da criança e do adolescente, que no caso das classes populares é frequentemente marcada por reprovações, problemas no processo de escolarização, interrupções, como aspecto importante para o estudo sobre as causas do ingresso precoce no trabalho.

Guzzo e Euzébios Filho (2005) entendem que a evasão escolar e a defasagem idade/série parecem estar diretamente relacionadas à necessidade de complementação da renda familiar. A desigualdade de renda também se configura como parte dos índices de defasagem idade/série. Regiões como o Norte e o Nordeste (duas regiões que concentram o maior número de pobres e miseráveis no país) são as que apresentam um número maior de pessoas de quatorze anos na situação de defasagem escolar. Mesmo no caso daquelas regiões consideradas mais ricas, como é o caso do Sul e Sudeste, os índices de defasagem são altos.

O trabalho tem por consequências positivas o desenvolvimento do hábito de trabalhar, do sentido do valor, do gosto da disponibilidade do dinheiro, da capacidade de fruir (comprar as próprias coisas), da independência relativa ao grupo (PAPARELLI, 2001).

A necessidade de complementação da renda familiar é uma realidade que permeia o cotidiano das

famílias mais pobres, o que interfere diretamente no rendimento escolar dos alunos. Esse quadro reflete uma situação generalizada de analfabetismo, o que, em uma sociedade que exige determinados níveis de capacitação técnica e de estudo para a inserção no mercado de trabalho, acaba por servir à lógica dominante, pois mantém uma reserva de mercado e perpetua a divisão social do trabalho, diferenciando o trabalho manual e intelectual (GUZZO; EUZÉBIOS FILHO, 2005).

O fracasso escolar tem relação com a contradição que organiza a sociedade em diferentes e classes sociais opostas, na medida em que a educação (ou grau de escolaridade) é utilizada como um critério de classificação social, pois é justamente ela que garante e autentica a divisão social do trabalho da forma como se encontra na sociedade contemporânea. É neste sentido que todas essas tentativas de eleger uma variável única e genérica como causa do fracasso escolar falham, pois elas buscam fornecer uma justificativa para a existência da exploração e da dominação entre os homens, ou seja, para uma contradição fundamental (PAULA; TFOUNI, 2009).

O sistema educacional raramente está adequado para atender às capacidades e necessidades das crianças das camadas mais pobres, estimulando um número significativo desses jovens a deixar a escola. Por essa razão, em países como o Brasil, frequentemente os adolescentes deixam a escola para trabalhar e as crianças em idade escolar ficam fora da escola para cuidar dos irmãos mais novos (TRAMONTINA, 2002).

Alaminos (2005) verifica que existem causas diversas daquelas usualmente tidas como responsáveis pela saída dos jovens da escola, diretamente relacionadas às dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias que obrigam o jovem a entrar no mercado de trabalho para complementar o orçamento familiar, como apontam os dados de diversas pesquisas.

Papareli (2001) relata que para alguns autores, no caso de crianças a participação no mercado de trabalho e a evasão escolar estão mais relacionadas à falta de recursos econômicos da família do que no caso dos adolescentes. Considerando ainda, que a realidade do aluno trabalhador não é contemplada pela escola, pode-se supor que fatores intra escolares devam ser no mínimo, co-responsáveis por essa diferença nos índices de insucesso escolar entre alunos que trabalham e alunos que não trabalham.

Tramontina et al. (2002) consideram que condições sociais como pobreza, relações familiares e violência são elementos que influenciam no índice de abandono escolar, acrescentando-se a esses fatores outro dado importante, que é a motivação dos alunos. Neste sentido, vale reiterar as considerações de Sposito (2005) de que a escola para estes jovens padece de uma contradição, isto é, ainda que seja percebida como uma necessidade em relação ao futuro, hoje carece de sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil enfrenta o grave problema do fracasso escolar representado pela reprovação e evasões. O fracasso escolar é um dos problemas do sistema educacional bastante discutido. Apesar da importância do tema, da prevalência e da sua associação com uma série de fatores, a evasão escolar ainda um fenômeno pouco estudado.

Contudo, muitas vezes procuram-se os responsáveis pelo fracasso e, a partir daí, surge um jogo de atribuições de responsabilidade: a criança, a família, uma determinada classe social, todo um sistema econômico, político e social. No entanto, sabe-se que a evasão é decorrente de diversos fatores causais, não sendo possível atribuí-la a uma determinada causa e nem identificar um fator isolado.

Diversos fatores contribuem para a evasão escolar, a maioria é gerada dentro da própria escola como a repetência escolar. A evasão escolar diante da análise e de vários fatores sociais, culturais, históricos e econômicos, apresenta diferentes causas e consequências. A própria dinâmica da escola é apontada como responsável juntamente com o apoio pedagógico e professores. Dentre os principais fatores a falta de dinâmica dos professores que tornam as aulas repetitivas, sem criatividade e cansativas, as condições precárias das escolas, a falta de estrutura familiar, a violência dentro de casa, a falta de apoio dos pais e as necessidades dos alunos trabalharem mais cedo para ajudar no orçamento familiar.

Muitos adolescentes participam da geração da renda para o sustento da família, em atividades da economia alternativa. Este é um fator responsável pela maior evidência de evasão e insucesso escolar e, por conseguinte pelos altos índices de analfabetismo e sub escolarização. A escola também é apontada como responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos das escolas públicas, tomando como base explicações que variam desde o seu caráter reprodutor até o papel e a prática pedagógica do professor. Pode-se assim afirmar que a evasão escolar é multicausal e dependente do contexto socioeconômico.

A partir desse estudo verificou-se que algumas causas para a evasão escolar já são conhecidas e apontadas na literatura, porém, outras requerem reflexão por parte dos educadores e pais, principalmente aquelas ligadas às questões educacionais.

## REFERÊNCIAS



ALAMINOS, Cláudia. Evasão escolar na adolescência: necessidade ou ideologia? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE. **Proceedings online**, São Paulo, maio 2005. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.phpscript>>. Acesso em: 17abr. 2011.

ANGELUCCI, Carla Biancha et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-72, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a04v30n1.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2011.

DAMIANI, Magda Floriana. Discurso pedagógico e fracasso escolar. **Ensaio: Avaliação Política Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mar. 2011.

FARIAS, Francisco Ramos de. O fracasso escolar no cenário das patologias da contemporaneidade. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 232-244, dez. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v59n2/v59n2a12.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

GUZZO, Raquel Souza Lobo y EUZEBIOS FILHO, Antonio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos Educ.**, v.4, n.2, p.39-48, dez.2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=s&nrm=iso>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

HADDAD, Sérgio; CARVALHO, Ludmila; SARAIVA, Sabine. Uma avaliação da participação da sociedade civil e da colaboração interministerial no Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE. Estudo de caso Brasil 2008. **Ação educativa**, São Paulo, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/pesquisaportugues.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

LOLIS, Dione; LIMA, Jane Cristina Franco de. Evasão e demanda escolar nas favelas e assentamentos: região leste de Londrina. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 2, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.ssrevista.uel.br/n2v2.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

PAPARELLI, Renata. **Trabalho precoce e escolarização: uma trama complexa**. São Paulo: Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estud. Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 243-266, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a16v2161.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

\_\_\_\_\_. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicologia**, USP, v. 3, n. 1-2, p. 107-121, 1992.

- PAULA, Fernando Silva; TFOUNI, Leda Verdiani. A persistência do fracasso escolar: desigualdade e ideologia. **Revista Bras. Orientação Prof.** São Paulo, v. 10, n. 2, p. 117- 127, dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scr&lng=ptnrm=iso>>. Acesso em: 30 mar. 2011.
- RIBEIRO, Daniela de Figueiredo; ALMEIDA, Antonio dos Santos. A assimetria na relação entre família e escola pública. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 385-394, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a09.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo et al. A evasão no ensino superior brasileiro. **Cad.Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0737132.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2011.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre juventude e escolano Brasil. In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.
- TRAMONTINA, Silzá et al. Retardo mental estimado e evasão escolar em uma amostra de estudantes da rede estadual de Porto Alegre. **Revista Bras. Psiquiatr.**, v. 24, n. 4, p. 177-81, out. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n4/12725.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.